



# REVISTA

da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

APOIO CULTURAL



**FUNDAÇÃO  
DE CULTURA**  
DE MATO GROSSO DO SUL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



# REVISTA

da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 16

Janeiro de 2010

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2010  
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

16ª Edição - Janeiro de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/  
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

160p

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

**CDD - 869**

**Projeto Gráfico:** Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

**Capa (Criação e Finalização):** Endrigo Valadão

**Coordenação:** Reginaldo Alves de Araújo

**Diagramação:** Mota Junior

**Revisão Final:** Valter Jeronymo e Geraldo Ramon Pereira

**Impressão e Acabamento:** Gráfica Viena



**Diretoria (2008/2011)**

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **Valmir Batista Corrêa**

Tesoureiro: **Guimarães Rocha**

Segundo Tesoureiro: **Augusto César Proença**



**Life Editora**

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) **3362 5545** - Cel. (67) **9263 5115**

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,  
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



# APRESENTAÇÃO

Tendo a função extraordinária de exercer garbosamente a deslumbrante finalidade de difundir a cultura literária do Estado de Mato Grosso do Sul, em todos os seus quadrantes, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras tem recebido mensagens de congratulações enjando aplausos à magnífica prova de vitalidade, de força, de brilho nas edições das revistas, esta é a de número 16, proposta ovacionada por um povo entusiasta de uma cultura que vicejou e tem de continuar a ser uma inflorescência no mundo de hoje.

Esse seguro e dinâmico avanço editorial do nosso sodalício é a continuação de um fantástico projeto que, com garra e determinação, obtém no seu semear imorredouras e inesgotáveis fontes de rendimento à cultura sul-mato-grossense, um sonho que embala e revigora os artistas da palavra, na expressão maior da dócil simplicidade.

Inclusos estão, nesta edição, textos primorosos em prosa e verso, como luminosos combinadores de ingredientes literários dos nossos confrades, verdadeiros espelhos de cristalino reflexo do nosso decantado saber.

A segunda parte da revista é dedicada vultosas páginas aos contos premiados (1º, 2º e 3º lugares, conforme edital publicado), tradicional, concorrido e festejado CONCURSO ULISSES SERRA, realizado pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, entre os meses de outubro e novembro do ano (2009), contendo, também, um espaço dedicado as fotos referentes aos Chás da Academia.

Felizes, honrosos e agradecidos registramos, através de uma formidável parceria, a mão estendida do Governador André Puccinelli, tendo efetiva participação do presidente da Fundação de Cultura de MS,

Américo Calheiros, no arrojado projeto da edição de mais esta revista, com fulgor, o avanço literário de Mato Grosso do Sul.

Ao nossos acadêmicos, que tanto fizeram para o brilho desta edição, nossos agradecimentos.

**Reginaldo Alves de Araújo**

*Presidente*



# SUMÁRIO

## **Homenagem a Zorrillo de Almeida Sobrinho . 09**

### **Antologia . 29**

Américo Calheiros . 31

Augusto César Proença . 35

Geraldo Ramon Pereira . 39

Frei Gregório de Protásio Alves . 43

Guimarães Rocha . 47

Heliophar de Almeida Serra . 55

Jorge Antônio Siúfi . 61

José Couto Vieira Pontes . 63

José Pedro Frazão . 67

Maria da Glória Sá Rosa . 73

Nelly Martins . 81

Reginaldo Alves de Araújo . 87

Rubenio Marcelo . 93

Valmir Batista Corrêa . 103

### **Chá Acadêmico da ASL - Fotos . 107**

### **Concurso de Contos Ulisses Serra . 119**

### **Relação dos Acadêmicos . 153**



# HOMENAGEM



## Zorrillo de Almeida Sobrinho

*Zorrillo de Almeida Sobrinho nasceu em Fortaleza, estado do Ceará em 1927, filho de Humberto Façanha de Almeida e Luzia Torres de Almeida (Dondon). Casou-se com Maria Aldenora Mesquita de Almeida com quem teve os filhos: Maria Luiza, Luzia, Murilo, Artemisia, Jacqueline, Guaraci e Marília.*

*Fez seus primeiros estudos em Sousa na Paraíba, no Grupo Escolar Professor Batista Leite. Em seguida, mudando-se para Fortaleza, fez o primário no Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, por volta de 1937 a 1939, quando, retornando a Sousa, cursou os dois primeiros anos da Escola Normal Rural São José em 1940-1941. Novamente em Fortaleza, frequentou o curso ginasial no "Liceu do Ceará", de 1942 a 1945, vindo a concluir o ginásio e o científico no "Colégio São João", também em Fortaleza no período de 1948 a 1951.*

*Transferiu-se para São Paulo, como funcionário do Banco do Brasil e ingressou na Faculdade de Direito de Sorocaba onde se bacharelou no ano de 1963. Pertenceu a Associação de Novos Escritores de MS – ANE e também aos quadros da UBE-MS e do Sul-Frater Rosa Cruz (FRC).*

*Foi membro fundador da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil (ALBB), sediada no Rio de Janeiro-RJ e da cadeira nº 25 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras de Mato Grosso do Sul. Faleceu em Campo Grande-MS em 25 de dezembro de 2009.*



Foto: Valter Jeronimo





## **Apresentação do último livro lançado por Zorrillo de Almeida Sobrinho**

(em 10/11/2009)

### **Humberto Façanha de Almeida – Meu Pai & Outros Escritos**

Mais uma vez a nossa Literatura encontra-se em festa, eis que recebe um novo livro do exímio e fecundo escritor cearense Zorrillo de Almeida Sobrinho, membro titular da Cadeira nº 25 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, membro fundador da Cadeira nº 2 da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, e autor de 14 obras publicadas.

Radicado em Campo Grande-MS há quase três décadas, natural de Fortaleza e Cidadão Sousense (título que merecidamente recebeu, no ano de 1993, da Câmara Municipal de Sousa - PB), o autor de *“Humberto Façanha de Almeida – Meu Pai & Outros Escritos”* vem nesta ocasião – com este compêndio – homenagear o seu querido genitor, bem como também prestar preito à memória e, especialmente, celebrar as evocações da sua estimada Sousa (terra natal de sua mãe, Sra. Luzia Torres de Almeida – *D. Dondon*), cidade paraibana onde Zorrillo residiu com sua família, fez seus primeiros estudos, teve contato com a sua primeira professora (Maria do Céu Benevides) e [após cursar parte do primário em Fortaleza - 1937/39] frequentou os dois primeiros anos da escola Normal Rural São José (1940/41): *“Do amor platônico em Fortaleza não tenho a mesma sensação que guardo de Sousa”*.

A propósito, no seu livro *“Crônica das Cidades Amadas”* (1994), Zorrillo enfatiza: *“Sousa é, para mim, como aquele ponto luminoso no horizonte, quando do nascer do sol, na aurora da minha vida (...) Tudo*

*que é poético, romântico e belo, está associado, em minha infância, a Sousa*"; e continua, noutro trecho: *"Sou cearense, mas o tempo passado em Sousa, os afetos, a estima às pessoas, me fizeram passar a me sentir, às vezes, paraibano. Vibro pelos êxitos dos paraibanos tanto quanto pelos dos cearenses"*. Já no livro *"Meus Amigos de Outrora ou Crônica de meus amigos queridos"* (Ed. Uniderp, 2006), ele assim se expressa ao mencionar esta urbe altaneira encravada no sertão semiárido nordestino (a "Cidade Sorriso", da qual - "por necessidade de realização" - teve que se ausentar ainda muito jovem): *"as lembranças de Sousa – meu país da saudade – tenho muito bem gravadas..."*.

Permeando emoção e vigor descritivo, numa narrativa bem concatenada e assaz envolvente, o autor relata, em trechos desta presente obra, as manifestações latentes da sua retrovivência: máxime reminiscências douradas da sua meninice e da sua mocidade, sublinhando os aspectos familiares e telúricos ao longo do tempo; bem como exaltando a importância do exercício natural das recordações fraternas e o registro verdadeiro dos buliçosos e marcantes acontecimentos da sua existência.

Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais (Direito) pela Faculdade de Direito de Sorocaba (SP), Zorrillo de Almeida Sobrinho apresenta também o seu belíssimo discurso de formatura, que foi proferido por ele (como Orador da Turma Rubens Teixeira Scavone), no Sorocaba Clube, no longínquo ano de 1963. Compendia ainda outros discursos igualmente aprazíveis e entremeados de recursos literários e efeitos poéticos, como, por exemplo, o seu magnífico Discurso de Posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (noite de 14/08/2002), o discurso por ocasião da justa homenagem que recebeu da União Brasileira dos Escritores de Mato Grosso do Sul - UBE/MS (25/05/2008), o discurso no evento de autógrafos do livro "O Paladino do Pantanal" (do escritor Reginaldo Alves de Araújo), e outros referentes a outros lançamentos literários dos quais participou; além do consistente e didático tópico *"Agripa Vasconcelos - O Homem e a Obra"* (Discurso de Posse, pronunciado na noite de 25/03/1997, na Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil - RJ),

que – com riqueza de detalhes – destaca a importância [e enfatiza a obra] do imortal escritor mineiro Agripa Vasconcelos, o seu insigne patrono naquele sodalício cultural.

No excerto intitulado “Outros Escritos”, Zorrillo reúne uma coletânea de textos de tonalidade vária, uns homenageando e rememorando familiares, como em “*Urânia*” (dedicado ao seu primo Rubens de Azevedo, astrônomo, escritor, aquarelista e emérito professor cearense), e “*Homenagem merecida ao escritor e poeta Sânzio de Azevedo*” (também primo legítimo do autor desta obra, poeta sonetista dos melhores da literatura nacional, e imortal da Academia Cearense de Letras). Outrossim, esta parte do livro enfeixa ainda outros escritos especialíssimos, como os densos ensaios “*O Modernismo e a Semana de Arte Moderna*” e “*Comentário sobre a obra e a vida de algumas figuras do Movimento Modernista*”, que enfatizam as características, nuances e curiosidades daquele inolvidável acontecimento de vanguarda (e seus protagonistas) e da chamada “Semana de 22”, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, entre 11 e 18 de fevereiro de 1922.

No segmento “Artigos publicados na imprensa”, vamos encontrar outra gama magistral de textos em prosa [de temática eclética], dotados de impressionante sensorialidade, amalgamando conhecimentos universais, literários, biográficos e históricos, e diversas informações humanísticas com vigorosas reflexões filosóficas e a hermenêutica do metam/órfico semblante do cotidiano.

Num misto de nostalgia e sensação de dever cumprido, qual num périplo zeloso pelas fronteiras do íntimo, Zorrillo corporifica intensamente o universo das suas imagens mnêmicas e perspectivas, e percorre as inefáveis sendas dos sentimentos habituais, balizando e processando as informações pelo ângulo de refração das ocorrências naturais e pelos espectros palpáveis das realidades sentidas. Em “*Humberto Façanha de Almeida – Meu Pai & Outros Escritos*”, há identidade cristalina, vinculação manifesta entre autor e narrador (e demais personagens), como também harmonioso psicodinamismo em toda energia constitutiva desta esplendente obra.

Ser humano de grande caráter, sincero e cordial, frater rosacruz, iluminado escritor (dotado de vasta cultura e lúcida verve), Zorrillo de Almeida Sobrinho possui a literatura introjetada no seu *modus vivendi* e assim, senhor do seu ofício – para a felicidade de todos os seus leitores e amigos – escreve incansavelmente (e com insofismável talento).

Sinceros parabéns, valoroso confrade Zorrillo, por mais esta brilhante obra!

**Rubenio Marcelo**

*Da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*

*Da Academia Maçônica de Letras de MS*



## **Posfácio do último livro lançado por Zorrillo de Almeida Sobrinho**

(em 10/11/2009)

### **Zorrillo revê as próprias origens e mostra sua face madura e livre**

Há uma coisa a que se busca mais que ao amor e essa coisa se chama liberdade. Efetivamente é daí que se salta para se manter – o homem – no infinito e compreendê-lo, e não das outras estâncias em que estagiamos, patamares esses todos, anteriores à grande vitória da liberdade. O que é que se busca por meio dos grandes sentimentos, a não ser a consciência livre, substrato de tudo que somos? Mesmo o amor, reconhecido como o mais importante, quando não liberto se faz apenas ganga (resíduos) das paixões, possessibilidade e vampirismo; e canga (sujeição) emocional. O amor, síntese de todas as buscas, só o é de verdade quando livre.

O livro “Humberto Façanha de Almeida – Meu Pai, e Outros Escritos”, de Zorrillo de Almeida Sobrinho é uma espécie de romance cósmico de liberdade, pois, viajando por universos revela tantos lances de uma história pessoal galvanizada ao coletivo; da consolidação da própria identidade ao desenvolvimento de intelectualidade fina, empenhada em contribuir na elevação do conjunto, mas não comprometida com a parcialidade estanque.

Zorrillo de Almeida Sobrinho, que ocupa a cadeira 25 da Academia Sul-mato-grossense de Letras, patrono Arnaldo Serra, anteriormente ocupada por Luís Alexandre de Oliveira – em memória, agora nos traz mais uma de suas dezenas de obras. Livro feito sob medida para os que amam a sutileza e o detalhamento psicológico de ambientes, situações, percepções e concepções, cadinho em que a nossa inteligência se exercita e eleva.

O autor principia pela retomada das próprias origens, agora enfocando e evocando a figura paterna e a infância em Sousa-PB. Saborosamente e sem pressa traz reminiscências: “uma casa onde moramos e onde me aparecia uma alma e eu tremia de medo”; “um porão no qual a gente brincava, antes de ir para as aulas no grupo escolar”; “aquela praça linda onde havia um coreto”; e as rotinas simples da alimentação interiorana segundo os costumes do século passado; as ocorrências domésticas marcando a sensibilidade de cada um. Feliz é “Nozinho (Dr. Firmo), que tem o condão de haver armazenado o passado que desapareceu”.

Viaja no tempo e constata que Sousa, a “Cidade Sorriso” mudou e “eu também mudei”. É o progresso, uma lei. Antigo domínio do ciclo das entradas ao sertão (a partir do ano de 1700) o Município esconde tesouros paleontológicos, hoje ali se acha petróleo e a população vislumbra o “primeiro mundo”.

Ledas histórias e façanhas de seu pai compõem a primeira parte do livro: “figura nimhada de uma auréola de alegria”, “idealista sim, porém mais pândego do que idealista, pelo menos o pitoresco é o que sobra de sua figura”.

Ainda jovem se pode perceber a busca consciente de Zorrillo, como no seu pronunciamento quando terminava o curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Adere: o direito é “uma realidade espiritual orientada por fins e fazendo parte de um universo também teologicamente estruturado”; e inclui que “a advocacia é militância na luta pela liberdade”.

Eterniza neste livro o que discursou em variadas ocasiões, palavras que empregou para agradecer, homenagear e disponibilizar-se. Também investiga, avalia e desdobra (temas e lutas mundiais) os conhecimentos humanos trabalhados por dezenas de personagens, transcrevendo, em função disso, diversos artigos e escritos que publicou, impressionando, não raras vezes, com o talento de proseador. Fala dos caminhos feitos e abertos pelo Modernismo. E faz questão de brindar, com sinopses, os escritores que “modificaram o panorama da literatura brasileira”.

Todo escritor tem saudades e esperanças: quando Zorrillo escreve “Sinopses”, “na primeira metade do século passado... a vida não transcorria vertiginosamente... éramos felizes...” – “O nosso velho mundo vai desmoronando e desaparecendo...” – “Sinopses! Tocai ainda pela conversão dos homens e pela paz na terra!”. E adiante propõe: “Procuremos preservar a nossa natureza ambiente porque nós estamos inseridos nela e dela vivendo”.

Zorrillo! Seu texto “Filosofia” testemunha a agonia desse estudo que desceu das nuvens com a força de Sócrates. Se o grande filósofo entendeu que nada sabe, também nós queremos ser um simples como você, desfilando beleza em sua dinâmica do absoluto. Simplicidade rica temperada pelo amor à terra, como acontece com o filho ilustre de Sousa, cordelista compositor e cantor de forró paraibano Chico Salles, que divulga: “Minhas influências são das praças e feiras da minha cidade, durante a minha infância e adolescência”.

## **Guimarães Rocha**

*Poeta escritor, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*

# **Prefácio do último livro lançado por Zorrillo de Almeida Sobrinho**

(em 10/11/2009)

## **Um Pedaco da Alma de Zorrillo**

Zorrillo de Almeida Sobrinho, da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, ofereceu-me para ler, com extrema gentileza, “HUMBERTO FAÇANHA DE ALMEIDA MEU PAI, E OUTROS ESCRITOS”, mais um livro de sua lavra. Belo livro este, gostei.

São impressionantes e cheios de graça os lances vividos pelo autor, quando criança e jovem, na queridíssima e pitoresca cidade de Souza, no estado da Paraíba, Nordeste brasileiro.

Aprendi ao fazer literatura que deve o escritor imprimir em tudo quanto escreve, um subjetivo que o venha caracterizar, devendo, também, escrever de acordo com o seu íntimo, ter um estilo diretamente vinculado ao seu EU intelectual. No meu entender Zorrillo de Almeida Sobrinho se encaixa perfeitamente nesse luminoso objetivo, evocando a saudade como bandeira maior da mensagem que pretende ofertar ao seu público leitor pondo, numa bela e sublime narrativa, uma visão que se aproxima da perfeição lírica consubstanciada nas lembranças que lhe ficaram da infância.

Para ele, segundo a sua amorosa descrição, a cidade de Souza é o regaço ameno que sem distinguir os bons dos maus, envolve a todos estimulando-lhes o gosto de viver.

Ainda posso acrescentar que “HUMBERTO FAÇANHA DE ALMEIDA MEU PAI, E OUTROS ESCRITOS” é um pedaco da alma, parcela do coração, fagulha de pensamento, esvoaçando libertos qual a inteligência do autor. Há um sopro de satisfação e ate orgulho de ZORRILLO referir-se aos anos vividos na “Cidade Sorriso” do interior

paraibano, verdadeiro santuário de intenso júbilo ao reverenciar suas paisagens e figuras humanas, dignas de serem eternizadas num livro, ainda vivas e não esmaecidas em sua memória.

O livro, na sua segunda parte, ganha contorno literário mais acentuado com os discursos proferidos na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em eventos literários do Estado de Mato Grosso do Sul, crônicas escritas nos jornais de Campo Grande e pequenas biografias de notáveis personalidades do Estado.

Finalizo dizendo que o Acadêmico Zorrillo de Almeida Sobrinho ofereceu, com a luz que lhe é natural, mais uma excelente contribuição ao acervo cultural do Estado de Mato Grosso do Sul, com este formidável “HUMBERTO FAÇANHA DE ALMEIDA MEU PAI, E OUTROS ESCRITOS”.

### **Reginaldo Alves de Araújo**

*Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e da ANE-MS*



# TEXTOS DE ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

## Se eu tivesse apenas um dia de vida

Uma amiga distante me pergunta como e o que eu faria se me restasse apenas um dia de vida. E eu lhe respondi assim: ficaria perplexo, imobilizado ou medusado pela expectativa. E acho que não procuraria fazer mais nada, ficaria em contemplação, preparando-me para a última e grande iniciação. Apenas pediria para ouvir, pela última vez a “Serenata, de Schubert”, embora cantada em alemão, porque as palavras, no caso, são irrelevantes, valendo apenas a harmonia e a beleza do som, Romance, de Tchaikovsky, e a música mais triste do mundo, do meu ponto de vista, a Elegia, de Massenet, além das cantatas de Bach, constantes do Evangelho Segundo Mateus, ou Segundo João. E me daria por satisfeito.

No momento eu me preocupo com as viagens interplanetárias, Com as descobertas da paleontologia, com a literatura, com a religião, e as suas transformações, com o destino da humanidade, quero me debruçar sobre o passado, quero me manter no presente, e o tempo é insuficiente para tanta coisa, e ainda mais a idade, sorratamente, vai me retirando possibilidades a cuidado dos sentidos, limitando o meu raio de ação.

Num dia do próximo século, ou deste, um astronauta, a bordo da estação orbital ALPHA, encontrará tempo para reflexão. Com o globo azulado da terra flutuando sob sua escotilha, avaliará o esforço de centenas de homens que o precederam no espaço. Sem tirar os olhos da terra, onde as luzes das grandes cidades parecem pálidas vagalumes, ele

pensará que a estação é quase um refúgio, comparada a sua substituta, uma obra virtual na memória dos computadores projetistas.

Quando isso acontecer talvez já tenha sido descoberto um verdadeiro sentido para a vida, se é que há. A especulação racional continua se debatendo nas malhas da incerteza, os sistemas filosóficos apareceram. Tiveram sua dominância no intelecto e se apagaram, mas nós, os atuais viventes, continuamos a olhar para as estrelas e a nos interrogar se sobreviveremos como espírito além da morte.

Se houvesse só um dia, o último, que viria à mente, do fundo da memória? Um passado já extinto e que não tem mais sentido lembrar? Um presente que é como uma prisão com um veredicto fatal? Ou pensar num futuro em que não mais estarei vendo o desenvolvimento da tecnologia e da ciência e quando a maioria das doenças que hoje afligem a humanidade estarão dominadas e curadas.

Alguém poderia ler os versos imortais da *Legenda dos Séculos*, de Victor Hugo, ou o encanto da poesia *Chanson d'Automne*, de Verlaine, ou fazer ouvir a música de Beethoven, ou ainda as cantatas imortais de Bach, que sei eu?

Agonizarei no fim da tarde, como Fernão Dias Paes Leme? Mas não terei os versos de Bilac para a plangência de minha morte. Os tempos são outros, as rimas e as métricas andam escassas, os poetas já não são embalados pelos sentimentos que duraram até o intervalo entre as duas grandes guerras deste século. O que temos hoje é um rascunho longínquo do homem que parece querer retornar a animalidade dos tempos pré-históricos. O que era idílio, delícia, harmonia, tudo desapareceu na voragem da poluição sonora.

Que deveria, pois pensar eu sobre tudo isso se já não haveria mais tempo e o roçar dos trajes da morte já estariam sendo ouvidos próximos e agourentos?

Pensarei um pouco mais sobre o tema.

O escritor e poeta argentino Jorge Luís Borges tem um verso em que ele escreveu "*la eternidad espera en la encrucijada de estrellas*".

Será que minha alma, se existir, chegará nessa encruzilhada de estrelas em busca da luz? Quando Goethe estava para morrer ele exclamou: “Luz, mais Luz!” Seria a preciência do gênio levantando o véu inconsútil do mistério?

Yourcenar e Borges disseram que a morte é o fim das interrogações e como escreveu recentemente uma amiga poetisa que morreu repentinamente todos nós choramos a vida inteira, mas os mortos não choram porque a morte é o fim da choradeira.



## As coisas perdidas

Ao longo da vida a gente vai perdendo objetos, sentimentos, amizades, sem mencionar a perda dos entes queridos que a morte levou. A Bíblia nos fala do Paraíso Perdido.

Proust escreveu um livro notável, composto de vários volumes cujo título abarcando todos eles chama-se “Em busca do Tempo Perdido”.

E muitas, portanto, são as nossas perdas. Começa quando perdemos a inocência, deixamos de acreditar em Papai Noel, e somos como Adão e Eva, expulsos do paraíso. Um dia nos acontece perdermos a fé. E essa é uma perda significativa, pois nos separa de nossas amizades e nos leva a ter outra concepção do mundo e da vida.

E continuamos a caminho do amanhã e perdendo o tempo passado.

Quanto animal doméstico de estimação um dia saiu de casa e não mais voltou? Perdeu-se.

Entre os livros queridos, perdidos durante a vida, lembro sempre um missal de papai, de capa preta, e que tinha os textos, lado a lado, em português e latim. As parábolas, em latim, começavam invariavelmente “In illo tempore...”

Quando não havia televisão as crianças se deliciavam vendo livros ilustrados, com belas gravuras, e elas, as crianças, perderam a capacidade e a curiosidade de folhear um belo livro de histórias de fadas.

As lembranças das pessoas queridas um dia, numa mudança, se perderam. E algumas se perderam tanto no tempo quanto no espaço.

Finalmente, a gente começa a perder a memória, e a saúde, o que é bastante preocupante.

O antônimo de perder é achar e há um ditado que diz: “Bom é achar dinheiro em calçada alta” (porque não precisa nem se abaixar).



## O elogio da velhice segundo Herman Hesse

Respinguei algumas pérolas da opinião do famoso Autor de “Damien” e “Sidarta” que foram dos livros mais lidos na época dos hippies pela mocidade cujo lema era “faça o amor, não faça a guerra”.

Pois bem, Herman Hesse começa o seu elogio da velhice com a seguinte exposição de desânimo e pessimismo:

“Numa Semana Santa em que os sinos enchiam o ar com o seu toque harmonioso e encantador e carregado de lembranças; lembranças dos ovos de Páscoa de cores deslumbrantes, lembranças de Jesus no Jardim de Getsêmane, de Jesus no Gólgota, da Paixão de São Mateus, das exaltações precoces, dos primeiros amores, das primeiras melancolias da juventude.

As crianças brincavam descuidosamente com bolas de gude. Eu entrei num trem onde já se encontravam outras pessoas. Durante a viagem o vento fresco acariciava meu rosto e enquanto ele me faz lembrar de recordações semelhantes a turbilhões de poeira, os sinais da velhice em mim me fazem considerar os sofrimentos que deverei padecer e a fragilidade da existência, os quais penetram minha consciência depois de haverem marcado meu corpo. Tu, pedra do caminho, tu és mais forte do que eu! Tu, árvore do prado, tu sobreviverás a mim, e talvez até tu pequeno pé de framboesa, e talvez até tu também anêmona recoberta de uma fina película de orvalho.

## Quando eu passar pela vida....

...E olhar para trás verificarei que uma mesma humanidade, composta de crianças, de adultos, e de velhos, e de homens e mulheres, existe, entretanto como escreveu o poeta Filgueiras Lima, do Ceará:

Quando eu passar no espaço e ficar no tempo,  
Outros homens andarão pelo mesmo caminho que percorri,  
Pensando o que pensei  
Amando o que amei....  
Sofrendo o que sofri...  
Mas nenhum tirará da pauta musical da existência  
A mesma nota do ritmo essencial  
Que eu faço destacar-se,  
Nítida e pura,  
Dentro do pandemônio universal

É, pois esta singularidade que nos caracteriza e nos distingue e faz de cada um de nós um indivíduo com as suas qualidades e defeitos, os seus pendores, vocação, etc.

O grande poeta alemão Goethe escreveu também sabiamente: “o que eu sinto, cada um pode sentir, entretanto, o meu coração só eu o tenho”.

E por isso, o tempo passado, apresenta-se a mim como um tempo mágico e rico.



## O espelho

Olhar um espelho sempre foi para mim como levantar a ponta de um mistério, e eu sei que, realmente, o espelho, através dos tempos, tem fascinado muita gente. Foi, em primeiro lugar, o espelho das águas

que enfeitiçou Narciso; é o da Madrasta da Branca de Neve, que era um espelho mágico e falante: “Há no mundo mulher mais bonita do que eu? Sim, Branca de Neve ainda vive”.

Em nossa vida pessoal temos que aprender que a vida é um espelho, como escreveu o romancista inglês Thackeray, um espelho que devolve sempre para nós a atitude que tomamos em relação a ele: se sorrimos o sorriso volta para nós, se fazemos careta (os pessimistas) recebemos a careta de volta.

Um espelho mágico foi o que o cineasta francês Jean Cocteau imaginou para o seu filme “Orfeu”, como o meio de que se utilizavam os personagens do filme para atravessar de nossa dimensão para outra, como aconteceu com Orfeu que foi procurar sua amada Eurídice no inferno; é enfim o outro, o imaginário, que se encontra na etapa da imagem especular da psicanálise que nos espanta e nos atrai depois que nos defrontamos com ele a primeira vez na vida.

Doutras vezes o espelho multiplica imagens e nos apresenta, não uma imagem singular, porém a imagem multifacetada, policrômica e caleidoscópica.

Conheci alguém, em minha vida, a quem o espelho da vida não mostrava a face mais risonha. Uma parte do espelho sofrera a ação do tempo e não refletia, senão baçamente, a realidade, entretanto ele nos mostrava e nos transmitia a face de um homem que via o espelho com total reflexão e brilho.

Arquimedes, o sábio grego, por meio de espelhos incendiou a esquadra romana que atacava a cidade de Siracusa.



## As quaresmeiras em flor

Passado o Carnaval, começa a Quaresma. E come antecipando-se a essa época do ritual da religião católica as árvores denominadas quaresmeiras engalanam-se como se estivessem numa nova primavera, e embelezam a cidade com as suas copas de variados tons de roxo e lilás, a coisa mais linda do mundo.

E minha alma também se renova e se rejubila com o início deste novo ciclo da natureza, daqui a pouquinho teremos o outono, com a aproximação da frieza do inverno, e como se já fosse uma despedida dos dias ensolarados e belos, as quaresmeiras florescem como num último impulso de afirmação de vida antes do recolhimento do outono e do inverno.

E eu também volto ciclicamente aos meus velhos pensamentos sobre a beleza e a filosofia da vida. Keats mais uma vez comparece com o seu imortal verso: *“a thing of beauty is a joy for ever”*. E este instante de beleza das quaresmeiras é uma alegria para sempre. Desde Sorocaba quando eu as conheci. Tentei colocar uma em frente da minha casa, mas não consegui. E a beleza é uma jóia que às vezes se esconde, não é visível como no rosto de uma mulher bonita, ou de uma flor, mas se esconde na alma de um artista que escreve versos bonitos, de um pintor que pinta belos quadros, de um músico que compõe belas melodias, ou de um devoto que entoia salmos à Divindade, ao Senhor que propicia as primaveras e as outras estações para que o homem compreenda que a natureza um perpétuo renovar e uma perpétua mudança. E a vida também.

O outro pensamento que me ocorre sempre e surge na memória neste momento é o do romancista Thakeray, outro inglês: A vida é um espelho (achei outra tradução, talvez portuguesa, diferente da que eu conhecia, e aqui vai na sua linguagem especial) e devolve a cada criatura o reflexo da própria imagem. Se lhe franzirdes o sobrolho ela vos fitará com azedume; se lhe sorrirdes ela se mostrará uma companheira

afável e jovial - portanto resta a gente moça escolher (e eu acrescento) qual atitude deverá ter para com a vida.

O mundo, portanto, é, e será o que a nossa afirmação de vontade determinar. É por essa razão que é preciso primeiro pensar e depois agir, primeiro construir no pensamento o que se deseja realmente alcançar na vida, e para isso o pensamento deve ser claro, objetivo e otimista.

E o mundo gira, e embora se diga que a oportunidade é careca e tem apenas um fio de cabelo que é preciso agarrar, quando surge a ocasião, na verdade, com as voltas da terra a oportunidade pode surgir outra vez, e aí sim, com a experiência adquirida não se deve deixar de aproveitá-la.

O homem procurará sempre com ansiedade, porém hesitante e indeciso, a beleza e a felicidade e nem sempre sabe se orientar, sobretudo se lhe apresentam diversas oportunidades e ele fica perplexo e não sabe qual delas escolher. Contudo, desde o enigma de Édipo o homem ou sucumbe ao Destino ou se faz senhor dos acontecimentos como Alexandre, o Grande, quando cortou o nó Górdio que era preciso desatar.

Tal é o caminho do homem na vida. E a escolha é sua: senhor ou escravo, porque as quaresmeiras continuarão a florir qualquer que seja a trajetória da aventura humana. É da área da ciência. Esse mesmo paradigma conduz à disjunção entre a noção de autonomia e a de dependência: a autonomia não tem nenhuma validade no quadro do determinismo científico, e, no quadro filosófico ela expulsa a ideia de dependência. Ora, o pensamento ecologista deve, necessariamente, quebrar esse condicionamento e se referir a um paradigma complexo no qual a autonomia do vivo, concebido como ser auto-eco-organizador é inseparável de sua dependência.

O organismo de um ser vivente (auto-eco-organizador) trabalha sem cessar, pois, para se auto manter, degrada sua energia. Ele tem necessidade de renová-la absorvendo-a do seu meio ambiente e, por isso mesmo, ele depende desse último, Assim nós temos necessidade da dependência ecológica para poder assegurar nossa independência. Dito de outra maneira, relação ecológica nos leva muita rapidamente a

uma ideia aparentemente paradoxal; para ser independente é preciso ser dependente. E quanto mais se quer ganhar independência, mais é preciso pagá-la pela dependência. Assim, nossa autonomia material e espiritual de seres humanos depende não somente de alimentos materiais, mas também de alimentos culturais, de uma linguagem, de um saber, de mil coisas técnicas e sociais. Quanto mais a nossa cultura nos permitir o conhecimento de culturas estrangeiras e de culturas passadas, mas i nosso espírito terá chanches de desenvolver sua autonomia.

A auto-eco-organização significa também, mais profundamente, que a organização do mundo exterior está inscrita no interior de nossa própria organização vivente. Assim o ritmo cósmico da rotação da terra sobre ela própria, o qual faz alternar o dia e a noite, se encontra também no interior de nós sob a forma de um relógio biológico interno; este determina o nosso ritmo nictemeral autônomo, o qual manifesta sua periodicidade sem nenhum estímulo exterior, por exemplo, na casa de um ser humano que viva sem relógio dentro de uma caverna. Do mesmo modo o ritmo das estações está ele inscrito no interior dos organismos vegetais e animais. Algumas plantas começam a secretar sua seiva a partir do aumento da duração do dia, outras a partir da intensificação da luz solar. Para a maioria dos animais, a primavera é a estação dos amores, da reprodução. Dito de outra maneira, o ritmo cósmico externo das estações se encontra de igual modo no interior dos seres vivos, da mesma maneira que nós tomamos o tempo cósmico para integrá-lo em nossas sociedades, a organização do tempo que é a mesma de nosso calendário e de nossas festas. Assim o mundo está em nós, ao mesmo tempo em que nós estamos no mundo.

Dessa forma procuremos preservar a nossa natureza ambiente porque nós estamos inseridos nela e dela vivendo.



## Outono

Terminado o verão, na região austral do globo terráqueo, surge o outono com os seus céus cinzentos e tristes ao mesmo tempo. Os poetas, que são os nossos sensores, bem cedo se identificam com esse sentimento de saudade e nostalgia que nos traz o outono com sua primeira denúncia do frio. Vamos abrir os guarda-roupas e os baús para colocar a roupa de frio no sol. O sol, como passamos a depender dele!, quando ele consegue se livrar do pesado casaco de frio, e brilhar, sem contraste com qualquer outro astro a lhe empalidecer o fulgor.

E o outono provoca uns poentes lindos, naquela hora que o poeta descreve como a “viúva e glacial do crepúsculo”.

O poeta Paul Verlaine, um dos destacados bardos da escola simbolista, escreveu que: “os longos soluços dos violões no outono, enchem meu peito de melancolia e de um langor de abandono.”

As folhas das árvores mudam e caem rolando pelo chão.

E o poeta continua:

“E choro, quando  
ouço, ofegando,  
bater a hora,  
lembrando os dias  
e as alegrias  
e ais de outrora.  
E vou-me ao vento  
que, num tormento,  
Me transporta  
de cá pra lá,  
como faz à  
Folha morta”.

É o outono o precursor do inverno, com seu cortejo de rajadas de frio, quando a gente, para ficar mais a vontade, veste um robe de chambre, acende o cachimbo, e se dedica a devanear sobre o seu passado.

# ANTOLOGIA



**Antologia em prosa  
e versos**

(Textos de Acadêmicos)





## AMÉRICO CALHEIROS

*Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da Academia.*



### A morte do amor

Será que os grandes amores ficaram enterrados no mais remoto passado, entre pálidas páginas da literatura romântica mundial, sufocados pelo encantador perfume das camélias? Ou teria sido apenas uma miragem coletiva, invenção de sonhadores, lorotas de desavisados, brincadeira de poetas sem outro ofício senão o de cantar amores.

Tem o amor raízes tão fortemente impregnadas na cultura mundial, que alimenta a própria história dos casais que se tornaram símbolos dessa invenção, ou tem apelos biológicos apenas que se revelam na complexidade dos sentimentos que se impregnam na psique humana?

Que fardo complicado esse de falar de lago que parece ter existido sempre e que, mesmo capenga na atualidade, já deve ter passado por milhares de crises semelhantes a essa pelos séculos afora e, mesmo assim, resiste firmemente à ideia de ser descartado do rol das necessidades básicas da humanidade!

Ora, essa chama que alimenta a mente do ser humano, e só a deixa plena se nela estiver presente, parece que está bem em baixa mesmo.

Onde estão as imagens atuais dos amores marcantes, símbolos dessa criação, como Cleópatra e Júlio César, Romeu e Julieta e Mar-

garida Gautier e Armando Duval, que referendam às criaturas mortais que amar vale a pena?

Há uma clara ausência de exemplos e não só dos “Deuses do Olimpo”, como dentre as seres comuns.

Pelo contrário, o troca-troca de pares não deixa que se fixem, no imaginário popular, casais emblemáticos detentores das bênçãos de Vênus, a deusa do amor e da beleza.

Também, nos momentos nossos de cada dia, é matéria rara identificar casais que personificam o amor tão cantado em prosa e verso.

De tão idealizado, o amor parece que partiu para o plano dos deuses e ficou lá escondido em um cofre, guardado a sete chaves. Poucos lhe têm acesso. Ou, de fato, confirmando a tese de miragem coletiva, a humanidade está se despertando gradativamente desse torpor?

Talvez as guerras e a violência exacerbada que grassam pelo mundo afora e invadem as casas pela mídia, o destempero financeiro, a instabilidade econômica, moral e afetiva venham contribuindo com a perda da capacidade das pessoas de amar e de gerar, para o mundo, ícones do amor, num tempo tão sem motivação para tal. Ou, por outro lado, será que a reserva do amor, acumulada pela humanidade no decorrer dos milênios, acabou, ou nunca deveras existiu?

Desculpas, justificativas já reprisadas, cansadas só servem para ilustrar este tema que, na verdade, anda tão descolorido.

De um modo geral, o amor não é o produto de consumo mais indispensável como já o foi durante milênios. Hoje, assumidamente, milhares de pessoas, e até entre os mais jovens da nova geração, já admitem que a humanidade está caminhando para a independência do chamado amor ou para um outro tipo de relação com este sentimento que já deu à humanidade tão belos momentos e terríveis conflitos.

Apesar de ainda ser um apelo muito usado na mídia, o amor começa a sofrer sinais de esgotamento, na prática, onde se vê que ele não é mais o unânime objeto de desejo da maioria das vidas.

Conquistar segurança financeira, paz de espírito e viver bem com o próximo são os objetivos que mais vêm estimulando a batalha das

peessoas, e parece que está sendo possível ser feliz, não dispensando a possibilidade de ter alguém ou até de amar, porém dando a essa questão o mesmo peso e a mesma medida dos outros indicadores do bem-viver. Definitivamente, os grandes arroubos, as desenfreadas paixões e similares vêm dando lugar a sentimentos mais centrados, onde razão e emoção convivem em especial harmonia.

Tomara que o amor, tão bem sintetizado por tantos nomes e histórias no caminhar da humanidade, não esteja se despedindo tão melancolicamente do cenário contemporâneo. Ou será apenas uma miragem minha?



## Poesia à Venda

Ele vendia poesia barata,  
Nas esquinas, nos bares, nas praças.  
A maioria debochava da sina.  
Apaixonados compravam.  
Alguns trocavam por garrote,  
Outros por pedaço de pão.  
Sem inflação, dava para o sustento.

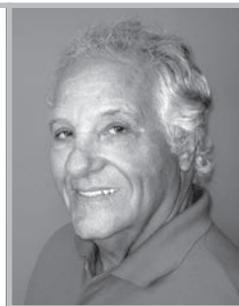
## Saravá o santo

Saravá todos os santos  
Amarelos, brancos, negros e  
vermelhos  
E as santas todas.  
Saravá altar  
Saravá todos os altares

Com oferendas, magnetismos e fé  
E as coroas que representam.  
Saravá a luz  
Saravá todas as luzes  
Legiões de esperanças  
E as energias todas.  
Saravá a nação  
Saravá todas as nações  
Dc Nagô, Angola e Urubá  
E as ibrças afro-brasileiras.  
Saravá Oxalá  
Que á um só  
Pai de todos os santos  
Chefe de todas as nações  
Luz de todos os olhares.



# AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



*Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Dentre suas obras, destacam-se: “Pantanal - Gente, Tradição e História”, “Memória Pantaneira”, “Corumbá de todas as Graças” e “Rodeio a Céu Aberto”. Ocupa a cadeira n° 28 da Academia.*

## O bairro Cidade Jardim

Rivalidades. Agressões. Vinganças. Provoações. Brigas entre jovens que viviam entregues a uma completa vadiagem, sem escola, sem igreja e qualquer tipo de ocupação, assim era o bairro Cidade Jardim (atual Dom Bosco), um dos mais perigosos e agitados daquela época (ano 1961).

Havia muitas desordens, muitos crimes que aconteciam à noite e mesmo durante o dia, cometidos por marginais já em fase inicial de delinquência.

Era um bairro populoso, próximo à fronteira com a Bolívia, ao poente de Corumbá, com uma área bastante grande, ocupada apenas por umas 500 casas, na sua maior parte, de paredes de tábua, de lata ou de pau-a-pique.

Desse bairro pobre, desse ambiente marginalizado, onde habitavam pessoas humanas que desejavam melhores condições de vida, onde havia mulheres com crianças desnutridas que costumavam botar vermes pela boca, se chovia cobria-se de uma lama pegajosa e escorregadia, foi desse bairro pobre que saiu Dona Catarina Anastácia da Cruz, uma senhora benemérita, para procurar o Dr. Salomão Baruki e transmitir a ele toda a sua preocupação com os meninos do seu bairro que cresciam sem escolas.

Saiu de um barraco de madeira, onde morava com seu marido, o Sr. Pedro e mais seis filhos, para ceder o único espaço que possuía para morar com a sua família, a fim de que ali se construísse a sonhada escolinha, que haveria de se transformar na Escola Alexandre de Castro e mais tarde na Cidade Dom Bosco, confirmando os dizeres: “A vida só é digna de ser vivida quando se faz algo pela vida, em vida”.

Dona Catarina não está mais viva. Há muito já se foi, mas seu digno nome ficará eternamente na história da Cidade de Dom Bosco.

Ficará na gratidão de todos os meninos e meninas daquela época, que passaram pelas carteiras improvisadas do seu barraco para aprender as primeiras letras, os ensinamentos pedagógicos dos salesianos e que hoje são pessoas úteis à sociedade, dignos brasileiros e brasileiras, frutos daquelas sementes de fé que se uniram um dia para transmitir a esperança, a caridade e o amor a Dom Bosco.

E hoje, essas pessoas são advogadas, gerentes de bancos, sacerdotes, professores e professoras; todos eles, com certeza, cultivarão para sempre a memória de Dona Catarina Anastácia da Cruz.



## O caminho das águas

Muito antes dos civilizados, os índios do Pantanal já navegavam pelo rio Paraguai e afluentes, principalmente os Guatós e os Paiaguás, também conhecidos como canoeiros. Em canoas leves, escavadas a fogo e aparadas a instrumentos rudimentares, faziam longas viagens com suas famílias ou guerreavam contra as expedições espanholas que cruzavam a planície pantaneira em direção às montanhas de prata do Peru. Expedições, essas, que, ao longo do século XVI, cumpriram o ciclo expansionista espanhol no vale do rio Paraguai, tendo a atual cidade de Assunção como ponto de partida para as canoas e os bergantins que subiam por esse grande rio ou navegavam pelos seus afluentes

localizados na região do Chaco e do Pantanal.

Mais tarde, século XVII, em grandes canoas de 12 a 15 metros de comprimento, apareceram as bandeiras paulistas ou monções que, com a finalidade de escravizar o braço indígena para as lavouras do litoral, acabaram encontrando ouro às margens do rio Coxipó, em cuja proximidade fundaram o arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, em 1719, hoje a progressista capital do Estado de Mato Grosso.

As minas de Cuiabá ocasionaram o aproveitamento do curso das águas pertencentes às bacias do Paraná e Paraguai. Existiam quatro principais rotas que os bandeirantes utilizavam para saírem de São Paulo e chegar em Mato Grosso:

1. De São Paulo, pelo rio Tietê.
2. Rota de Vacaria.
3. Rota do Rio Verde.
4. Rota de Camapuã.

A mais utilizada era a rota de Camapuã, onde se atravessava por um varadouro do mesmo nome e existia uma fazenda para pouso, abastecimento e possível troca de canoa. Esse ponto era o divisor de águas entre as bacias do Paraná e Paraguai.

No último quartel do século XVIII, porém, dois fatos importantes deram incremento à navegação fluvial: a homologação do Porte de Buenos Aires em 1778; e a criação do Consulado do Comércio em 1794.

O comércio entre Assunção e Buenos Aires tornou-se significativo e possibilitou a instalação de um estaleiro em Assunção para construção de embarcações apropriadas à navegação do rio Paraguai, utilizando as madeiras existentes nas matas ciliares, que eram abundantes. Assim, o estaleiro de Assunção passou a construir botes, barcos e guarandumbas - espécie de balsa-, nas quais carregavam a madeira e a erva-mate, o principal produto enviado para Buenos Aires pelo mercado de Assunção.

Para se ter uma idéia da navegação fluvial daquela época é interessante dizer que as guarandumbas, embarcações feitas de cedro (ipache) e as mais usadas pelos paraguaios, transportavam de 3.000 a 30.000 arrobas.

No início do século XIX, a História registra a presença de sumacas navegando pelo rio Paraguai. Sumacas eram embarcações à vela, de dois mastros, que saíram de Assunção para atacar o Forte de Coimbra, em 1801.

Todos esses fatos históricos deram início ao ciclo da navegação fluvial, cujo desenvolvimento ocorreu no século XIX e se estendeu até o século XX.



# GERALDO RAMON PEREIRA



*Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicou-se também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.*

## Sonetos de Geraldo Ramon Pereira

(Amostragem de poesias que sairão no seu próximo livro:

AURORAS E CREPÚSCULOS – Espectros poéticos em sonetos)

### I-Zum universal

Enquadrei, numa lente imaginária,  
Ao mesmo tempo toda a humanidade...  
E fui trazendo, em zum, ser nobre ou pária,  
Cenas de horror ou vistas de bondade!

Quanto mal ou beleza extraordinária  
Pasmam a câmera que o longe invade:  
Bombas a ribombar... de aves a ária...  
Prantos de horror... semblantes de saudade...

E eis que um rosto tão lindo, alvissareiro,  
Locupleta de amor o quadro inteiro...  
Era o maxi “close-up” que conquisto.

Todas as imagens foram-se da lente...  
Mas esta ficou e esta é permanente:  
A face onipresente do meu Cristo!

## II - Vagas do destino

Entre nossos olhares, de repente,  
– Qual água de uma fonte cristalina –  
Formou-se em nossas vidas a nascente  
Deste veio de amor que é a nossa sina...

Entre raízes e rosais à frente,  
Saltando mais penhascos que colina,  
Eis que em rio se transforma tal vertente  
Que nos afaga e afoga e tanto nina!

E que felizes somos, que divino  
Rodarmos, por milagre do destino,  
Por um rio que só busca os altos planos...

É que Deus, para erguer-nos às venturas,  
Leva as águas do amor para as alturas,  
E as despeja no céu dos oceanos!

## III - Sublime recepção

*Recepção celeste a um poeta imortal...*

Alva guarda de estrelas perfiladas  
Move as armas de luzes celestiais...  
Dançam anjos ao alto em revoadas,  
Erguem cometas taças de cristais...

Num palanque de nuvens nacaradas  
A Trindade Santíssima e corais...  
Há trombetas e orquestras afinadas,  
Há litanias de hinos divinais...

Até violões, em harpejos de seresta,  
Acompanham canções e recital;  
Há cantos de ninar de santas mães...

É a Família Celeste, em prece e festa,  
Aclamando a chegada triunfal  
Do poeta Júlio Alfredo Guimarães!

## **IV - Rotina do amor eterno**

Como sou feliz quando ali me achedo  
E ouço de minha mãe (no olhar o brilho!):  
“É você!... é o Geraldo!”... e faz chamego,  
Qual a mãe de Jesus acolhe o filho!

E na voz desconexa, mas de apego,  
Ouço de praxe o cândido estribilho:  
“Tome café!” – e a sinto em doce arrego,  
A vida a reacender ao velho cílio!

E ela esquece e pergunta novamente:  
“Já tomou, filho, o cafezinho quente?”  
– Já tomei, mãe, respondo com carinho.

Meu Deus!... se antes chamá-la à Eternidade,  
Ore a mim esta prece de saudade:  
“Meu filho, já tomou o cafezinho?”

## V - Boneca de sabugo

Lúdico namorico lá do mato...  
De sabugo de milho eu fiz pra ela,  
Com roupinha de trapo em cor-canela,  
Linda boneca que valeu um trato:

Seria a filha nossa – minha e dela! –  
Que a gente, um dia, iria ter de fato...  
E, num beijo de amor, selou-se o pacto  
Entre o menino-poeta e a musa bela!

E ela partiu, me dando a bonequinha  
Qual jura de voltar e ser só minha,  
Mãe da real filhinha, o nosso jugo...

Mas eis, no reencontro, a dor que passo:  
Ela, de outrem, trazia a filha ao braço,  
No meu braço, a filhinha de sabugo!...



# Frei Gregório de Protásio Alves

*Frei Gregório de Protásio Alves (David Bonato, antes de ser religioso) nasceu em Lagoa Vermelha (RS) em 1915 e faleceu em Campo Grande (MS) em 2008. Foi membro da ASL. Escritor, músico e compositor. Desenvolveu excelente trabalho social na Paróquia Nossa Sra. de Fátima, em Campo Grande. Escreveu numerosas obras de temática religiosa.*



## **Do trabalho e da fé nasce o milagre** (Caso acontecido em Campo Grande-MS em 1987)

A vida é boa para quem sabe vivê-la e é santa par quem sabe vivê-la honestamente. Na vida há o peso do trabalho que faz pressentir sofrimento, mas é no sofrimento de lançar a semente em terra adubada e limpa que se apresenta também a alegria e grande recompensa na hora da colheita, de encher celeiros de gêneros alimentícios, frutos do trabalho ordeiro, continuado e caprichado.

Do trabalho e da fé vem o milagre. Conheci uma dona de casa, devota à Nossa Senhora de Fátima, que procurava praticar as virtudes da Mãe de Deus, máxime a virtude da paciência, da resignação no sofrimento e da prece fervorosa e confiante. Vivia muito bem com seu marido e junto aos seus dedicava toda a honra e estima. Um dia, porque sempre há os altos e baixos na vida, um trambolho empeçou trancar sua tranquilidade, a sua paz. Acontecera que seu marido, não se sabe porque carga d'água, quase de supetão, cai doente dum mal desconhecido, naquela época, que o encolheu miseravelmente, tipo paralisia infantil, e o postou na cama, impossibilitando-o, mesmo depois de alguma melhora, de fazer algum bem para sua família. Por

impossível que pareça, teve que parar com a construção de sua nova residência, vender o material para não ficar nas intempéries e correr o risco de ser estragado. O estado de vida a que foi reduzido o coitado do homem não estava na agenda humana.

Aqui cabe uma reflexão: de tempo em tempo, para nós, mortais, aparece cada pedacinho de vida, cada sofrimento, que são como verdadeiros “laçoos na cara”, mas ainda peleamos firmes, de rebenque erguido, neste mundo “véio”.

É nestas circunstâncias que se prova o amor dos esposos entre si. É nestes momentos difíceis que se prova a verdadeira amizade da companheira do homem, como o caso vem à baila. O marido sofria de “rachar o cano” e a esposa também sofria em vê-lo em tais precárias situações; o marido estava gravemente acamado, ela sempre ao seu lado sem uma queixa ou lamúria contra quem quer que seja. Evidenciava assim o dizer sacerdotal: “O amor é irmão gêmeo da dor”. Ela compreendia como tal e com isto sentia em si mesma uma alegria tão íntima e grande que, até o presente momento, nunca havia experimentado.

Passada a fase mais difícil, aparecendo o sol da esperança de alguma melhora, aparentemente visível, de seu marido, a esposa, de São Paulo, se avia para o Estado de Mato Grosso, se hospeda num hotel de pessoas humildes e com estas, sente-se bem, anima-se a trabalhar confiando em Deus e na Virgem do Rosário de Fátima. Deste hotel de Deofésio Pimentel e dona Antonia, diariamente, ela se dirige às casas de famílias vendendo roupas feitas, roupas para cama, tecidos, etc. e, nas horas vagas, auxiliava a proprietária do hotel nos seus afazeres diários. Estava longe do marido no espaço, mas perto dele no coração. “Estou trabalhando, dizia ela, porque meu marido não pode conseguir sua própria subsistência. Um dia, se Deus for servido, teremos nosso pequeno conforto, que bem merecem os bons filhos de Deus”. Ela sabia que as “noites mais escuras são as que produzem manhãs mais claras”.

Ajoelhada perante uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, numa igreja no Bairro Monte Líbano, desta capital, ela chora, suplica e, ao mesmo tempo, lembra seu marido doente, lá longe, e ela

cá, confiante no trabalho e na proteção do céu, com vontade firme e decidida de vencer e conseguir para seu querido. Incontinentemente, brota-lhe do coração esta súplica:

“Ó Mãe do céu, cheia de graça, vós sabeis porque estou aqui. Não preciso dizer nada. Eu vos quero e vos amo, como quero bem e amo vosso Filho, Jesus, meu princípio, meu fim último, meu perpétuo benfeitor e benévolo defensor. Que vossa sabedoria, ó Mãe e a do vosso Filho, me dirija, me contenha, me console e me proteja sempre, máxime nestas horas tristes por que estou passando, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Amém”.

A mãezinha voltou para seu cantinho, no hotel, animada e confiante que conseguiria, o que desejava. Não deixou, porém, seu trabalho árduo e penoso de cada dia. Após doze anos consecutivos de lutas, apareceram os frutos do seu trabalho. A graça de Deus e da Virgem Maria se fez presente. Libertando-se de seus compromissos e resolvidos os problemas, ofereceu, em ação de graças, uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, imagem “mais linda que a manhã de primavera”, que ainda hoje se encontra na Igreja Matriz do mesmo nome, no Bairro Monte Líbano desta capital, Campo Grande-MS. Recordar é viver.



## O caso do “mata bicho”

Vida e história de um jovem frei missionário: no desvão da memória apareceu mais um caso presenciado pelo jovem missionário, Frei Gregório. Este veio na hora para o pessoal não fechar o olho. É o caso do mata bicho, que se deu no Barracão-RS, nos idos de 1940.

Naquele tempo, Barracão ainda não pertencia à Paróquia de Cacique Doble-RS. Era o dia 13 de junho, festa do padroeiro do lugar, Santo Antônio. A missa era marcada à noite. Tempo chuvoso. Noite escura. O festeiro convidou o povo todo na Igreja, onde já não cabia

mais nenhum alfinete. Velas no altar acesas, a besourada começou a esvoaçar por aqui, por ali, caindo no chão. Num dado momento, quando o jovem frei vinha explicando os mandamentos divinos, pensou também que a besourada iria apagar as velas do altar. Parou um instante o sermão e disse ao sacristão, desta vez, era um joven negro, não prático no ofício da missa:

- Mata o bicho!

O sacristão entendeu diferente. Ele foi beber o vinho da missa.

O jovem frei missionário, ao terminar o sermãozinho, foi se paramentando para começar a missa, olhou pro lado do altar e viu que o vidrinho estava sem vinho. Falou então:

- Cadê o vinho?

Alguém do povo disse:

- O sacristão gostou e lambeu o vidrinho...

E agora, como vou rezar a missa do padroeiro?

No mesmo instante, subiu na altar o velho Bastião com um litro de cachaça misturada com butiá e disse:

- Essa é da boa, sô vigário!

Embora a intenção do Bastião valesse, o frei achou por bem fazer diferente. Tirou o terço, rezou, cantou os benditos em louvor ao Santo, deu uma bênção solene, entusiasmou o povo com uns vivas em louvor a Santo Antônio. Alegrou todo o mundo e convidou o povo para o salão de festas.

Em seguida, o jovem frei missionário convidou o festeiro e o velho Bastião com o litro de butiá. Sentados num banco tosco da Capelinha, agradeceu ao Bastião pelos préstimos do momento e disse: “amigos, agora, vamos provar a cachaça de butiá. Em curtas, mas contínuas talagadas, repetindo o caso do mato o bicho, que aconteceu na missa, secaram o litro. Os três ficaram bem alegres e de orelha quente.

Encerrando a conversa, o festeiro falou: sô Vigário, este tipo de missa eu ainda não conhecia, mas lhe garanto, foi muito bonita. Pode crer!



## GUIMARÃES ROCHA

*Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético - [www.guimaraesrocha.com.br](http://www.guimaraesrocha.com.br). Recentemente lançou “Coronel Adib - A História”. Autor do CD “Encanto”. Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.*



### Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense

**Henedina** pioneira do ensino e da cultura por ideal em MS

O magistério como sacerdócio e a cultura por reverência profunda às expressões de humanidade, são investidas raras agora, quando o utilitarismo imediatista vai tomando conta das relações em todos os ramos de atividade. O desfalecimento da educação e o empobrecimento da cultura vêm do embrutecimento das pessoas envernizadas, polidas com a discutível modernidade que falseia a originalidade.

Henedina Hugo Rodrigues (1918-2002) teve a autoridade dos que abnegam a favor de outrem, e, portanto, o sucesso que somente a poucos indivíduos é dado conceber no trabalho de transformação da realidade. É que o poder real da solidariedade construtora frutifica somente da alma despreendida e sincera.

Escritora cronista e poetisa. Professora catedrática. Defendeu tese sobre Higiene e Puericultura. Vibrou ardentemente pela educação e cultura. Nasceu em Guaxupé, Minas Gerais, e em 1943 chegou a Campo Grande com o esposo, José Barbosa Rodrigues e um filho (José Maria Hugo Rodrigues). Depois lhe nasceram mais três filhos: Paulo, Marcos Fernando e Antônio João. Presidiu a Fundação Barbosa

Rodrigues, firmando projetos de importância básica como o do Centro de Documentação, Imagem e Memória de MS (CIM) e o “Lendo Mais, Sabendo Mais”.

Foi conselheira estadual de Educação; administradora e diretora de escolas. Precursora na pregação e prática quanto ao que as transformações almejadas por todos dar-se-ão “através da educação e da criança”. Integrou a Academia Sul-mato-grossense de Letras, Cadeira número seis — patrono Arnaldo Estêvão de Figueiredo —, hoje honrada por Thereza Hilcar.

Henedina se tornou Cidadã Campo-grandense, diploma outorgado pela Câmara Municipal. Por prestar importantes serviços, condecorada pelo Governo Federal com a Medalha do Pacificador; e pela Assembléia Legislativa de MS, com a Medalha do Mérito. Em razão da divulgação que promoveu, da história dos Pracinhas (sul-mato-grossenses na Segunda Guerra Mundial), agraciada com a Medalha General Mascarenhas de Moraes.

Narra a célebre escritora de Mato Grosso do Sul, professora Maria da Glória Sá Rosa, em seu livro “Deus Quer, o Homem Sonha, a Cidade Nasce”: Para lecionar (33 anos dedicados à Educação) ela “Ia a pé, de bicicleta ou de charrete (...)”; “(...) Ensinou gerações a ler, a descobrir nos signos gráficos uma abertura para o conhecimento do mundo e seus mistérios”; “Daquele tempo, lembra a dedicação, a paciência dos professores, que passavam meses sem receber, sem, no entanto, apelar para greves, apesar da falta que lhes fazia o magro salário”.

Por meio do Centro de Documentação, Imagem e Memória de MS, da Fundação Barbosa Rodrigues (principalmente com a produção e divulgação de vídeos), a professora Henedina “(...) fez da história de Mato Grosso do Sul uma bandeira a ser levada a crianças, adolescentes e jovens, que de forma objetiva passaram a conhecer e a valorizar os acontecimentos de seu Estado”.

Viajou pelo mundo inteiro. Muito amou a terra morena, como sobressai dos seus escritos de livro inédito. Em “Salve, terra morena!”: “(...) Tu que vens de longe, ó cansado viandante!

Que tens magoados os pés, dum longo caminhar  
Por paragens longínquas... tão distantes...  
Descansa em nosso abrigo! a noite vai chegar! (...).  
Amou a emancipação serena para o além. Em seu poema “An-  
siedade”:

“(...) Quando eu for para longe...  
Quando puder navegar pelos mares tão mansos e azuis,  
Quando eu puder voar pela amplidão dos céus,  
Sem rumo, ao léu, ao vogar das correntes sussurrantes,  
ou ao estrépito da tempestade bravia...  
Como serei feliz! (...)”.



## **Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense** História e arte de MS por **Nelly Martins e Baís**

O município e região constituem estruturas do Estado, naturalmente em construção contínua. Campo Grande se faz com carinho, trabalho, coragem, inteligência, arte cultura. Toda estrutura tem seus principais esteios e Nelly Martins nos fala de alguns, sendo ela própria um deles a imprimir mágica e felicidade, poder e força à Cidade Morena. São eles construtores e exponenciais do amor por Mato Grosso do Sul. O livro “Duas Vidas”, trazido em 1990, é um enredo de família e suas propriedades que compõem a história local nos lances importantes que encerra. Fita o pioneirismo de Bernardo Franco Baís, a singularidade genial da artista Lídia Baís.

Nelly Martins (Campo Grande, 1923-Campo Grande, 2003), ocupou na Academia Sul-mato-grossense de Letras, a cadeira 38, atualmente vaga, patrono Enzo Ciantelli. Escritora, publicou “Vespasiano, meu pai”; “Crônicas de viagem”; “Vivência”; “Duas vidas”; “Casos reais”; “Água fresca” e outras obras. Colaborou no Correio do Estado, na re-

vista Executivo Plus e em outros da imprensa. Artista plástica premiada mundialmente conhecida, deixou acervo de aproximadamente 250 obras selecionadas; fez trabalhos a carvão, óleo, tinta acrílica, aquarela, lápis, cera, ecoline, pastel óleo e seco, cerâmica. Neta de Bernardo Franco Baís. Filha do médico e senador Vespasiano Martins e de Celina Baís Martins. Casada por 60 anos com o ex-governador de Mato Grosso do Sul, Wilson Barbosa Martins.

O livro “Duas Vidas”, de Nelly Martins, começa pelo aportamento, ao Brasil, do italiano de Luca, Bernardo Franco Baís (1861-1938). Impossível falar de história sem o protagonista primar. 1879: então arraial de Campo Grande, casas de taipa cobertas de palha, margens dos córregos “Prosa” e “Segredo”. Ele veio abrir caminhos, aventurar, negociar; trabalhou duramente, prosperou e fez prosperar e se tornou indispensável à região. A autora conta que Bernardo foi o primeiro juiz de Paz na criação da Freguesia de Campo Grande, em 1880. Ao final da década seguinte possuía já notoriedade que evitava. Era de se ver o lugarejo se expandindo: “Fazendeiros, boiadeiros, mascates, moradores e passantes enchiam as poucas ruas existentes, onde intrigas e desavenças, ódios e amores medravam sem cessar. Valentões, chapéus de abas largas, botas luzidias exibiam sua força, estribada no 44, pendurado na guaiaca”, escreve.

O enfoque para Lydia Baís (22/4/1900-19/10/1985), filha de Bernardo, reilumina, integra uma segunda parte no livro “Duas Vidas”. Ao bom estilo de escritora, Nelly trabalha com a narrativa favorecendo imaginação com o tempo, conjunturas e os fatos. O que poderia ser chamado de excentricidade povoa todo instante da vida estudada de Lydia. Pintora. Mística religiosa revolucionária. Benemerente. Ao que acontece a todo verdadeiro artista, uma persona singular. Ela conviveu nos maiores centros culturais do Brasil e da Europa do seu tempo. Cresceu “frequentando ateliers, museus, igrejas, escolas de arte e se relacionando com outros pintores, professores e colegas”.

Dramas interiores e a busca por extravasar sua genialidade, levaram Lydia a fugir à rotina doméstica de Campo Grande. A instabi-

lidade emocional resultou nas perigosas estadias em São Paulo e Rio de Janeiro, ela desprotegida, mas, enfim, no início dos anos de 1930, já na Capital Morena ela produzia suas famosas pinturas nas paredes do sobradão da Afonso Pena – Morada dos Baís. O casarão, construído por etapas a partir de 1914 e entregue a Bernardo Baí em 1918, fora revitalizado em 1933 e tombado patrimônio histórico em 1986. O local é hoje um centro cultural de eventos e informações turísticas. Abriga salas de exposições e o Museu Lydia Baís.

Daquela esquina ecoam do tempo a chegada e a partida da Maria-fumaça. Foi por ali, nos trilhos da Noroeste, em 20 de agosto de 1938, que Bernardo Baís, o iniciador, desaparecia após ser colhido pelo trem. Deixou muitos legados, pois muito construíra e adquirira. Ia-se para mais além aquele que, radicado em Campo Grande, fazia pontes comerciais com o velho mundo em sucessivas viagens de negócios. A região lhe guarda a fotografia nas sensibilidades do ar. A autora descreve: “Montado, usando botas, visitava suas fazendas levando consigo o cachorro perdigueiro. Pelo caminho, fazia pequenas paradas caminhando alguns quilômetros, caçando perdiz com espingarda de dois canos de Liège, na Bélgica. Seu cavalo, quando redomão, certo dia assustou-se e, num salto, arreventou o cabo trançado que o prendia. Solto, saiu disparado, pulando e derrubando toda a tralha que levava, espalhando-a por onde passara. Mascateou sozinho, daí seu nome, Mascate”.

A saga de Baís deu novo ensejo evolutivo ao enredo regional. Possibilitou materialmente a Lydia entoar seu canto artístico, formou e agregou famílias fundadoras do estado político-cultural. Nelly Martins, sobrinha de Lydia, assim define a personagem: “– Mulher, trabalho, vontade, persistência, luta. (...) Mulher que, passo a passo, contra tudo e contra todos, conquistou um espaço significativo na história das artes (...)”. Com a criação da Fundação de Cultura no governo de Wilson Martins (Wilson governou MS por duas vezes: 1983-1986 e 1994-1998), na inauguração do Centro Cultural instalavam-se dois ambientes de exposições com as duas precursoras das artes plásticas em Mato Grosso do Sul: Ignês Correa da Costa e Lydia Baís.

Na luta sempre inconclusa por compreender seguramente Lydia Baís, a escritora arrisca: “Ora a grande senhora sábia, ora criança precoce e caprichosa”; mulher de “singular inteligência, clara ingenuidade, rico misticismo, profunda curiosidade e aguda insegurança”. E Lydia escreveu: “De maneira alguma não se deve admitir a idéia de envelhecimento”. “Espírito não tem idade nem sexo”. “Idade não implica no seu modo de viver”.

Nelly Martins! Há idades temporais, estações de preparar, florir, repousar e partir, mas a vida que se particulariza em pessoais tais como você foi, se nos reapresenta com os seus similares a cada dia. E não nos é difícil senti-la, com os seus afins, colhendo às nossas vistas florinhas no jardim Campo Grande Mato Grosso do Sul.



## **Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense**

A benfeitora da educação profissional e da cidadania **Oliva Enciso**

É sempre interessante observar o quanto o amor a terra projeta os indivíduos ao construtivismo necessário da vida. Importante também saber diferenciar apego egoístico de amor altruístico: este se mantém ombro a ombro com o próximo, somando-se-lhe cotidianamente com todo o interesse fraterno, prezando por seu bem-estar e emancipação, ao passo que aquele outro, o apego egoístico, labora febrilmente pelas vantagens falsas que a ignorância exige para o prazer efêmero imediatista e materialista. A inteligência emocional da professora escritora Oliva Enciso voltou-se integralmente à vida pensada para a infinita posteridade, despojando-se do verniz pessoal, como podemos compreender com a leitura do seu livro Mato Grosso do Sul – Minha Terra, segunda edição em 2003, para dedicar-se à educação global com ênfase profissional e à cultura do bem-viver.

Oliva Enciso (17/4/1909, Fazenda Taquaral, Corumbá/MS—30/6/2005, Campo Grande/MS), ocupou a cadeira 22 da Academia

Sul-mato-grossense de Letras, patrono Vespasiano Martins. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Radicou-se em Campo Grande a partir de 1923. Educadora, pioneira da educação profissional em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Professora. Formou-se na Faculdade de Farmácia e Odontologia. Foi a primeira vereadora de Campo Grande (1955-1958); primeira deputada estadual (1959-1963). Autora da lei que criou o Instituto de Previdência de Mato Grosso (IPEMAT), ainda hoje beneficiando servidores públicos.

Fundou, a 21 de janeiro de 1940, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. A primeiro de setembro de 1963, a seu empenho, foi criada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso. Poetisa escritora publicou os livros “Biografias dos Patronos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”, “Pensai na Educação, Brasileiros”, “Mato Grosso do Sul - Minha Terra” (reeditado em 2003 pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI) e “Palavras de Poesia”. Colaborou com várias crônicas e poesias publicadas no suplemento cultural - Caderno B - do jornal Correio do Estado em Campo Grande.

A obra Mato Grosso do Sul – Minha Terra traz história do Estado, dinamizada pela própria narradora em seu longo tempo de lutas e benéfica influência pela educação e em prol do desenvolvimento. A partir de novembro de 1930, quando assumiu cargo administrativo na Prefeitura Municipal de Campo Grande, contribuiu, por longas décadas, para a sua consolidação administrativa, e paralelamente se dedicava a outras missões confiadas pelo Executivo e à obra da Sociedade Miguel Couto, de que foi valoroso arrimo, garantindo a organização (na linha da educação e do desenvolvimento profissional) e batalhando nacionalmente por verbas que garantissem sua manutenção.

Oliva foi celebrizada pelas ações decisivas que culminaram, nos anos 40, na vinda do SENAI e, depois, do SESI, para o Estado. O livro conta passo a passo a caminhada pioneira nesse sentido, a partir das gestões junto ao então diretor do SENAI, doutor Roberto Mange.

Em seu trabalho pela educação própria, foi acolhida e acolheu, educou e fez história. Pioneira atuante no Instituto Pestalozzi, cuja

estrutura deu lugar ao Ginásio Dom Bosco, que daria origem às Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), hoje Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Ajudou a fundar, em 1967, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE). Foi destacada diretora estadual da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), surgida em 1943 no Recife — até hoje o mais expressivo movimento de educação comunitária da América Latina.

Das muitas homenagens que a eternizam na Capital e no Estado de Mato Grosso do Sul (Assembléia Legislativa e no Executivo), permanece nos anais públicos o reconhecimento à sua vida de trabalho. Na Câmara Municipal o Plenário recebe o seu nome. O Boletim Informativo SENAI, de julho de 1949 trouxe: “Quando se tiver de escrever a história da penetração do ensino profissional no Oeste Brasileiro, haverá necessidade de se não omitir um nome de mulher, o de D. OLIVA ENCISO”.

Ao início do livro, Oliva Enciso compõe belos quadros sobre o ninho querido, a grande Fazenda Taquaral na região de Corumbá, a infância feliz e história familiar. E ao final canta, sobre a terra natal: “(...) Eu te revejo em sonhos, minha Corumbá! /Tuas manhãs e tardes coloridas... /Teu rio correndo mansamente /Onde eu tanto gostava de brincar... (...)”.

...E assinalando sempre o amor a terra por motivo de vida, entrega também sua alma a Campo Grande, donde se tornou Cidadã, oficialmente, pela Câmara Municipal (Resolução 674, de quatro de maio de 1976), e pela Cidade Morena também derrama seu canto: “(...) O céu de Campo Grande /Que nos encanta a vista /E tanto nos deslumbra / Com tantos esplendores!”...



## HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

*Nasceu em Corumbá (MS), em 1917. Desembargador aposentado. Reside em Aquidauana (MS). Escreve para jornais do Estado. Autor de “A Fascinante Natureza Humana”, “Fragmentos do Cotidiano” e “As Flores que não Morrem”. É casado com Dirce Jordão Serra, jornalista e responsável pelo “O Pantaneiro” (de Aquidauana). Ocupa a cadeira nº 3 da Academia.*



### As borboletas

Muitos anos se passaram!...

Agora ele estava ali, de novo, na Praça das Palmeiras, contemplando sua cidade natal, à luz do sol poente, emoldurada pelas serras azuis, ao longe, no horizonte.

Saíra de casa um adolescente imberbe; voltara um adulto, cheio de sonhos, esperanças, preocupações...

Interrogava a si mesmo: conseguiria algum dia, ser um médico de sucesso e de fama como o velho tio? Era esse o desafio, sua esperança e seu medo.

Estudara muito! Levava a sério o curso, em Curitiba, numa vida apertada de estudante. Abdicara de festas, de passeios, de farras, agarrado aos livros pelas noites geladas curitibanas. Manteve-se fiel apenas à sua velha paixão pelo basquete. Tornara-se campeão universitário nesse esporte, que lhe rendia alegria, orgulho, e bons dividendos morais e regalias. Frequentava, de graça, por exemplo, ele e os companheiros da seleção, com todas as honras, o granfinérrimo Clube da Elite Curitibana.

Recordava-se dos últimos oito anos como num mágico caleidoscópio: da sua bisonhice de interiorano ao chegar a grande capital curitibana; do seu lento aprendizado das coisas e dos homens; das saudades da sua

casa; dos amigos; do sereno e circunspecto Fernando e da carinhosa “mama” D<sup>a</sup>. Ida, seus pais; do irmão caçula Tabajara, e das irmãs Ivone e Neide, que o ajudaram a se manter nos estudos superiores.

Lembrava-se com ternura de Eva, sua jovem esposa, jovial e decidida. Nas tranças estudantis, em verdade, tivera compensações, como integrante da Seleção Universitária, fizera várias viagens pelas capitais dos Estados do Brasil, e pelo exterior, também, aqui pertinho, na Argentina, no Uruguai, no Chile.

E as recordações continuaram a fluir...

Sentia gratidão pelos seus Mestres. Deles, três se sobressaíam – os Professores de Clínica Médica Lizandro Santos Lima e Gastão Ferreira da Cunha, dos quais fora interno na Santa Casa de Curitiba, disputando cinco vagas e sacrificando umas férias inteirinhas. Mas valeu mil! Outro grande Professor e grande Cirurgião: Mario B. de Abreu.

Contemplou novamente a cidade. Crescera demais! Invadira seu espaço físico de criança! Desaparecera a várzea, e, em seu lugar, brotaram ruas, casas, árvores, praças...

Fechou os olhos!

Viu-se correndo pela campina florida, de pés descalços, camisa solta ao vento, perseguindo inquietas borboletas. Não as matava. Espantava para vê-las voar, tão lindas e graciosas! Sorriu ao se recordar dos nomes esquisitos dessas borboletas:

“PEITO DE FERRO” – borboleta enorme, estabanada, que, no seu vôo irregular, adoidado, ia se esbarrando e tropeçando em tudo que lhe aparecesse pela frente...

“ONÇA PINTADA” – borboleta de cores amarela e preta, apresentando um rabinho final na cauda bifurcada.

As irmãs “RITA DO PEITO VERMELHO” e “RITA DO PEITO BRANCO”.

Havia uma borboleta de alcunha soturna:

“CAIXÃO DE DEFUNTO” (Papiothoas Brasiliensis), com doze centímetros de envergadura de asas negras, com faixa amarela e mancha amarela.

A “OITENTA-E-OITO” – apresentava na face superior das asas desenhos que lembravam perfeitamente o n° 88.

Havia também a “FOGÃO” semelhante a uma chama forte, alaranjada, esvoaçante.

As mais lindas, as mais cobiçadas, porém, eram a “AZULÃO” e a “FURTA-COR”.

Essas imagens, vivas ou esfumaçadas, na lonjura dos tempos acalmaram o jovem médico.

À noite, porém teve um sonho fantástico, que se tornaria REALIDADE dez anos depois: Na Praça das Palmeiras, frente à casa que residira com os pais, viu surgir, lentamente, os alicerces de um prédio, depois as paredes, depois a cobertura, e, ao final, o prédio acabado, de dois andares, de linhas modernas, com gracioso parque infantil na parte da frente, onde crianças brincavam alegremente.

Num lugar de destaque, a direita do prédio aparecia uma grande placa retangular, emoldurada pelas inquietas borboletas da sua infância. E, atônito, tomado de violenta emoção, leu nas letras de bronze o seu futuro vitorioso:

Acordou assustado com um “PEITO DE FERRO” refilando asas no seu rosto, pousando no lençol, e saindo, afinal, pela janela aberta, para a manhã cor de rosa que despontava lá fora...



## O homem legenda

Encontrávamo-nos no escritório, ainda febril, quando recebemos a notícia telefônica de Campo Grande: O falecimento de J. Barbosa Rodrigues!

Por instantes, as mãos quedaram-se no teclado da máquina de escrever, e baixamos a cabeça numa silenciosa prece. A tristeza, de mansinho, veio para nos advertir que é dessa maneira que nos esvaziamos gradativamente durante a Vida.

Barbosa Rodriguez e sua esposa Henedina formavam um casal modelo, indivisível, um fascinante e expressivo exemplo de luta, de coragem, de competência e de honestidade!

Lá pela década de 40, Barbosa Rodriguez e Henedina deixaram a fidalga cidade mineira de Poços de Caldas, e rumaram para Ponta Porã em busca de novos horizontes. Em Campo Grande, ficaram decepcionados ao saber da inexistência de ligação ferroviária para aquela cidade fronteiriça. Desistiram de imediato da viagem. Ficaram numa cidade desconhecida que os fascinava, tão trepidante e cheia de vida! Na roleta do destino, nesse instante, Ponta Porã perdia, e Campo Grande ganhava dois valores que, no futuro, seriam valiosos propulsores do seu progresso.

Sem lenço nem documento, o casal leu num jornal que a Escola Boa Vista, mantida pela numerosa colônia japonesa, precisava de professores. Ambos se apresentaram, e, aceitos pelo diretor Oshiro Takemori, foram lecionar na zona rural, na Mata do Ceroula.

Período tranquilo, mas difícil.

Sem condução própria, e quando não lhes era oferecida uma carona, caminhavam quilômetros e quilômetros, Barbosa Rodriguez levando as compras feitas em Campo Grande, Henedina conduzindo o filho menor José Maria.

Na segunda etapa, mais tarde, Barbosa Rodriguez foi contratado como faxineiro (única vaga existente na ocasião) do jornal “JORNAL DO COMÉRCIO”, cujo diretor era o famoso Dr. Jayme Ferreira Vasconcelos. Barbosa Rodriguez não se avexou com a humildade das funções (limpeza da casa e das máquinas). Tinha plena consciência do seu valor e da sua superioridade. Conseguiu publicar, mais tarde, um artigo seu no jornal.

O Dr. Jayme leu o trabalho e ficou surpreso. Mandou chamar o “faxineiro”, e foi taxativo:

- O senhor trabalhando como faxineiro no meu jornal? Que absurdo! Está desperdiçando talento e cultura de um legítimo jornalista. (Essa história ele próprio nos contou, confirmada pela nossa inesquecível amiga Henedina.)

Decorrido mais de meio século de trabalho, de lutas, de realizações e êxito nas áreas de jornalismo, da TV, da história, da cultura sul-mato-grossense, J. Barbosa Rodriguez desmentiu, solenemente, a afirmativa do escritor francês Balzac de que “A glória é o sol dos mortos.”

Os homens passaram, os políticos, os governos, mas J. Barbosa Rodriguez, ainda vivo, continuou no ápice do seu prestígio, recebendo as maiores e as mais diversas e honrosas homenagens da agradecida comunidade sul-mato-grossense.

Com o falecimento de J. Barbosa Rodriguez, aos 86 anos de vida, não só a Imprensa da nossa terra ficou de luto fechado, mas também seus amigos, os seus admiradores, e a ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, que chorou a morte física do seu fulgurante acadêmico e do seu grande benfeitor!



## A primeira aula de francês

Ao reler o artigo do estimadíssimo Elpidio Reis – “NA ESCOLA, ENFIM!” (Correio do Estado de 10/11/95), veio-nos o incoercível desejo de relatar o episódio de como foi a nossa primeira aula de francês, num respeitável estabelecimento de ensino de Campo Grande - MS, na década de 30. O Colégio dispunha de excelente corpo docente, e de um Diretor, quase mulato, alto, sisudo, severíssimo, desses que impõem respeito a léguas de distância...

Era o nosso 1º dia de aula de francês! Estávamos excitados e curiosos. Aprender francês aquela época representava para nós, um sonho, quase igual ao de aprender aramaico para conversar com CRISTO, nas poeirentas estradas da Galiléia

À hora exata, todos os alunos já estavam sentados nas suas respectivas carteiras. Porém... (sempre há um porém na vida), faltou o professor titular. Na impossibilidade de se arranjar um substituto na

ultima hora, o diretor resolveu o problema. Seria ele o professor. Entrou em classe de cabeça erguida, mais ereto do que De Gaulle em parada militar, o ordenou ríspido:

- Abram os livros na primeira página. E, agora, repitam comigo: “Mon père, ma mère, lê mur, la Maison”. E lia tranquilamente as palavras como estavam escritas. E nós as repetíamos, quase gritando, convencidos da nossa superioridade sobre os demais alunos que não estudavam francês.

O diretor se foi. Na próxima aula, quando entrou o professor titular, gritamos alvoroçados:

- Nós já sabemos professor. Quer ver?, e sem esperar resposta, começamos a gritar as palavras com a pronúncia que nos fora ensinada.

O Professor levantou a cabeça, surpreso, franziu a testa, e indagou seco:

- QUEM FOI QUE ENSINOU ISSO A VOCÊS?”

- O nosso diretor, respondemos em coro.

O Mestre baixou a cabeça, hesitou um pouco, e, afinal, nos explicou de modo convincente:

- Na primeira aula de vocês, o diretor adotou a pronúncia clássica, dos primordiais da língua francesa. Eu prefiro, porém, a pronúncia moderna. De hoje em diante, vocês terão que pronunciar as palavras do seguinte modo:

LE MUR (Le mir)

LA MÈRE (La mér)

LE PÈRE (lê per)

LA MAISON (La mêson)

BEAUCOUP (Bocú)

Ouvimos calados, e calados engolimos a pílula.

Somente anos mais tarde, descobrimos a elegância do Professor Titular, e a solidariedade maçônica para com o improvisado colega de magistério... Mas, boa vontade não supre competência.



## JORGE ANTÔNIO SIÚFI

*Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932. Advogado e professor. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é “Catiça de Gato”. Recentemente lançou o CD “Jorge Siúfi - Eclético”. Ocupa a cadeira nº 14 da Academia.*



### Assunto de família

Roberto, engenheiro e Renata, sua esposa, professora universitária, em data recente, durante o almoço, sem saber por que, começaram a falar sobre sexo, assunto tão discutido e debatido, sendo que, de repente, é levantado um problema relacionado com Teresa, a filha de 12 anos que, no entender do casal, haveria de ser alertada sobre os efeitos do sexo, do comportamento que deve ser observado, etc...

- Então, Renata, hoje a noite, logo após o jantar, vamos conversar com nossa filha, colocando-a a par de todos os perigos que podem surgir, pois aos 12 anos começa o organismo a se manifestar curioso, com sinais que uma criança deve conhecer, etc...

- Mas, meu bem, Tereza é ainda muito criança!!!

Mal teve tempo de completar o que ia dizer, quando foi interrompida por Roberto, que atalhou:

- Querida, 12 anos, repito, é início de tudo que possa se relacionar com o sexo. Tereza tem que ser orientada, para se precaver...

Foi cortado o assunto por Renata, mãe, que, como todas as mães, são preocupadas com a família, enfim, neste caso, com a filha.

- Então, tudo bem, prepare-se, pois acabado o jantar, vamos con-

versar, seriamente com nossa filha, e ponto final.

Terminado o jantar, Roberto dirige a palavra para a filha, dizendo:

- Querida, eu e sua mãe, preocupamos muito com sua criação e, de vez em quando, temos a obrigação de tocar em assuntos delicados com você e, nesse momento, queremos entrar num assunto delicado que é o sexo...

Tereza, sem pestanejar, lascou:

- Sem problemas, papai. Pode perguntar, você e a mamãe, que estou à disposição para explicar tudinho para vocês... é só perguntar qual é a preocupação de vocês.



# JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES



*Nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. Foi advogado e professor. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da ASL. Foi seu presidente de 1972 a 1982. É autor de “Deste lado do Horizonte”, “Jorge Luis Borges”, “A Erudição e os Espelhos” e “História da Literatura Sul-Mato-Grossense. É contista premiado nacionalmente. Ocupa a cadeira nº 11 da ASL.*

## São João Bosco em Campo Grande

Campo Grande se engalana espiritualmente para receber a Relíquia de São João Bosco, uma das mais fulgurantes figuras do Cristianismo, pela sua vida e sua obra repassadas do mais puro sentimento de amor, caridade e cumprimento das lições de Jesus Cristo.

O orgulho e a glória por tão alta visita não é somente de Campo Grande, mas de todo o nosso Estado, onde os salesianos, filhos de Dom Bosco, plantaram obras de caridade e ensino, formando a juventude consoante os princípios do Cristianismo, bastando lembrar que já na década de 30, em Três Lagoas, havia um Colégio Dom Bosco e uma escola N.S. Auxiliadora, a par de um hospital que até hoje conserva o nome da milagrosa Mãe de Jesus. Sem falar no Mato Grosso Uno, onde, em Cuiabá, por exemplo, grandes sacerdotes salesianos se projetaram, como D. Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, Presidente do Estado e membro da Academia Brasileira de Letras, cujo discurso de posse é uma das mais belas páginas da Literatura brasileira.

Nasceu Dom Bosco na pequena localidade de Becchi, na vila de Murialdo, município de Castelnuovo D’Asti, hoje Castelnuovo Dom Bosco, na heróica região do Piemonte, Itália, filho de Francisco Bosco

e Margarida Occhiena, no dia 16 de Agosto de 1815. Aos dois anos, perdeu o pai. Mas sua mãe, virtuosa e devota de N.Senhora, empreendeu uma educação aos filhos fundada no amor e na oração ao Pai Celestial, no que era fortalecida em seus propósitos, a despeito da humildade da vida que levava. Disse certa vez aos filhos: “Foi Deus quem colocou lá em cima todos esses astros maravilhosos. Se é tão belo o firmamento, que não será o Paraíso?”.

A obra de Dom Bosco tornou-se mundialmente famosa e louvada, pela dedicação aos doentes, pelo carinho com que ajudava os pobres, pela sabedoria e doçura com que orientava a Juventude, ensinando-lhe o caminho do bem, incutindo-lhe na mente os princípios sadios de Jesus Cristo. Foi o criador do sistema da interação.

Seu sistema educativo é grandioso, muito estudado e seguido em vários educandários do mundo. A respeito, disse o ilustre Prof. Lauro Pedro Lima: “ E nesta “assistência”, nesta “interação” (podemos dizer) o educador salesiano vai transmitindo ao educando sua proposta, isto é , a formação humana, a honestidade, as virtudes do bom cidadão, os valores cristãos.

Os feitos, os milagres, os sonhos e as obras de São João Bosco são tão numerosos e extraordinários que encheriam as páginas de um volumoso livro, todo lembrado pelos seus grandes biógrafos, dentre os quais o salesiano francês, Pe. Agostinho Auffray, autor da famosa obra “Dom Bosco”; e, para alegria e orgulho de nossa região, o histórico e bem pesquisado livro de autoria do Pe. João Baptista Duroure, também salesiano, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, editado pela Missão Salesiana de Mato Grosso, com sede em Campo Grande, em 1977, narrando a gloriosa epopéia dos filhos de São João Bosco, em Mato Grosso, desde que chegaram a estas paragens maravilhosas, no ano de 1894, seis anos após o falecimento do grande santo do Piemonte.

Esta preciosa obra de Duroure destaca o trabalho missionário e social de grandes personalidades salesianas que militaram em nosso Estado de Mato Grosso, desde aquele ano acima mencionado, como

os padres Fochs e Sacilotti, “prostrados sem vida pelas clavas dos Xavantes, que, pelo supremo sacrifício, a serviço de Deus e do próximo, deram a medida de seu amor. Estes mártires mereceram uma obra a respeito de sua verdadeira missão cristã intitulada “Heróis Autênticos”, de outro salesiano, Pe. Pedro Sacilotti, que o autor destas linhas conheceu pessoalmente, quando aluno do Curso Científico do Colégio Dom Bosco, e Campo Grande.

Como somos cultores da Literatura, não podemos deixar de destacar um grande episódio da vida de Dom Bosco. Ei-lo. Em 1883, ele recebeu a inesperada visita do grande romancista e poeta francês, Victor Hugo, autor de clássicos, como “Os Miseráveis”. O visitante mostrou-se incrédulo, confessando que não tinha religião. Após um breve diálogo com Dom Bosco, Victor Hugo retirou-se, voltando à presença do santo, alguns dias mais tarde, dizendo-lhe: “Não sou mais o personagem do outro dia. Creio na imortalidade da alma, creio em Deus, e espero morrer entre os braços de um sacerdote católico, que possa recomendar minha alma ao Criador”. Era o mês de maio de 1883. A 2 de agosto do mesmo ano, o notável homem de letras partiu para a eternidade, deixando a Augusto Vacquerie o seu testamento, que terminava com estas palavras sublimes: “CREIO EM DEUS”.

Célebres se tornaram as missões salesianas, no Brasil, como a catequese dos xavantes, no Rio das Mortes, norte do Estado, em Merure, Sangradouro Sta. Terezinha. Uma majestosa Enciclopédia Borora, escrita pelo Pe. Angelo Jayme Venturelli, do Colégio Dom Bosco de Campo Grande, do qual fui aluno, no Curso Científico, tornou-se famosa em todo o mundo, elogiada na distante Rússia, merecendo elogios do grande antropólogo europeu, Levy Strauss.

Em nossa Academia de Letras, temos a honra de contar com célebres nomes dessa gloriosa Congregação, como o já citado Pe. Angelo, e ainda o Pe. Félix Zavattaro, ambos já falecidos, e o Pe. Afonso de Castro, recentemente empossado, tendo como patrono (Cadeira nº 02), o admirável D. Francisco de Aquino Corrêa, cujo talento literário e grandeza espiritual todos nós conhecemos, maravilhados.

No dia 31 de janeiro de 1888, Dom Bosco parte, sendo alvo das mais sinceras e emocionantes demonstrações de amor e afeto de todos. A 6 de fevereiro, foi sepultado em Valsálice. Tinha 72 anos, 5 meses e 15 dias. Em Turim, no bairro de Valdocco, uma multidão imensa desfilou junto ao corpo do santo, enchendo as avenidas Regina Margherita e Valdocco, presentes todas as classes sociais, os grandes negociantes da época, os mais modestos, magistrados, servidores públicos, os senhores fidalgos, a gente mais modesta, chegando a cerca de 40.000 pessoas.

A 19 de março de 1929, o Papa Pio XI promulgava o decreto que reconhecia como autênticos e válidos os milagres de Dom Bosco. Em abril de 1934, ocorreu a canonização de Dom Bosco. Toda a Roma vibrava de contentamento e indescritível sensibilidade cristã. A Basílica de São Pedro, embora grande e majestosa, não pôde conter a multidão de fiéis. No espaço, ressoou um Triunfal "Te Deum", cantado por mais de 50.000, vozes, e nas trezentas igrejas da Cidade Eterna repicavam festivamente os sinos.

No dia 31 de janeiro de 1936, inaugura-se, em Roma, na Basílica de São Pedro, a estátua de Dom Bosco.

Para nossa alegria, Dom Bosco também foi escritor. Escreveu "Traços biográficos do jovem Luiz Comollo", "História Sagrada", "História da Itália", "História Eclesiástica", e o famoso periódico "Leituras Católicas", que chegou a ter 14.000 assinantes, cifra muito elevada para a época.

Que nossa alma cristã se rejubile, nestes dias, com a presença de São João Bosco, em nossa querida cidade.



## JOSÉ PEDRO FRAZÃO

*Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: "Nas Águas do Aquidauana eu andei" (romance ecológico) e "Tuiuiú My Brother". Ocupa a cadeira nº 29 da Academia.*



### Malbenditos Tucanos

Nas barrancas do Aquidauana  
Onde teci minha casa  
Donde avisto a chalana  
Que o sol colore de brasa...  
Deleito-me com o recital  
Do sanhaço, do pardal  
E do sabiá magistral  
No revoar de mil asas.

Feliz, vou tecendo amores  
No coração pantaneiro,  
Deixando que os beija-flores  
Flutuem em meu travesseiro...  
E acordo sempre com a orquestra  
Dos pássaros da floresta  
Que em meu quintal fazem festa  
Com trinados madrigueiros.

Mas num dia inusitado,  
Estridularam os passarinhos,  
Revoando apavorados,  
Querendo salvar seus ninhos  
De um bando de invasores  
Pretos, belos, assustadores,  
Que a todos causaram dores,  
Comendo-lhes os filhotinhos.

Era um bando de tucanos  
De plumagem sem igual,  
Longos bicos soberanos,  
Nas árvores do meu quintal.  
Daí eu tive a certeza  
Que a vida, a morte e a beleza  
São penas da natureza  
E segredos do Pantanal.

## Tochas Humanas

(Canto Letal)

Seres de fibra, guardiões dessas matas,  
Do bicho, do homem, das águas do rio,  
Não fogem, não calam, não batem, não matam,  
Mas trazem na alma verdes desafios:  
Lutar pela Mata, morrer pela Pátria,  
Com a Fauna e a Flora a chorar noite a fio,  
No ardor do veneno, no ar, no sereno,  
No sol, no terreno, no calor, no frio.

Seres de folha, de ouro, de prata,  
De couro, de nata, de amor, de Brasil,

Combatem as bestas humanas insensatas,  
Que as árvores matam sangrando o verdil;  
Que as aves sufocam, que a terra poluem,  
Que diluem a floresta com fogo ardil;  
Que chamas semeiam nas serras intactas,  
Nas peles dos bichos e do homem gentil.

Seres humanos, bioma, cristal,  
Tutores da vida, anjos da criação,  
Solidários na dor, de entrega total,  
De vida imortal na mortal salvação;  
Que o fogo não queima, mas brilha e inflama  
E clama ao terror do pendor capital,  
Aos cegos famintos de usinas de cana,  
Que amam a gana e não o Pantanal...

Seres-estrela em sublime explosão  
No céu da floresta, no ambiente da vida,  
Bandeiras de gente, de deuses, de chão,  
Que na escuridão cicatrizam feridas;  
Espíritos de luz, esses seres de fogo  
Se imolam na cruz contra o fel da vinhaça,  
Afogando no cálice o vinho do engodo  
Que afoga no lodo a pesca, a caça.

Seres-de-chama, da terra, do céu,  
Que rompem os véus da senil avareza,  
Na mesa da lei do poder, do papel...  
Do troféu dos que matam a gentil natureza.  
E se não podem mostrar o gênio fogo da alma  
Aos olhos incautos dos homens dementes,  
Afloram suas tochas na carne, com traumas,  
E se tornam letais chamas humanas ardentes.

## Os setes pecados capitais

O pecado é a transgressão  
Da Lei de Deus, Lei Divina,  
Que os descendentes de Adão  
Tomaram-na como sina.  
Os capitais são: Soberba,  
Inveja, Avareza, Gula,  
Luxúria, Ira e Preguiça,  
Que a seguir se definem:

**SOBERBA**, triste arrogância,  
É vaidade, presunção,  
Narcisismo, ignorância,  
Empáfia, discriminação.  
O soberbo é um sapo  
Inchado de orgulho e vento  
Querendo ser o mais alto  
Sendo o mais baixo por dentro.

**INVEJA**, pior sentimento,  
Mortal, covarde, mesquinho,  
Que acomete o elemento  
Sem amor-próprio e carinho.  
Sentir-se mal com o bem alheio  
É cobiça e incompetência;  
Ser invejoso é muito feio,  
É falta de inteligência.

**AVAREZA**, pobre doença,  
Dos miseráveis sovinas;  
É a ganância imensa

Que ao homem desatina.  
O avarento é um egoísta,  
Muquirana, desalmado,  
Que vive materialista,  
E morre depauperado.

**GULA**, insaciável  
Desejo do consumismo,  
Deixa o homem incontrolável,  
Obeso, enfermo, depressivo.  
É um desrespeito humano  
O exagero alimentar,  
É vício, luxo profano  
Que ao corpo faz declinar.

**LUXÚRIA**, prazer carnal,  
Que o corpo banaliza;  
Atração sexual  
Idólatra e lasciva.  
Libido que contagia  
A beleza exterior,  
Com excesso de euforia  
E ausência de amor.

**IRA**, a mais letal arma  
Que o espírito utiliza,  
Para agredir corpo e alma  
Dos seres que hostiliza.  
É o ódio por excelência,  
O desamor, a grande peste,  
Produzindo violência  
No paraíso terrestre.

**PREGUIÇA**, vício indolente,  
Que ao trabalho afeta;  
É uma apatia doente,  
É vadiagem discreta;  
É a insensibilidade  
Do homem cuja razão  
Torna-se alienada  
Pelo mal da omissão.



## **Autopsia**

Aqui jaz o pó  
Do homem que não foi poema,  
Da ema que não põe  
E do pão que voou.

No ninho do pantanal  
O canto da Ave Maria  
Reza uma poesia,  
De pena...



# Maria da Glória Sá Rosa



*Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural nas segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é “Música em Mato Grosso do Sul” (2009) em parceria com Idara Duncan. Ocupa a cadeira nº 19 da ASL.*

## O Colégio Osvaldo Cruz continua vivo

*“A casa de meu avô....  
Nunca pensei que ela acabasse!  
Tudo lá parecia impregnado de eternidade”*  
**Manuel Bandeira**

Em sonhos, surgiu diante de mim o casarão onde entrava todos os dias para dar aulas de Português e Espanhol. Parei um minuto e meus olhos contemplaram na entrada os quadros de formatura com fotos de várias gerações, que ali aprenderam não apenas a decodificar signos, mas a buscar no conhecimento a grande arma de conquista dos valores, que dignificam a vida humana.

No início dos anos cinquenta, ao lado dos colegas, **Ruth Pinheiro da Silva, Nagib Raslan, Cândido de Sousa, Antônio Theófilo, Adair José de Aguiar, Paulo Coelho Machado, Virgílio Alves Campos, Luiz Cavalon** e outros marcados pelo desejo de ensinar, comecei a lecionar no Colégio Osvaldo Cruz, escola de liberdade, de respeito a alunos e professores. Enquanto a nomeação para o Colégio

Estadual exigia do professor fidelidade ao partido político dominante na época, as credenciais requeridas pelo Colégio Oswaldo Cruz eram competência e dedicação ao ofício.

Não era a primeira vez que frequentava esse colégio. Menina ainda, quando o diretor era o **Prof. Enzo Cientelli** estudei na Escola Ativa onde fui colega de **Plínio Barbosa Martins** e **Edgar Sperb**. A alegria das aulas dinâmicas de **Maria Constança de Barros Machado**, os recreios animados, as festas de fim de ano são lembranças coladas à pele que vencem a poeira do tempo e driblam a morte.

O magistério para os que têm sede de infinito é refúgio contra a mediocridade, descoberta de novos mundos, ponto de interação com crianças e jovens, que caminham em busca de amor, de sinceridade num mundo sem artifícios.

Na tela das lembranças de cada um, a escola ergue-se firme, sustentada pelas raízes da segurança familiar cultivada através de gerações, que fortificaram suas raízes no exercício de sentimentos verdadeiros .

Como a casa do avô do poeta **Manoel Bandeira**, uma escola não pode acabar, porque a eternidade percorre cada fibra de suas paredes.

Impossível aceitar seu desaparecimento. Daí meu espanto, quando abri o jornal e soube que o Colégio Oswaldo Cruz havia fechado as portas.

Como num filme, fui invadida pela força das lembranças .Revi os diretores de meu tempo: **Carlos Henrique Schrader**, um fidalgo de passadas eras, exemplo da cultura que não se expõe. Incapaz de levantar a voz para dirigir-se a alguém, fazia da simplicidade, da delicadeza suas grandes armas no contato com o corpo docente e discente. No silêncio da memória, visitou-me em seguida **Luiz Alexandre de Oliveira**, na época dono do estabelecimento, inteligência e memória surpreendentes, orador famoso, criador dos primeiros cursos noturnos secundários de Campo Grande nos quais funcionavam o clássico e o científico, que preparavam os alunos para a universidade sem a dependência de cursinhos como hoje. Revi num espaço de minuto a disciplina das salas de aula, os professores carregando caixas de giz, apagadores e cadernos , as exposições de fim de ano, as aulas no laboratório,os jogos esportivos.

Surpreendi passos apressados no assoalho dos corredores, lágrimas, sorrisos, de acordo com o resultado de exames e lições.

De repente, era noite, vi a luz apagar-se obrigando os alunos a sair caminhando sossegados pelas ruas desertas.

No dia seguinte, tudo recomeçaria sem traumas, porque a indisciplina não fazia parte do repertório da escola. Também não me lembro de ter ouvido comentários sobre asfaltos e roubos. Nunca soube de problemas graves de relacionamento entre a direção e os corpos docente e discente.

Tudo isso passou por mim como figuras deslizando no cristal de um espelho.

Hoje, quando vou ao Mercado e o Osvaldo Cruz me fita de longe com seu jeito de quem me pede contas do passado, penso na frase: “Tudo que é sólido desmancha no ar” que **Marshall Berman** utilizou para explicar a ansiedade pelo novo e justificar a presença da modernidade. Afirmo porém que nem tudo se dissolve. As verdadeiras realizações são perenes, nenhum tufão consegue destruí-las. A morte não tem poder sobre elas. Passam-se anos e até séculos e os ideais refulgem na escuridão. O Osvaldo Cruz vive porque se alicerçou num sonho feito da crença nos valores que significam.



## Em busca dos perdidos carnavais

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda o ser, muda a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança  
Tomando sempre nova qualidade.”*

**Camões**

Uma simples palavra é capaz de provocar múltiplas sensações na capacidade que tem a mente de trazer de volta coisas adormecidas,

dando-lhe o contorno das emoções. O termo carnaval surge para mim impregnado das lembranças de uma infância em que tudo tinha sabores e cores imprevisíveis, próprios do mundo de mistérios e magias no qual, segundo os poetas, vivem as crianças. Nunca me esquecerei da primeira vez em que, da calçada da rua 14 de julho, assisti à passagem de um desfile em carros abertos, as pessoas jogando confetes, serpentinas, soltando a voz em sambas e marchinhas como de nada contasse para elas, além da euforia de abrir o coração ao prazer de viver. Pela primeira vez tive vontade de ser adulta para participar do ritual que irmanava a população em gestos e ritmos que nunca mais encontrei com a mesma espontaneidade. Que saudades de uma era em que todo mundo sabia decor os sambas-enredo, as marchinhas, os hinos e as cidades onde se dançava nas ruas! Mais tarde frequentei os bailes infantis do Rádio Clube e do Clube Militar, vivi a preparação das fantasias, a organização dos blocos, os concursos de fantasia, na expectativa dos dias de folia, que demoravam a chegar. No filme da memória, revejo crianças em luxuosos trajes de gala, carregadas nos ombros dos pais orgulhosos do papel que desempenhavam, enquanto as ondas do rio-tempo desfilavam indiferentes às dores individuais.

O Carnaval era um estado de espírito, uma febre que tomava conta de corações e mentes. As fantasias eram simples, eu mesma desfiava as cordas para as saias e fabricava os colares e pulseiras com que me transportava ao Havaí místico dos sonhos. Me revejo menina, tesoura na mão cortando o feltro e pregando no cetim as cartas de baralho e no lenço as medalhinhas da cigana. Depois saía pela rua rindo e cantando na despreocupação de uma adolescência cujo relógio ficara parado no jardim das emoções.

No Rádio Clube, marchinhas e sambas misturavam-se ao cheiro do lança perfume, enquanto no palco os músicos da orquestra se revesavam para que os pares pulassem e gritassem na comunhão de alegrias nascidas da consciência de que era preciso aproveitar o tempo antes que ele se desfizesse para sempre.

Bebidas, drogas, distúrbios de comportamento não fazem parte de meu acervo de memórias do Carnaval de Campo Grande. A sensação

mais viva vem com os sons da orquestra do Rádio que me atingiam com a força das coisas inesquecíveis, quando na rua Pedro Celestino via o castelo de luzes do clube e era invadida pela antecipação ansiosa dos episódios que me aguardavam.

Meus carnavais da infância e adolescência pertencem à idade da inocência que o mundo com seu ritmo febril de mudanças se encarregou de desfazer. Confrontados com as festas de hoje de ruídos, gritos, explosões provocadas pelo consumo de álcool, abuso de drogas, corpos agitando-se em ritmos inconsequentes, recomponho a confiança no futuro, o eu interior que não mudou e com ele junto pedaços de vida que não se diluíram.



## Retorno à magia do tempo perdido

*“Mas vem o tempo e a idéia de passado  
Visitar-te na curva de um jardim  
Vem a recordação e te penetra  
Dentro de um cinema, subitamente”.*  
**Carlos Drummond de Andrade**

Na noite morna de 8 de dezembro deste ano, invadidos pelos cheiros e sabores das diferentes pizzas da Ritorna, eu e meus ex-alunos da turma de 1956, do Colégio Estadual Campo-grandense, ancoramos no espaço mágico da poesia para reviver o tempo de inocência do quadro-negro, do lápis, da caneta tinteiro, dos pesados uniformes cáqui e azul-marinho em que o papel era elemento imprescindível nas atividades da sala de aula.

Os livros nos transportavam a outras esferas, em que desconhecíamos o significado de blogs, e-mails e twitters, porque escrever, colorir, desenhar fazia parte das atividades motoras dos estudantes como fontes produtoras de criatividade e paz interior.

O mundo mudou, o impacto planetário da internet deu novo rumo aos caminhos do conhecimento. Apesar de tantas, transformações, continuamos interessados em curtir certos fragmentos do tempo, que são peças vivas de rejuvenescimento da existência. Como diz T.S.Eliot: “com a velhice o mundo torna-se mais estranho, os padrões de morrer e viver complicam-se, mas os sentimentos verdadeiros continuam a transformar certos pedaço de vida, em suportes de resistência aos males do cotidiano”.

Chamava atenção dos frequentadores da pizzaria o grupo de homens e mulheres da terceira idade que, às vésperas do Natal, celebravam o fato de estarem vivos e felizes, unidos pelas lembranças dos anos de colégio. Como nos filmes de Fellini, de Bergman dois planos se cruzavam nas mentes de cada um. De um lado, o deslizar de sensações e recordações registradas pelo vídeo tape da memória afetiva, do outro os fotogramas do presente.

Como a primeira cena de um filme, surgiu subitamente a figura de Dona Constança, a diretora que com sua competência e energia deu novo ritmo ao ensino do Estado e mais tarde tornou-se nome do colégio. Depois, foram chegando, cada um com seu jeito peculiar, os professores que marcaram a vida dos presentes. O primeiro a ser lembrado foi Luiz Cavalon que fazia tremer as meninas pela segurança aliada à exigência nas aulas de Matemática. Depois vieram as notas de música de Kalil Rahe, os exercícios de inglês de Nagib Raslan e Rosa Melke, a lições de História de Maysa Bacha, os desfiles e exposições de trabalhos manuais de Hermínia Grise. As lembranças atravessavam as paredes do tempo, na luta contra o esquecimento, enquanto lá fora as luzes de natal da cidade cintilavam como signos de conforto aos corações campo-grandenses.

Desde 1996, os reencontros acontecem todos os anos, por iniciativa de Israel Cavalcanti e Isaias Ferro, líderes da turma, responsáveis pela manutenção desse ritual de memória. A ideia visitou a cabeça dos dois numa visita ao Prof. Luiz Cavalon, para

confortá-lo pelo trágico desaparecimento de um filho. A primeira das reuniões, a mais solene de todas, começou com uma visita ao colégio Maria Constança de Barros Machado. Um jantar no Restaurante Lalai contou com a presença dos professores João Pereira da Silva, Hermínia Grise, Aparecida Bogalho, Luiz Cavalon e Nagib Raslan. Os dois últimos deixaram saudade, quando foram habitar as planícies da eternidade.

Meio século depois, esses ex-alunos que brilharam no esporte, enfrentaram difíceis vestibulares nos quais foram aprovados sem necessidade de cursinho, ali estavam diante de mim, a mais velha de um grupo, que teima em manter a confiança no futuro, como quem está no início de suas vidas.

Como eu, amaram, casaram tiveram filhos e netos, viram partir companheiros e filhos queridos. Irani Bucker, que foi rainha dos estudantes de seu tempo, hoje artista consagrada, acaba de ser classificada no Salão de Arte MS de 2009. Maysa Grise, hoje respeitável avó, cuida da mãe velhinha, pratica esportes e comprou até um piano para aprofundar a habilidade no cultivo da música clássica. Dalva é dinâmica agente de turismo. Leida, Ana Alice e Josilda dedicam-se com entusiasmo à família aos filhos e netos, Israel, tenente coronel aviador, brilhante aluno de matemática, distraiu os presentes relatando inúmeros casos das vezes em que salvou vítimas de desastres. Seu grande hobby é a cozinha.

Isaías, que foi meu brilhante aluno de Português, é notário famoso em Campo Grande. Ao lado da esposa Miriam resolve com rara competência problemas de pendências judiciais.

Uma atmosfera de otimismo contaminou a reunião que se estendeu até quase meia noite. Ninguém debulhou tristezas nem se queixou da vida. A palavra solidão não faz parte desse grupo que se alimenta do entusiasmo haurido nas fontes da escola.

Quanto a mim renovei minhas forças e abençoei o dia em que fui professora dessa gente que me transmitiu os segredos da confiança no outro, da amizade sincera, das razões de resistir à voragem

dos dias de hoje em que tudo parece conspirar contra o otimismo, a coragem de ser.

Como num espelho que se reflete noutra, regressamos a um mundo interior de certezas onde nos sentimos mais confiantes, porque alimentados pelas raízes do afeto, certos de que ainda temos muito a construir.



# Nelly Martins



*Nasceu em Campo Grande (MS) em 1923 e faleceu em São Paulo (SP) em 2003. Ex-primeira-dama do Estado de MS (esposa de Wilson Barbosa Martins). Foi pintora de talento reconhecido. Escritora e Cronista, publicou as seguintes obras literárias: “Crônicas de Viagem”, “Vespasiano, Meu Pai”, “Vivência”, “Casos Reais”, “Água Fresca” e “Duas Vidas”. Foi Acadêmica da ASL.*

## Crendice

Caburé, conhecido como pássaro noturno, é ativo dia e noite.

Seu cantar à luz do sol desafia a passarada e na escuridão atravessa o espaço, ressoando longe. Canto persistente, sem variação, goteira cantante, martelar sonoro.

Os passarinhos e até pássaros maiores chegam perto e ficam a ouvir a corujinha velhaca que os pega de surpresa e se alimenta, em especial, dos miolos desses incautos infelizes.

O que facilita essa caça é a sua falsa face na parte traseira da cabeça, a chamada face occipital. Ela é mais marcada e vistosa que a real e isso faz com que os pássaros pensem que estão a uma passo do seu bico. Nesse momento, ele avança voando e captura a caça indefesa.

Para os superciosos as histórias sobre o caburé despertam cismas.

É simpatia das boas, de acordo com a crendice popular, ter uma pena desse pássaro como amuleto. Pena na aba do chapéu, na bolsa, bolso, carteira ou missal conserta a vida, acerta os amores, espanta as dores. Caboclo com pena no chapéu ronca grosso, está com tudo e não precisa de mais nada.

Compra-se uma de vendedores, feiras ou lojas de artigos de candomblé.

Eu possuía uma amiga que tinha um caburé engaiolado. Sua casa era muito movimentada por pessoas que até iam em busca de favores. O pássaro em sua gaiola, dependurada no corredor de entrada, vivia tristonho, feioso, depenado. Ora sem asa, ora sem rabo, muitas vezes sem os dois.

E sempre se ouvia a dona da casa reclamar:

- Quem anda arrancando as penas do meu caburé? Por que não deixam o bichinho em paz?

E tanto arrancaram que deram cabo do pássaro. Não aguentou ele a depenada; foi ficando triste, abatido e morreu quase sem penas, pelado.



## Milagre

Ela diz:

“A vida é um milagre”.

Ouçõ-a, olho ao meu redor, vejo céus e terras, escuto sons e ruídos, aspiro cheiros e perfumes e sinto a verdade da fala.

A vida é um milagre.

No princípio, há milhões de anos, Deus ordena:

“Faça-se a terra” e assim acontece.

Era massa incandescente, mole, sem forma, solta no espaço a girar, girar e a se expandir no contexto do universo, que espanta e embevece.

A terra se esfria, crosta endurecida a envolve. Por ordem do Senhor, terras e mares se agrupam.

E Ele diz: “façam-se céu e terra, luz e trevas, sol e lua, dia e noite”.

Nasce então a cobertura verde que cresce e enriquece a terra.

Dela nos vêm flores e frutos, formas, cheiros, cores e sabores mil.

Rosa, orquídea, violeta, cravo, margarida, tulipa, peônia, magnólia marcam a primavera.

Banana, laranja, limão, jaca, pêra, maçã, ameixa, melão, melancia, kiwi, sapoti, mamão, pinha, pinhão chegam com outono.

Tempo dourado de luz, calor e sol ardente é tempo de verão. Chegam com o inverno, vento frio, gelo nas terras, mares e rios.

E então Deus criou os animais na terra e no mar, e aves no ar.

Os viventes se multiplicam.

E, diz Deus, então:

- Fazamos o homem à nossa imagem. Toma o barro e dele faz quem dominaria o mundo. Para isso lhe dá, com um sopro, o fôlego da vida.

A mulher Ele a fez de uma costela do homem que se chamou Adão e ela Eva.

O mundo cresce.

O homem se multiplica.

Várias raças povoam terras de cinco continentes.

Criam-se condições e normas de vida, leis, direitos e obrigações, mas surgem, também, as disputas e desencontros. A cada instante o homem se eleva com suas descobertas e inventos.

Há tempo de guerra e paz, de tristeza e alegria, tempo do bem e do mal, de salvação e perdição.

A esperança, porém, permanece e a humanidade corre em busca do melhor.

Do conagraçamento de raças e povos para um mundo de liberdade e justiça, onde impere o amor e a paz.

Só assim poderemos sentir a grandeza do milagre que é a vida.



## Rosa de quiabo

“Menina eu já sabia:

A rosa é a rainha das flores.”

Jardim nobre, jardim de antigamente tem sempre sua preferida:  
Fausto Cardoso, Crimpson Glory, Príncipe Negro, Biscuit, Chá, Maxixe e muitas mais.

Sob a sombra da rosa de Jericó, Maria descansou na fuga para o Egito.

E pelos campos nasce a Rosa de Quiabo. Rosa simples semelha à flor de quiabo e esta é irmã da Rosa de Quiabo. Rosa de Quiabo que nasce e vive pelos campos. Poucas sépalas, sedosas, lisas, suaves, uma rosa outra amarela, ambas singelas. Vida efêmera, sem perfume, brota em ramada rala, perdida nos espaços abertos do pantanal.

Ama os gestos de ternura da brisa serena, flutua ao sopro do vento, fere-se facilmente, expira docemente.

Não se dá conta, a formosa, que passou pela vida a derramar cores e tintar os prados de rosa.

Delicada, mansa, despreocupada, sem saber nome e destino, nem o quanto é bela, sorve, descuidada, o instante de beleza que lhe reservou a vida.



## Seu Piauí

Tivemos um jardineiro nordestino. Estatura média, magrelo, loiro, olhos azuis, parecia um nórdico com sotaque de matuto.

Amava o trabalho, era sacudido, não encontrando empecilho em nada. Quando limpava um paredão verde sumia como um tatu entrando em seu buraco. Só aparecia de volta depois de extirpar folhas velhas, secas, machucadas. Vinha sujo, arranhado mas contente com a limpeza feita.

Precisava de assistência, pois conhecia pouco a arte de jardinagem e não sabia tratar as plantas.

A Íris há dois anos não florescia e só então percebi que ele podava suas folhas quando é justamente nas pontas das mesmas que os cachos roxos e perfumados se abrem. E quanta falta sentíamos das flores delicadas enfeitando nosso recanto.

O jasmineiro, que se cobria de flores, parara de florir. Sofria poda na época errônea e lá se ia a floração de cambulhada.

Cuidei sempre para que o pinheiro imenso conservasse os galhos primeiros ao alcance das mãos. Caíam arcados, balançavam ao vento.

Um dia cheguei no jardim e encontrei-o “à la garçonne”. Os ramos baixos, cortou-os o jardineiro.

Quando o vi falei-lhe:

“Seu Piauí, meu pinheiro ficou tão judiado que tive vontade de chorar”.

Ele, sem compreender direito tanta dor por tão pouca coisas, olhou para a árvore, para mim e logo veio a resposta:

“Quem qué chorá agora sô eu, mas não se avexe não qui vô fazê umas rezas p’ra ele brotá”. E sempre vigiava os galhos que nasciam devagar garantindo que eram as orações.

Amiga, lhe perguntara sobre as flores que se abriam e ele tentara mostrar conhecimento. Apontando as orquídeas nascidas nos troncos mais rugosos e grossos, colorindo-os de vários tons de roxo, disse:

“Essas são as paralisias”.

Expliquei-lhe o significado de paralisia e o nome certo da flor e ele então respondeu:

“Ah é? Então cumu é mesmo o nome? Orquídeas? E mostrando certa dúvida completa:

“Intão num é paralisia?”



## Um casal de sabiás

Há tempos não cantam os sabiás, ou não os ouço, talvez.

Há mais tempo ainda quero falar sobre eles e quando me lembro de Gonçalves Dias esmoreço. Acho ousadia.

O casal desse pássaro, que vive grande parte de suas vidas, em nosso jardim, anda quase mudo.

Alguma tarde ou rara manhã, um deles ensaia seu canto e fica nisso. É como se afinasse a voz, como se faz em um violão, só um ensaio, uma afinação. Parece que é preguiça do sabiá. Bicho preguiçoso! Fico aguardando o solo matinal, talvez um dueto e nada. Só o ensaio, fica nisso.

Mesmo, porém, sem o canto, eles enchem de graça o nosso canto. Pousam na murta, no ipê amarelo, onde a baunilha cresce sufocando a árvore, na dracena que, muito alta, se esparrama qual um arvoredado, nas sobras do pinheiro, hoje a terça parte do que foi. Precizou ser cortado. Uma pena.

Saltitam eles de um para outro lugar, de galho em galho, fazem pose, cientes da beleza que mostram. Pássaro bonito o sabiá-laranjeira. Dias há que seu peito é laranja, outros castanho, conforme a clareza do dia.

A maior atração do jardim são as plantas e flores, mas eles completam o recanto.

Caminham pelo chão. Ora lentos, quase lerdos, ora dando passinhos ligeiros. Em seguida, metem os bicos compridos na terra molhada e fofa, escondida entre os verdes, em vários matizes, que cobrem os canteiros.

As bicadas são certas. Jogam, na calçada ou na grama, as minhocas, menos ligeiras, que caçam com golpe certo. São elas engolidas, sem nem perceberem o fim que lhes dão os caçadores.

Nos locais de caça, a calçada fica borrifada de terra vermelha, que cheira vida.

Eles limpam os bicos, olham desconfiados e continuam pelo chão ou se alojam em galhos sombreados.

Acho que moram nas mangueiras que ainda existem aqui por perto. Penso que elas têm o privilégio de abrigarem seus ninhos.

Este ano quero anotar o seu primeiro cantar. Eles cantam, melodia festiva, trinada com muitas variações, canção alegre que dá tristeza na gente.

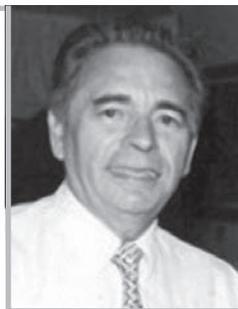
Eles “gorjeiam” como dizia o grande poeta brasileiro. Os de “lá” devem cantar bonito, mas acredito, também como ele, que não gorjeiam como os de cá.

“Os que aqui gorjeiam” gorjeiam melhor que os de lá.





## REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



*Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: “Saga Pantaneira”, “Futebol - Uma Fantástica Paixão”, “Futebol Campo-Grandense”, “O Paladino do Pantanal” e “Águas do Povo”. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.*

### O Cantinho da Glorinha

1988 e 1989 foram anos luminosos para exaltação da literatura sul-mato-grossense com a publicação das crônicas do historiador Paulo Coelho Machado “PELAS RUAS DE CAMPO GRANDE”, semanalmente, na página do Suplemento Cultural da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, do jornal Correio do Estado.

Aconselhado, o historiador reuniu parte das crônicas e, no segundo semestre de 1990, numa noite de temperatura agradável, no Teatro Municipal (coladinho a prefeitura), lançou “RUA VELHA” (Rua 26 de agosto), livro editado pela gráfica do Tribunal de Justiça de MS. Uma multidão compareceu à festa lítero-cultural. O historiador tomado de surpresa exclamou:

- Eu não sabia que tinha tantos amigos.

Fui um dos primeiros a receber o autógrafa do autor. Na saída, já descendo os degraus do teatro, o acadêmico e amigo Antonio Lopes Lins, tocou-me no braço direito.

- Apresento-lhe a professora e escritora Maria da Glória Sá Rosa, a “Glorinha”, para os amigos.

Cumprimentamo-nos cordialmente. No finzinho dos degraus

abrimos um sorriso nordestino, metade cearense, metade paraibano. Aqueles degraus assemelhavam-se aos degraus que davam acesso à sua residência, no primeiro andar, na rua Antonio Maria Coelho, nº. 1178 que, surpreendentemente, daquela noite até hoje já subi dezenas de vezes. A nossa amizade se estendeu nos deliciosos encontros literários da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Associação dos Novos Escritores de MS, das edições do Arauto (jornal da literatura sul-mato-grossense) e de lançamentos de livros.

Nas minhas visitas (ocorrem semanalmente) há sempre o saboroso cafezinho e as novidades contidas na esplendorosa sala de recepção que mais parece um atraente salão de exposição de quadros de notáveis artistas, sem contar com fotos, troféus, decoradas peças indígenas e objetos memoráveis da cultura européia, chinesa, egípcia, e outras, fruto de suas viagens.

Um verdadeiro acervo cultural de dar inveja a qualquer colecionador da área. Para o deleite do visitante há uma estante repleta de livros famosos de autores da literatura regional, nacional e internacional, telas dos artistas Humberto Espíndola, João Sebastião, Terezinha Neder, Luiz Xavier, Heron Silva, Jorapimo, Mary Slessos, Julio Alvarez e Paloma Kaiper Cruz.

Encantadoras paisagens, deliciosas e sedutoras.

Pertencente a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, um dia Maria da Glória Sá Rosa colocou em minhas mãos seu currículo e exemplares de sua aplaudida e vasta produção literária. Foi um dia de felicidade. Descobri, como desvairado leitor, que a nossa heroína, vindo do Ceará, veio morar em Campo grande em 1939, com apenas 12 anos de idade. Brillante como estudante, é graduada em Línguas Neolatinas pela PUC do Rio de Janeiro. Participou da fundação e instalação dos primeiros cursos superiores de Campo grande e o Cine-Clube de Campo Grande. Coordenou diversos festivais de música e de teatro. Na Universidade Federal de MS chefiou alguns de seus departamentos e organismos culturais. Foi Presidente da Fundação de Cultura do Estado, Secretária de Estado Adjunta da Cultura e Presidente do Conselho

Estadual de Cultura. Aposentada, como Professora, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, dedica seu tempo a viagens, leitura e adora escrever.

Publicou as obras: Cultura Literária e Língua Nacional (em parceria com Albana Xavier Nogueira), Memória da Cultura e da Educação em MS, Memória da Arte em Mato Grosso do Sul (em parceria com Idara Duncan e Maria Adélia Menegazzo), “Deus Quer, O Homem Sonha, A Cidade Nasce” e “Crônicas de Fim de Século”, “Contos de Hoje e Sempre - Tecendo Palavras”, além de centenas de artigos sobre personalidades, artes e cultura nos jornais locais.

Mais recentemente (2006) editou “Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul” (em parceria com Idara Duncan e Yara Penteado) e “Música em MS” (2009) em parceria com Idara Duncan.

Nos primeiros dias de 2008, numa manhã cheia de sol, subi os degraus de sua casa para mais uma visita. A porta se abriu para uma gostosa surpresa. No hall de entrada estava o artista Jonir Figueiredo, dando os últimos retoques no “CANTINHO DAS LEMBRANÇAS” (Cantinho da Glorinha), espaço onde todos os diplomas, títulos, troféus, condecorações, medalhas de méritos e outras estão expostos.

Antes que a homenageada se aproximasse para o cumprimento, corri para “O CANTINHO” e vi, entre tantos, os títulos de Cidadã Campo Grandense, Cidadã Sul-Mato-Grossense, Doutora Honoris Causa (outorgado pela UFMS) e Professora Honorária pela UNIGRAN de Dourados.

Uma cena que jamais se pode esquecer.

Conversar com a professora Glorinha é beber numa fonte de inesgotável saber. Sempre a vejo como uma escritora das mais notáveis que temos tido, cuja obra ascende para uma culminância luminar. O caráter documentário de suas crônicas, publicadas em jornais e reunidas em livros, não só é um resgate da cultura mas, também, é um retrato animado e precioso da vida de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul em seus grandes momentos culturais.

Por tudo isso a visitarei sempre. Salve o “CANTINHO DA GLORINHA”.

## Sonetos no azul da tarde

Reginaldo Costa de Albuquerque, paraibano, radicado em Campo Grande desde a mocidade, desperta para a literatura com este contagiante e magnífico “SONETOS NO AZUL DA TARDE”, um raio poético que desliza e enche de gozo os sensíveis e insensíveis leitores do Estado de Mato Grosso do Sul e quiçá do Brasil.

Os sonetos bem trabalhados, de rima e métrica perfeitas, de mensagem poderosa, nada ficam a dever aos aplaudidos sonetistas do nosso país, levando-se em conta a esplêndida manifestação de sua sensibilidade artística como forma de expressão de sua luminosa força inspiradora.

Reginaldo Costa de Albuquerque pisa o tapete mágico da auriluzente literatura já consagrado como poeta.

Encantei-me num dia desses com um texto que li de um escritor paranaense que dizia “Interesso-me pela literatura porque ela me leva para mundos possíveis. Ela me aponta mundos possíveis. E o faz sem nenhuma presunção. Há um mundo possível num livro que eu abro. E isso é uma coisa que fascina profundamente.” “SONETOS NO AZUL DA TARDE” tem, quando aberto e lido, esse ingrediente e essa característica de fascinar e de enlevar o sentimento do belo, numa hora gostosa e prazerosa de leitura.

Aprendi que, quando trabalhei na roça, assim como uma semente é cuidadosamente posta no solo e com o balanço do sol e da chuva perde sua forma pequenina e se transforma, muitas vezes, numa frondosa árvore de dimensões gigantescas, da mesma forma, guarda as devidas proporções, o livro “SONETOS NO AZUL DA TARDE” simboliza a semente posta nas mãos dos ávidos leitores, com extremo cuidado, com o sol e a chuva de uma literatura bem planejada, florescerá iluminando o caminho do poeta REGINALDO COSTA DE ALBUQUERQUE para um retumbante sucesso na literatura brasileira, lugar que logo, logo, por merecimento, lhe pertence.

Estamos todos felizes com “SONETOS NO AZUL DA TARDE” (Ed. Life), de autoria de Reginaldo Costa de Albuquerque, um poeta que maneja os versos de forma promissora, discernindo vida a sua verve, com beleza e harmonia.



## **Touro inatingível**

Nas terras de José de Paulo, no Caldeirão, lugar onde a vazante molhada pelo único olho d’água acolhia o nosso roçado sofria enorme modificação quando entrava o verão brabo, entre novembro e janeiro. As dadivosas plantações sumiam. A relva seca e morta ficava de uma tonalidade amarela escura, quase marron e os capins, grandes e pequenos, faziam-se de um tom profundo de ferrugem. Então, quando o veio d’água sumia, tudo seco, em dias quentes e sem nuvens, aquela miragem de água era visível na região do vale do Paraíba. No areião branco do rio cavava-se cacimbas, aflorando, com pouca intensidade, borbulhantes restos de Água salobra. No centro da vazante quando o ar, junto da superfície da terra, faz-se visível, quando se pode distingui-lo dançando diante de nossos olhos, como pequeninas e vacilantes línguas de chama -flamas cristalinas, vacilantes e mal distintas dando a impressão de pequenos lagos, líquido rebrilhante, prateado sob o sol. Momentos escaldantes aqueles dias primitivos e distantes da infância.

Quando os dias eram mais quentes o perigo de incêndio estava sempre presente em todos os cantos. A qualquer momento uma fagulha de cigarro, descuidadamente atirada, poderia levantar chamas perigosas.

Havia notícias de grandes incêndios na região, as chamas jogavam para o espaço rolos de fumaça, como nuvens, pesadas e sombrias, cobrindo rapidamente o Vale do Paraíba, sem, contudo, atingir a vazante do caldeirão, para o nosso alívio.

Nessa ocasião a parte plana da vazante, ao derredor, tão longe quanto se podia olhar, era absolutamente lisa e desprovida de árvores, o

mato curto queimado pelo sol de janeiro mostrava-se tão rente a terra, que quando um cavalo, a galope, pisava a relva amortecida ouvia-se o barulho dos cascos ásperos do animal amassando os talos ocos e secos que inundavam o lugar. O gado do fazendeiro José de Paulo se juntava em enormes grupos, mugindo de sede e levantando nuvens de poeira em seus esforços para alcançar as cacimbas cavadas, de águas salobras, em toda a extensão do rio Paraíba.

Muitos animais sucumbiam de fome e sede e, para o prejuízo não ser de proporções imensas, os proprietários de terras vendiam boiadas para o abate aos matadouros da capital João Pessoa, touros e vacas que seguiam nos vagões de trem da Rede Ferroviária do Nordeste, outras vezes nas carrocerias de velhos caminhões.

Um dia presenciei, protegido pela rimenceira do rio, a ida de uma boiada para o ponto do trilho onde seria embarcada em vários vagões. Vi pela primeira vez o estouro de uma boiada. Os bois vinham de manhã, tangidos pelos vaqueiros a cavalo, armados de relhos, vinham de longe, em ordem, sempre ameaçados também por varas com ferrão nas pontas. Pobres bois: Transformar-se-iam em alimentos. Carne verde, de sol, de charque, não importa, seguiam em marcha lenta para a morte.

Porém um touro, prevendo a desgraça, de repente, levantou a cabeça, sorveu o ar (que sempre foi livre), saiu num arranco, de junto dos companheiros - lá se foi pela leito seco do rio, à frente de todas as perseguições - inatingível, tinha a independência no sangue. Vibrei com o primeiro herói de minha infância. Os demais embarcaram nos vagões mas aquele, pela astúcia e bravura, salvou-se do cativo e da morte - grande, forte, poderoso, uma luz a brilhar no horizonte da liberdade.

Um vencedor que fez morada em minha mente, para sempre.



## RUBENIO MARCELO

*Poeta, compositor e revisor, é autor de oito livros publicados e dois CDs musicais. Ocupa a Cadeira nº 35 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da qual é o atual secretário-geral. Pertence também à Academia Maçônica de Letras de MS (Cadeira nº 13) e é filiado à UBE-MS. Recentemente participou - como convidado - da **I Bienal Internacional de Poesia** que aconteceu em Brasília, reunindo os grandes nomes da poesia nacional e do exterior.*



### ‘Cesta Básica da Cultura’ – Magistral Projeto do ‘Semeador de Livros’ Américo Calheiros

[Em 2009, mais uma vez foi um sucesso!]

Dando prosseguimento ao seu magnífico projeto “Cesta Básica da Cultura” – que ao longo da sua existência já doou quase 12.000 livros para bibliotecas, escolas, salas e espaços de leitura, instituições, ONGs etc – o acadêmico, professor e teatrólogo Américo Calheiros (presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul) efetuou, na noite de 25 de novembro/2009, a entrega de 2.250 livros (50 cestas com 45 exemplares cada uma), em sua maioria obras regionais e lançadas no decorrer de 2009.

Realizada no Teatro Aracy Balabanian - Centro Cultural José Octávio Guizzo, rua 26 de Agosto nº 453, Campo Grande -, esta edição deste evento anual [que foi criado pelo dinâmico Américo Calheiros em 2001, ano em que ele tomou posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras] foi, como das vezes anteriores, um verdadeiro sucesso, tanto em termos de organização como de público. Uma noite especialmente dedicada à cultura, à literatura e ao Livro, este “ingrediente essencial para a alimentação do saber e do conhecimento humano, tão importante e indispensável quanto o arroz e o feijão” no sensato dizer de Calheiros.

No ensejo, foram contempladas entidades como: a Biblioteca e Sala de Leitura da Moreninha e do Jardim Colonial, Biblioteca Carlos Drummond de Andrade (de Costa Rica), Biblioteca Municipal de Inocência, Biblioteca Municipal de Pedro Gomes, Casa da Memória e Biblioteca Municipal de Corguinho, Escola Ideal, Escola Municipal Neno Menezes de Ávila, Escola Municipal Irmã Irma Zorzi, Escola Estadual Cândido Mariano (de Aquidauana), Escola Estadual Antonio Nogueira da Fonseca (Indubrasil), Escola Municipal Urbana Quinze de Outubro (de Miranda), Casa Brasil, Instituto Martin Luther King, Gibiteca, Cia das Artes, dentre outras.

Numa parceria com a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e apoio da Prefeitura Municipal de Campo Grande, e com o lema “Cesta Básica da Cultura – Alimento para a Consciência”, a edição inaugural deste elogiável empreendimento aconteceu na noite de 17 de dezembro de 2001 (uma segunda-feira), em solenidade realizada no Rádio Clube Cidade, com a entrega de 30 cestas, cada uma contendo 28 livros de autores locais. Na ocasião, Américo Calheiros – que era o presidente da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer de Campo Grande (FUNCESP) – enfatizou: “Este é o tipo de projeto que não pode ser apenas de uma pessoa ou de um organismo, deve estar entrelaçado entre os vários segmentos sociais, todos tendo como objetivo a busca do conhecimento”.

Hoje, firmado como um dos mais louváveis vetores de incentivo à leitura, ao conhecimento e ao saber, o projeto ‘Cesta Básica da Cultura’ robustece sobremaneira o patrimônio bibliográfico estadual, acervos, bibliotecas e espaços afins, bem como fortalece a literatura de Mato Grosso do Sul em suas diversas vertentes. São ações como esta que nos animam a seguir em frente, na luta renhida do cotidiano, acreditando num futuro promissor referente ao potencial de leitura do nosso país.

Destacando-se como personalidade cultural que tem prestado relevantes e permanentes serviços ao Estado, Américo Ferreira Calheiros recebeu recentemente mais uma justa e importante condecoração: a Comenda do Mérito Legislativo pela Assembleia Legislativa de MS. À

época, em texto publicado no suplemento cultural do Jornal Correio do Estado, a insigne acadêmica e doutora honoris causa pela UFMS, Maria da Glória Sá Rosa (Professora Glorinha), asseverou com sabedoria: “Américo Calheiros nasceu para o dever de entregar-se à paixão por tudo que na vida vale a pena.” (...) “Em todos os cargos que ocupa, seu olhar emite clarões que iluminam espaços, recria veredas, surpreende e estimula os que fazem parte de sua equipe. Conviver com ele é aprender a decifrar os segredos da cultura. Felizes de nós que temos à frente do processo cultural de MS alguém que ama a vida, inaugura novos espaços e dá a nosso Estado perspectivas de crescimento, de força, para cumprir o destino do amor sem conta numa doação ilimitada à paixão de viver e amar”.

Que venha, neste 2010, a 10<sup>a</sup> edição deste esplendente Projeto concebido pelo eclético e incansável Américo Calheiros, que – com a consolidação da Cesta Básica da Cultura – evidencia aquele célebre plectro de Castro Alves: “Oh! Bendito o que semeia livros... Livros à mão cheia... E manda o povo pensar! O livro caindo n’alma é germe que faz a palma, é chuva que faz o mar!”.



## A tragédia euclidiana

Era domingo. Chovia forte na fria manhã de agosto do subúrbio carioca.

Na casa 214 da Estrada Real de Santa Cruz, bairro de Piedade, residiam dois jovens gaúchos: um cadete do Exército (21 anos, loiro, alto, campeão de tiro ao alvo) e seu irmão, 20 anos, aspirante naval, atleta, jogador de futebol, titular da camisa 4 do Botafogo do Rio de Janeiro.

Ali, naquela casa, também se encontrava uma bela mulher, 34 anos de idade, casada há dezenove, que – em virtude de desavenças com o marido, e atraída pelo formoso cadete – havia saído do seu lar, levando consigo um dos seus filhos (o mais velho, de 17 anos).

Descendo a enlameada rua, em passos agitados, um homem franzino (de terno escuro e carregando na consciência a certeza de estar sendo injustamente atraído) procura o fatídico endereço. Transtornado e repleto de ira, identifica o local. Na frente da casa, ele bate palmas...

Recebido pelo aspirante naval, aquele injuriado homem (o marido, um preeminente intelectual, 43 anos de idade, que durante toda sua vida nunca tivera olhos para outra mulher) adentra a sala, enquanto pergunta sobre o paradeiro da esposa. Não obtendo resposta, saca a sua arma – um velho revólver calibre 32, tipo sete tiros – e, dirigindo-se para uma porta situada no corredor da “república”, desabafa: “hoje vim aqui para matar ou morrer”.

Defrontando-se com o cadete campeão de tiro, num dos quartos da residência, o homem – constrangido e cego de raiva – não pensa duas vezes: efetua dois disparos na direção do rival, ocasião em que o aspirante, numa reação natural de proteger o irmão, tenta desarmar e conter o ímpeto do agressor, engalfinhando-se com este, que, no entanto, se desvencilha e aperta mais três vezes o gatilho. Desses três tiros, dois foram superficiais e um alojou-se na nuca do aspirante naval. Enquanto isto, o cadete, que fora alvejado na virilha e no peito, revida os ataques, acionando seu 38 e acertando o homem na região do pulso e clavícula. Este, ato contínuo ao brutal duelo, ferido e com a sua arma já sem munição, tenta caótica e desesperadamente sair em direção à rua... Porém, ouve-se mais um estampido: perseguido e novamente atingido pela mira letal do adversário, o desditoso homem tomba de bruços, ensopado de vermelho, quase na soleira da casa, aos ouvidos perplexos de curiosos que se espremiavam em frinchas da alameda.

Em seguida, os dois irmãos (o atleta aspirante naval e o cadete campeão de tiro) ainda conseguem conduzir o desafeto, desfalecendo, para o interior da casa. Todos feridos e cambaleando nas manchas e rastros de sangue. Verdadeira barbárie. Um médico é chamado. Mas, antes da chegada do socorro, morre o homem traído (o único que, neste tiroteio, perdeu a vida). Ali, ele, balbuciando, ainda perdoou a mulher e

o filho que se encontravam no local (e que durante o incidente ficaram escondidos na despensa).

Após um ano e nove meses deste sangrento episódio, o campeão de tiro, agora oficial de cavalaria e já absolvido (vez que teve aceita a tese de legítima defesa), casa-se com a viúva: a dita mulher geradora das lancinantes discórdias.

Completados cinco anos e dois meses deste insólito convívio, o campeão de tiro vê-se metido em mais um crime: desta vez, ele cerceia a vida de um dos filhos de sua atual esposa (um irmão legítimo daquele outro que esteve presente na cena do homicídio de seu pai).

Inexperiente aspirante-a-guarda-marinha, 22 anos de idade, armado com um Colt 32, este infeliz rapaz, envolto em ares de vingança, premedita e alveja com três tiros – num cartório do Rio de Janeiro – o padrasto (o assassino do seu pai). Surpreso e ferido, entretanto consciente, após breve vacilo, o campeão de tiro reagiu acionando o revólver que trazia consigo. Projéteis certos atingem o enteado, que tenta se proteger fazendo como escudo um funcionário do cartório, mas acaba ferido mortalmente na cabeça. Posteriormente julgado em face deste novo crime, o reincidente é novamente inocentado.

Após treze anos de convivência conjugal e cinco filhos desta relação, o campeão de tiro, aos 36 de idade, separa-se da mulher (49) que, direta ou indiretamente, o envolvera nas cinematográficas tragédias.

Ele falece, aos 63 anos, de infarto. Ela morre na pobreza, solitária, aos 76, de câncer.

O irmão do exímio atirador, o aspirante naval, o atleta – que chegou a ser campeão, em 1910, pelo Botafogo de Futebol e Regatas – veio a falecer aos 32 anos, após ficar paraplégico em decorrência da progressão dos sintomas gerados pelo tiro na nuca descrito no início deste ensaio. Deprimido, revoltado e entregue à mendicância, ele – em tresloucado gesto – arremessou-se no rio Guaíba (Porto Alegre/RS), pondo fim à própria vida.

Abro um parêntese, agora, para enfatizar os nomes dos principais personagens envolvidos nas nuances dantescas da impressionante e verídica história supracitada:

O campeão de tiro (o jovem que “virou a cabeça” da mulher casada - pivô de toda tragédia) era Dilermando Cândido de Assis, um indômito e próspero militar que nasceu em 1888, em Porto Alegre, e faleceu em 1951 (coincidentemente, o mesmo ano em que também faleceria a mulher). Ressalte-se que, curiosamente, o nome ‘Dilermando’ significa “aquele que tem boa pontaria”.

O irmão deste, o jovem aspirante naval e atleta (que, no ano de 1921, acabou cometendo suicídio) era Dinorah Cândido de Assis.

A mulher era Anna Emília Ribeiro (“Saninha”, para os íntimos). Esta, ao casar-se pela primeira vez, ao 15 anos de idade (com o homem que viria a ser assassinado por Dilermando de Assis), passou a assinar Anna Emília Ribeiro da Cunha. Após o segundo casamento (com Dilermando) ela ficou com o nome de Anna de Assis.

O filho que acompanhava Anna no dia da morte do seu pai chamava-se Solon da Cunha. Este viria a ser morto, mais tarde, aos 24 anos, numa emboscada, quando se encontrava na região amazônica.

O outro rebento de Anna (aquele que foi abatido por Dilermando, no cartório) era Euclides da Cunha Filho (o “Quidinho”).

E o homem traído, aquele que decidiu partir para o ‘tudo ou nada’ em defesa da sua honra (mas, humilhado e crivado de balas, perdeu a vida na lúgubre manhã chuvosa de 15 de agosto de 1909) era o insigne engenheiro e escritor fluminense Euclides da Cunha, um dos mais altos nomes das letras nacionais, o autor de “Os Sertões” – a mais consagrada obra brasileira do início do século XX.

Foi assim que o Brasil perdeu um dos seus maiores intelectuais de todos os tempos. Assim foi a triste saga euclidiana.



## **O Prêmio Nobel e a supremacia americana**

(Os recentes ganhadores receberam o laurel em 10.12.2009)

Criado há 108 anos pelo engenheiro e inventor sueco Alfred Ber-

nhard Nobel, o Prêmio Nobel é uma das recompensas mais cobiçadas e a láurea mais importante que vigora no universo acadêmico mundial.

Alfred Nobel – que, dentre suas várias invenções, criou a dinamite (patenteando-a em 1867) – idealizou o Prêmio que leva o seu nome com o objetivo de homenagear as personalidades que contribuem para o progresso da Ciência e o fomento da paz e defesa dos direitos humanos.

Fator decisivo para esta atitude de Nobel – de acordo com a história – foi a triste verificação de que a sua descoberta química, apesar de ter representado um elogiável avanço científico, poderia ser (e estava sendo) usada também como arma letal. Assim, o devotado cientista, que nasceu em 1833 (em Estocolmo) e faleceu em 1896 (em San Remo, Itália) multimilionário e – conforme consta – titular de mais de 300 patentes, entretanto solteirão e sem filhos aos 63 anos de idade, destinou em testamento a sua vultosa fortuna (33 milhões de coroas suecas) a uma instituição que anualmente premiasse pessoas ou entidades que ‘reconhecidamente tivessem realizado pesquisas com resultados importantes, inventado técnicas pioneiras e prestado relevantes serviços à humanidade’. A Fundação Nobel (cujos estatutos foram promulgados pelo Rei da Suécia a 29 de junho de 1900), sediada em Estocolmo, é a gerenciadora dos fundos. A partir de 1960, doações de diversas outras instituições e fortunas pessoais foram também sendo incorporadas ao rendimento do capital inicial da entidade.

São concedidos cinco prêmios Nobel originais: de física, química, medicina, literatura e paz. Entretanto, no ano de 1968, o Sveriges Riksbank – o Banco Central da Suécia –, em comemoração aos seus 300 anos de existência, idealizou e instituiu mais um prêmio, de economia (o “Prêmio de Ciências Econômicas, em memória de Alfred Nobel”), que é conferido pela Academia Sueca de Ciências e pago pela instituição bancária que o criou e não pela Fundação Nobel. Este prêmio é entregue na mesma ocasião que os demais. Assim, o primeiro “Prêmio Nobel de Economia” foi concedido em 1969 aos cientistas econômicos Jan Tinbergen e Ragnar Frisch.

A cerimônia pioneira de concessão dos Prêmios Nobel aconteceu

no ano de 1901 (em Estocolmo - Suécia), onde são entregues até hoje. Ressalte-se apenas que a entrega do Nobel da Paz, diferentemente das outras categorias, ocorre, desde a sua primeira edição, em Oslo (Noruega). A data oficial da premiação é 10 de dezembro de cada ano (aniversário da morte de Alfred Nobel). O Prêmio, que é outorgado através da avaliação criteriosa de várias instituições (dentre estas a Academia Real de Ciências da Suécia para a Física e Química; a Academia Sueca de Letras e o Comitê Nobel da Noruega), consiste numa medalha de ouro com a efígie do seu criador, um diploma com a citação da condecoração e uma bela soma em dinheiro.

Atualmente, para cada área, o montante médio do Prêmio Nobel – que possui os Estados Unidos liderando o ranking geral dos países ganhadores – consiste em mais de 1 milhão de euros ou dólares (cerca de 10 milhões de coroas suecas), podendo ser dividido entre até três laureados por categoria.

Nesta mais recente edição (2009) o Prêmio Nobel agraciou os cientistas norte-americanos Elizabeth Blackburn, Jack Szostak e Carol Greider (Medicina); Charles Kuen Kao (que nasceu em Xangai, mas tem nacionalidade britânica e americana) e os norte-americanos Willard Boyle e George Smith (Física); os norte-americanos Thomas Steitz e Venkatraman Ramakrishnan, e a israelense Ada Yonath (Química); o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama (Paz); os norte-americanos Oliver Williamson e Elinor Ostrom (Economia); e a ficcionista e poeta romeno-alemã Herta Mueller (Literatura). Como vemos, das 13 pessoas laureadas com o Prêmio Nobel 2009, 11 possuem nacionalidade americana. Outro detalhe relevante é o número recorde de mulheres vencedoras (5) numa mesma edição.

Para nós brasileiros, um fato curioso e constrangedor, relativo a este importantíssimo evento mundial, é que – mesmo com o seu potencial científico/tecnológico e o seu festejado patrimônio artístico/cultural – o Brasil jamais ganhou um prêmio Nobel. E mais uma vez passamos em branco.

Até quando ficaremos na fila aguardando a distinção mais famosa

do planeta!? Até quando o Brasil será um gigante tropical adormecido perante a mídia científica internacional? Até quando? – Só o tempo dirá.



## Os loucos

Os loucos estão pisando  
Em templos imaginários...  
Seus passos baços traçando  
Tranquilos itinerários...  
Nos braços da fantasia  
Não têm noite nem dia  
Em seus gestos solitários...

Seus bolsos são relicários  
De tesouros irreais;  
Os seus sentidos pressentem  
As coisas transcendentais;  
E reinventam quimeras  
Na beira de mil crateras  
Dos tempos e temporais.

Os loucos buscam graais,  
Madrigais, coplas e hinos;  
E vão, em seus palafrems,  
Tecendo castos destinos...  
Os loucos não são letais;  
São poucos, mas são leais.  
São loucos, não cabotinos!

Nesses tropéis peregrinos,  
Em silêncios sepulcrais,  
Os loucos contemplam mitos  
Com flâmulas siderais...  
Alfim, numa nuvem-lã,  
Alcançam Aldebarã  
E não retornam jamais!

## **Genuflexão**

(Ou: “Uma pecadora e sua cruz”)

A noite esmaecendo em leniência...  
O templo inda fechado. E a meretriz,  
assaz despudorada e tão beliz,  
entanto busca a paz da sua essência.

Por um instante, queda-se em latência,  
com sua consciência por um triz...  
Porém, bem devagar, curva a cerviz  
e, genuflexa, faz grã penitência...

Contrita, ante a friagem da calçada,  
ressonha amanhecendo aliviada  
chorando os seus pecados pra Jesus...

Deixa-se pela fé ser carregada;  
pede perdão a Deus, compenetrada,  
e parte carregando a sua cruz...



# VALMIR BATISTA CORRÊA

*Nasceu em Maracai (SP), em 1946. Professor licenciado por Faculdade de Filosofia, Mestre pela USP em História Econômica e Doutor pela USP em História Econômica do Brasil. Ocupou os mais diversos cargos no Estado e colabora com diversas mídias. Publicou “Coronéis e Bandidos em Mato Grosso”, “Corumbá: Terra de Lutas e de Sonhos”, dentre outras. Ocupa a cadeira n° 17 da Academia.*



## Uma história de amor

Entendo que escrever um livro é sempre um ato de amor. O ofício do escritor requer razão e sensibilidade, além de agregar poderes extraordinários ao autor, como o de viajar no tempo, conviver com personagens pretéritos, fictícios ou reais, viver e reviver suas alegrias, suas tristezas e passar os registros de emoções diversas, de angústias ou alegrias, ao seus leitores. Creio mesmo ser um privilégio escrever, os mais diversos temas e pelas mais diversas razões, realizando um projeto, ou um sonho, de editar um livro. Muito poucos, neste país de poucos leitores, ganham alguma coisa e mal sobrevivem exercendo essa desa-fiadora profissão. Porém, há quem consiga escrever livros bons, mesmo exercendo outras atividades profissionais, como professores, profissionais liberais e outros mais.

Alguns temas de difícil aceitação pelo público culto, transformam-se por mãos e mentes brilhantes em textos fascinantes, de real interesse e fácil leitura aos que se aventuram por seus trilhos. Um exemplo disso são os livros que tratam de genealogias que na maioria das vezes são verdadeiras “listas telefônicas” e desfilam uma exaustiva e enfadonha relação de nomes e datas somente interessando os que

estão ali inseridos. Mas há casos, felizmente, que contrariam esta regra ingrata.

Por isso, fico feliz em poder registrar com plena satisfação o lançamento do livro “Pantanal Pioneiros”, do advogado, pecuarista e escritor Abílio Leite de Barros, editado pelo Senado Federal. Um álbum primorosamente produzido, que extrapola os limites de um trabalho meramente genealógico, e que deve se tornar uma referência obrigatória aos pes-quisadores dedicados aos estudos regionais, em especial, sobre a gente pantaneira. Aliás, essa é a especialidade do Abílio, assim chamado carinhosamente por seus amigos, que construiu um modelo de apresentação e interpretação da história do cotidiano e de famílias, de real significação e contribuição para todo o tipo de público, científico ou diletante.

Mas esse livro não é só isso. Para se entender melhor o significado deste lançamento é necessário conhecer um pouco mais o seu autor, em carne e osso. Trata-se de um jovem que, por acaso, tem cabelos brancos e algumas dezenas de décadas de vida já bem vividas, e que ostenta um semblante sereno, disfarçado de quietude, e um constante e franco sorriso. Já o vi de semblante fechado, quase de cara feia, mas isso aconteceu quando seus ouvidos seletivos ouviram algum pseudo-intelectual ou jovem despreparado destilar mediocridades ou asneiras diversas. Mas esse estado de espírito é raro no Abílio, embora qualquer pessoa mais sensível tenha muitos motivos para aborrecer-se neste festival de besteiras que assola o país, para usar do velho e ainda atual chavão do Estanislav Ponte Preta.

Abílio é um homem à moda antiga, culto, formado na famosa Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, e recebeu enquanto estudante uma forte influência ideológica do pensamento conservador do Instituto Dom Vital, no meio intelectual brasileiro, de meados do século passado. Assim mesmo, com uma formação sólida, com rara sensibilidade e inteligência, soube conviver, compreender e aceitar posições ideológicas divergentes. Um exemplo posso contar de camarote: é a sua interlocução tolerante e instigante com um jovem (que

também casualmente tem meia dúzia de décadas vividas), professor e pesquisador de história, desde os primeiros encontros ainda na velha e muito amada Corumbá, para conversas sobre gente e casos antigos. Fico até hoje impressionado e honrado com esta a-mizade consolidada com o tempo, com respeito, dignidade e admiração mútuas pelos livros e documentos sobre nossa terra.

Escrevo sobre “Pantanal Pioneiros” no calor do seu festivo lançamento, apenas fo-lheando as suas belas páginas, garimpando uma ou outra foto mais bonita, um ou outro no-me de pessoa que conheci viva ou inscrita na história de Corumbá e do Pantanal. Mas, não o leio de um só fôlego, que é o primeiro impulso. Seria como cair de boca numa finíssima cachaça (disso eu entendo também), com um imediato embriagamento. Não. Esse livro é para ser saboreado e degustado aos poucos, sobretudo por aqueles que de alguma forma estão aí incluídos. Aliás, aos membros das famílias pantaneiras é obrigatório exibi-lo na mesinha central da sala de visitas ou incluí-lo no enxoval das noivas, como dote. Seria co-mo se uma noiva levasse consigo suas raízes mais preciosas.

Isso é o novo livro do Abílio Leite de Barros. E para encerrar, ousou registrar um trecho, que denota o seu alto grau de sensibilidade, a sua generosidade e seu amor à sua gente. Referindo a um parente, Gonçalo Leão de Barros, assim o descreve: “nasceu com problemas sérios, possivelmente decorrentes da idade avançada de sua mãe. Foi um espírito simples, um inocente de Deus. Muito querido pelos irmãos e sobrinhos, tinha um temperamento singular, marcado por forte religiosidade, muita teimosia e várias manias”.

Por tudo isso, considero “Pantanal Pioneiros” um ato de amor. Abílio de Barros cravou essa paixão no papel, com uma trabalhadeira danada que isso lhe deu. Mas, certamente, foi um ato de paixão carnal, que deve lhe ter proporcionado muito prazer. Certamente, mui-tos também o desfrutarão.





# CHÁ ACADÊMICO DA ASL

## Mais um ano de sucesso

O “Chá Acadêmico da ASL” continuou marcando durante todo o ano de 2.009. Um ano marcado pela valorização humana, sucesso do Chá Acadêmico, sempre muito prestigiado pela sociedade sul-matogrossense. Foram várias personalidades que passaram pelo nosso sodalício, deixando a sua mensagem e seus conhecimentos que tanto contribuíram para o engrandecimento da nossa academia.

No dia 30 de Novembro, a palestra foi proferida pelo Acadêmico Sr. Francisco Albuquerque Palhano (Chiquinho Palhano). O ilustre palestrante ministrou na ASL sobre o tema: “Literatura - Memória e Revelação”.

Tivemos também a nossa confraternização dia 22/12/2009 entre os acadêmicos e amigos da ASL, com a festejada entrega da revista de nº 15.



*Acadêmicos e público atentos no Chá da ASL.*



*Chiquinho Palhano durante sua palestra*



*Milton Vicente (membro correspondente), Proença, Geraldo Ramon, Glorinha, Rubênio Marcelo, Chiquinho Palhano e Reginaldo Araújo - Em Chá da ASL.*



*Abrão Razuk discursando na ASL*

*Professora Glorinha falando na so-  
lenidade de confraternização.*





*Glorinha, Reginaldo Araújo, Abílio de Barros, Proença e Carolina de Barros.*



*José Pedro Frazão discursando na ASL.*



*Abrão Razuk, o amigo da academia Daniel Reis e Augusto Cesar Proença.*



*O repentista guaicurú Ruberval Cunha em performance na ASL.*



*Reginaldo Araújo, Guimarães Rocha e Heliophar de Almeida Serra.*



*Acadêmico Rubenio Marcelo, secretário-geral da ASL.*

*Reginaldo Araújo, presidente da ASL.*



*Acadêmicos com o Prof. Gilberto Alves em Chá da ASL.*



*Guimarães Rocha, tesoureiro da ASL com o Acadêmico José Couto Vieira Pontes.*



*Auditório lotado da ASL - por ocasião do Chá Acadêmico.*



*As Acadêmicas Glorinha, Lucilene Machado e convidadas com a escritora Delasnieve Daspét (que palestrou no Chá da ASL).*



*O Vereador Paulo Pedra, os Acadêmicos Paulo Tadeu, Reginaldo Araújo e Américo Calheiros com o Governador André Puccinelli*



*A escritora Diva Pavesi com o Acadêmico Geraldo Ramon Pereira, coordenador do Suplemento Cultural da ASL no jornal Correio do Estado.*



*Acadêmico José Couto Vieira Pontes e convidados no Chá da ASL.*



*O Chá Acadêmico da ASL sempre teve bom público presente.*



**Fotos de Eliezer Bueno  
e Venâncio Josiel dos Santos**



# CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA



---

## **Influência deste e de outros projetos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras no contexto lítero-cultural do nosso Estado**

(Por **Geraldo Ramon Pereira**)

Criado no século passado (1973), sob a égide do então presidente da ASL - e um de seus cofundadores - José do Couto Vieira Pontes, o “Concurso de contos Ulisses Serra” não poderia aspirar por melhor progenitor: o acadêmico Couto Pontes, como informalmente o chamamos, é um dos maiores contista da nossa região e do país. Autor do reconhecido, comentado e por várias vezes premiado livro do gênero - Deste Lado do Horizonte - Couto é um dos pioneiros, entre nós, a abraçar a difícil arte de escrever contos. E não o faz por mera intuição, pois sua bagagem cultural abrange conhecimentos invejáveis de litera-

tura francesa, russa, italiana, inglesa, espanhola (inclusive dos países sul-americanos) e outras, todas fartamente premiadas com grandes nomes da arte contista universal. Dispensável é falar-lhe da maestria e domínio da língua e literatura portuguesas, cujo grande ídolo seu é o nosso fabuloso Machado de Assis.

Ainda não honrado em ocupar uma das cadeiras da nossa Academia, tive a felicidade de participar do primeiro “Concurso de contos Ulisses Serra” – saindo um dos seus vencedores com o conto regional Aquarela de Sangue, de ambiência pantaneira. Tal acontecimento, marcante em minha vida literária, levou à curiosidade de conhecer-me pessoalmente o também contista, poeta e prosador acadêmico Antônio Lopes Lins que, inteirando-se de minhas investidas na Literatura, passou a incentivar-me, tanto como poeta como prosador, culminando por indicar-me para concorrer a uma vaga na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras...

Conto-lhe, paciente leitor, tais fatos, com o intuito de mostrar-lhe como uma academia de Letras, através de um simples, mas interessante concurso, pode descobrir ou incentivar novos valores na difícil arte de bem escrever. Daí a surgir um novel talento como escritor vai depender das qualidades particulares e interesse de cada um. Mas a semente está sendo lançada. É só adubá-la e aguá-la com o suor da persistência.

E eis que, nesta nova edição, de nº 16, da nossa Revista da Academia, estamos incluindo, na sua íntegra, os três primeiros lugares dentre os contos que, por decisão soberana de uma comissão acadêmica, foram os vencedores do último concurso. Assinados com pseudônimos, acalenta-nos a ansiosa curiosidade de saber quais os nomes reais desses ganhadores, que só passamos a conhecer após a classificação. Que bom verificar que um candidato felizado é, às vezes, gente do nosso convívio; outras vezes, um concorrente de outra cidade ou até mesmo de outro estado. Isso revela-nos a importância da divulgação do concurso, através de edital, no que somos eternamente gratos ao saudoso acadêmico Prof. J. Barbosa

Rodrigues, que nos concedera a página Suplemento Cultural, aos sábados, do Jornal Correio do Estado, na qual publicamos matérias acadêmicas.

Além de outras atividades correlatas, internas e extra-sede, conforme já abordado em volumes anteriores desta revista, é intenção da Academia abrir oportunamente novos concursos, como de crônicas e poesias – em especial o de sonetos, para ampliar o leque de oportunidades aos que curtem a boa e versátil literatura.

Quem sabe, assim, surgirão novos nomes que possam ser inseridos conceitualmente no contexto da literatura regional, onde paira uma espécie de mania hegemônica de só se destacar um único valor, já consagrado, em cada área – como, a exemplo, na poesia só é citado, em nosso meio, o poeta Manuel de Barros. Nada contra o valor do magno bardo, que admiro e respeito. Mas outros talentos existem, com outros estilos, outras formas, poetas que também catalisam a apreciação e o respeito pela sua originalidade, e até pela capacidade de preservar as formas clássicas tradicionais, que são imortais, como toda arte verdadeira. Para não pecar, não citarei nomes. Entretanto, estes nunca são lembrados. A própria mídia incumbe-se de eclipsá-los, evidenciando sempre o mesmo astro, isolado. Deve-se atinar que a beleza do céu não está em uma única estrela, mas sim no conjunto delas. A lua, solitária, deixa o firmamento triste... É o conjunto de flores que dá vida ao jardim!

Assim também ocorre com nossos escritores de outros gêneros (contistas, cronistas, romancistas), cujos nomes, em grande monta, são relegados ao anonimato, não porque suas obras não mereçam reconhecimento, mas porque apenas uns poucos conseguem levá-las ao prelo de uma grande editora, que se incumba do marketing e da divulgação a que fazem jus.

E aqui reporto novamente à importância dos concursos literários de nossa Academia de Letras. Os concursos são lançados, os escritores em potencial são motivados, redigem seus trabalhos, concorrem, os melhores são filtrados e divulgados através desta Revista, que chega aos olhos de todos os que apreciam a bela arte de escrever. Entre estes

estão os Editores e os próprios Governantes, cujas repartições voltadas para a cultura, como o FIC/MS, interessam-se em apoiar a publicação e divulgação de livros de autores regionais. Com isso, ganham os escritores, ganha a Literatura de Mato Grosso do Sul.

Daí talvez, quando alguém lá de fora perguntar pelos nossos escritores, tenha-se, orgulhosamente, mais de um nome para ser citado dentre os vários gêneros literários - o que vai demonstrar que nosso estado, além de sólida economia, contribui significativamente para a riqueza lítero-cultural do nosso país.



A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras promoveu a edição/ano 2009 do “*Concurso de Contos Ulisses Serra*”, já tradicional em sua história. A comissão julgadora, composta pelos acadêmicos: Maria da Glória Sá Rosa, Geraldo Ramon Pereira, Reginaldo Alves de Araújo e Rubenio Marcelo, classificou os seguintes contos:

**1º Lugar:** “Polux e Castor” (de **Arlindo Fernandez** – Campo Grande/MS);

**2º Lugar:** “Diário da Guerra do Paraguai” (de **Arlindo Norberto Cardoso Ribeiro** – de Campo Grande/MS);

**3º Lugar:** “Cromoterapia” (de **Eduardo Gomes Ismael** – de Camapuã/MS).

A seguir, pela ordem de classificação, a transcrição dos textos vencedores.



# PREMIADOS NO CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA

## **Polux e Castor**

1º Lugar do Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL (ed. 2009)

(por **ARLINDO FERNANDEZ - Campo Grande/MS**)

Sentado no alto do edifício da Galeria São José, Polux tentava entender a visão que tinha sobre os horizontes em constante sépia avermelhado. Era uma librina de grãos de terra suspensos, formando uma grande redoma de poeira, uma paisagem que ecoava tempos primitivos da Terra e, logo abaixo, a cidade cindida entre córregos, cerrados e um agosto que terminava no finalzinho de outubro. Às vezes, Campo Grande parecia um barco à vela assustado e naufragando sob estrelas gargalhantes do hemisfério sul. Pensava Polux: o tempo é irreparável, nasci na extremidade errada dele e tenho que viver detrás pra diante...

Os gêmeos nasceram num outono de ventania, sob um céu absurdo e na parte nodosa do dia. A mãe vivia sozinha sobre a margem terrosa e áspera do rio Inhanduí-Guaçu. Maria era uma mulher singular, de muitos amores e pouca idade. Casou-se com dezoito anos e logo ficou grávida. Numa manhã de nuvens baixas, Maria lavava roupa à margem esquerda do rio, cantava com águas bebendo da vida lentamente quando chegou para degustação um homem purificado de natureza bravia e que dizia palavras com amplos sentidos. Era um ser metafórico, que pescava naquele rio e seduziu a moça com precisão e paixão. Irrompendo com a ordem natural dos acontecimentos Maria teve dois filhos, cada

um de um pai e ao mesmo tempo. Múcio, seu marido, pai de Castor e progenitor de Polux, fazia um trio musical com paraguaios - tocava harpa na churrascaria “Lá carreta” - ficou profundamente abalado com a situação, triste e foi embora para o Paraguai.

E nas sendas do cerrado, onde mangueiras espionam sobre muros, os meninos cresceram juntos. Se amavam como irmãos e conheciam igualmente as razões inconsoláveis de todos os prantos. Artistas de corpo e alma, de mambembes espetáculos pelas calçadas e praças da cidade, os gêmeos sobreviviam desta arte. Polux morava no Grande Hotel Gaspar, tinha gosto por vinhos e charretes – vagava pela cidade de sul a leste.

Na diurna exultação, o quarto de luz amputada pela cortina; no segundo andar do hotel, um bem-te-vi bate o bico contra a vidraça, xícara e restos de alimento sobre a mesa, onde sombras distorcidas de formigas rondam em procissão. Sonolento, Polux se levanta e sua rotina, antes do irmão chegar, era contemplar pela janela do quarto a estação ferroviária, chegadas, partidas e algo miraculoso nas manhãs alaranjadas, onde pássaros explodiam em sons pela esplanada.

Castor morava distante do centro da cidade e no meio de um guaviral; tinha oito filhos com a mesma mulher, que se chamava Maria como sua mãe. A família tirava mel das flores de mirtáceas através das abelhas que cultivavam. Qualquer grande esperança é grande engano - pensava Castor - somos peregrinos de uma existência absurda de agonia e lágrimas sem sentido ou glória!

À noite, velas soltam lágrimas aprisionando mariposas no escuro crepusculado dos grilos e, na alvorada do dia, nuvens calmas e aves se reúnem sobre aquele nicho de homens, formigas, bocaiúvas, araticuns e um fogão de lenha recém-aceso. Era quando Castor tinha surto de imaginação ante ao bule de café. Assistia uma gota de orvalho se equilibrando na haste da bananeira, o gato afiando as garras, os filhos dormindo e o mundo girando. Indignação extinta, ressaca vaga, vinho, remorso e um desejo exaltado de pensar forte e de nunca morrer. Castor era ave noturna, abria as auroras e fechava as escuridões, sabia que

sua herança era canga pesada, criar os filhos e viver como um mortal. Costumeiramente, encilhava o cavalo para a charrete e seguia em troteada para o centro da cidade onde encontrava com o irmão Polux em frente da Estação Ferroviária.

Semeadores enlevados de harmonia, além das paixões terrenais, tinham encanto de deuses gregos que ficou gravado num fotograma no céu noturno de gêmeos.

Polux balançava as pernas sobre os dez andares do edifício da galeria São José, tinha presságios enquanto assistia nuvens lutulentas que pairavam sobre a profusão de pessoas que se aglomeravam ao longo da Rua 14 de julho até o relógio central. Castor organizava o povo que olhava o relógio e cobrava em coro a decisão de Polux saltar.

– Salta! Salta! Salta!

Saltou sem se benzer, por entre aplausos e emoções... Desceu os dez andares num silêncio de quem já morreu. Bateu na calçada e, por alguns segundos, ficou inerte, parecia que a vida tinha se apagado mas, de repente, ele se mexeu, sorriu, levantou, sacudiu a poeira e o aplauso em volta muito mais cresceu. Polux e Castor passaram o chapéu recolhendo o dinheiro que a platéia deu. Depois, seguiram abraçados, como sempre, rumo à Praça Ary Coelho, onde a charrete ficava estacionada.

Fim.



## **Diário da Guerra do Paraguai**

*2º Lugar do Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL (ed. 2009)*

**(por ARLI NORBERTO C. RIBEIRO - Campo Grande/MS)**

Os dois acordaram pela manhã e Belinda propôs que fossem ao Mercado Municipal tomar café da manhã antes de irem ao trabalho.

Sentaram em uma lanchonete dentro do Mercado e ambos pediram um café e uma chipa.

- Adoro esta chipa quentinha. – disse Belinda com um sorriso no rosto. Os dois comiam e conversavam quando João percebeu entre as pessoas, que transitavam, um vulto preto que esbarrou em suas costas.

- Belinda fique aqui.

- Aonde você vai?

- Aquele senhor derrubou a agenda. Vou devolver a ele. – João saiu a passos rápidos driblando as pessoas que carregavam sacolas com verduras frescas. Não queria perder de vista o estranho. Quanto mais acelerava percebia que o vulto de preto também apertava o passo. O estranho homem parecia conhecer muito bem o Mercado Municipal, pois facilmente cortava entre os corredores confundindo o rapaz. Até que o homem tomou o corredor que da saída para a Rua 7 de Setembro. João começou a correr esbarrando nas pessoas que se irritavam por não ouvir do rapaz um pedido de desculpa.

O homem cruzou a rua e os raios, ainda fracos, do sol nascente reluziam na sua cabeça com poucos cabelos, revelando uma pele velha e enrugada. O estranho foi em direção aos índios que comercializavam produtos naturais. João atravessou a rua correndo desviando dos carros e ao tentar cruzar pelos índios esbarrou em grandes toras de palmitos. O choque levou o rapaz ao chão esparramando os palmitos dos índios comerciantes que começaram a reclamar. João levantou-se lentamente, desculpando-se e depois de uma rápida procura notou que perdera de vista o estranho de terno preto.

Uma velha índia aproximou-se furiosamente praguejando numa língua indígena da qual João não conhecia uma palavra. A anciã tinha o braço direito puxado por um jovem rapaz, também indígena, que tentava impedi-lá da investida contra João.

- Mamãe, mamãe. Foi sem querer. O rapaz não viu o que tinha pela frente e acabou trombando em tudo. – Tentava o jovem índio acalmar sua mãe quando João aproximou-se da velha senhora se desculpando. A índia não parava de xingá-lo.

- Desculpe senhora, não tinha a intenção de estragar a sua mercadoria.

Tarde da noite João e Belinda se encontravam deitados no chão. O casal repousava sobre um colchão até que ela se posicionou com o diário do estranho homem nas mãos. O namorado pediu que lesse, pois não era muito acostumado a fazer leituras. A jovem topou de bom grado a leitura.

As folhas amareladas e esfarelantes eram costuradas umas as outras pela margem esquerda. Todas as páginas foram escritas a caneta tinteiro e na primeira folha podia-se ler: DIÁRIO DA GUERRA DO PARAGUAI. Belinda leu em voz alta o enunciado e virou a página. João atento ouvia a tudo muito calmo.

- Nossa! Foram todas as páginas escritas por ele mesmo. – Belinda ressaltou impressionada por ter em suas mãos um diário tão antigo e continuou a leitura.

## **GUERRA DO PARAGUAI**

### *Batalha de Tuíuti 24 de maio de 1866...*

Depois de um tiro de canhão, 24 mil paraguaios lançam-se contra os aliados. Os batalhões uruguaiois, Independência e Libertad, que estavam na vanguarda são destroçados pela cavalaria paraguaia do General Diaz. No término da batalha, o exército paraguaio tinha feito mais de cem prisioneiros de guerras. Alguns deles estavam feridos.

Na tenda onde ficavam os prisioneiros brasileiros o médico do exército guarani foi chamado, pois os feridos tinham febre alta e começavam a delirar. Alguns feridos gritavam, outros tremiam, e quase todos vomitavam uma espuma sangrenta.

Quando o doutor Brites chegou muitos já tinham morrido. A febre parecia ser letal a primeira impressão do médico.

As quatro nações envolvidas no conflito sofriam inúmeras baixas

em seus pelotões, não apenas pelas armas dos inimigos, mas também pelas doenças que assolavam todos os exércitos. As condições insalubres e a falta de higiene em que os soldados eram submetidos aumentavam a contaminação de doenças entre eles.

Muitos soldados passavam meses sem tomar banho e já estavam acostumados a ter sobre a pele uma camada de sangue seco. A grande maioria perdera alguns hábitos básicos de higiene como lavar as mãos e se limpar após a defecação. Eram obrigados a dormir diariamente ao lado de pilhas de cadáveres, que apodreciam e davam um aroma especial à batalha, o cheiro da morte, o cheiro da guerra.

Tanto os soldados como os prisioneiros matavam a sede com a água dos riachos por onde montavam acampamento. A mesma água que servia para levar embora as fezes e urinas dos soldados e quando as batalhas ocorriam próximas a esses rios, suas águas serviam de túmulo para os cadáveres.

Por isso os médicos já estavam acostumados a lidar com esses sintomas provocados por essas condições. Mas essa febre era algo diferente. Era mais forte do que o doutor Brites estava acostumado a lidar, por isso pediu mais enfermeiros em seu auxílio.

Os prisioneiros feridos, que na maioria eram brasileiros de várias regiões do país, começaram a morrer um a um. Os médicos se esforçavam para salvá-los, mas era inútil. Em pouco menos de uma hora todos os prisioneiros brasileiros já estavam mortos.

Os médicos descansavam tomando tereré e relatavam, lamentavelmente, para os oficiais superiores a morte de todos os brasileiros.

Os soldados paraguaios de baixa patente receberam ordens para enterrar os corpos dos inimigos brasileiros que, por causa da infecção, apodreciam rapidamente e a quilômetros de distância era possível sentir o cheiro acre da carne podre. Os soldados cavavam contando piadas, cantavam canções em guarani e tomavam tereré.

O sol era muito forte e os soldados lentamente já tinham enterado a metade dos corpos. A outra metade exalava o odor de carniça, fazendo o céu ficar rodeado de urubus. As aves carniceiras giravam

sincronizadamente como um carrossel de um parque de diversões sobre a cabeça dos soldados paraguaios.

Enquanto metade dos homens paravam debaixo de uma árvore para descansar e tomar um gole de tereré, a outra metade cavava mais buracos. Os homens debaixo das árvores não perceberam que os companheiros gritavam, já que estavam entretidos contando histórias que na maioria não passavam de mentiras.

Antes dos gritos dos soldados que cavavam debaixo do forte sol, uma mão em decomposição saiu debaixo da terra e segurou um soldado pelo tornozelo direito, puxando-o para trás. O soldado caiu e sem entender o que estava acontecendo viu aquela mão metade coberta por uma pele esverdeada agarrando-o com força. Os dedos, polegar, indicador e médio possuíam uma pele esverdeada, sebosa e gosmenta. Os dedos, anelar e mindinho não tinham pele. O que o soldado viu foi apenas os ossos que compõe os dedos, a falange, a falanginha e a falangeta.

Enquanto a mão o puxava, o restante do corpo do defunto foi se emergindo da terra. O morto era muito forte.

O soldado com a perna esquerda chutava a cabeça do defunto, que parecia não sentir dor. O morto já tinha metade do corpo para fora da terra quando com uma dentada arrancou a panturrilha do paraguaio.

Enquanto isso os outros soldados que também cavavam eram atacados por outros defuntos que saíam do chão. Os mortos tinham fome e começaram devorar os paraguaios que tentavam resistir, até que um deles escapou e foi em direção ao outro grupo que tomava tereré debaixo de uma árvore.

*- ¡Vamo nos! Los muertos están vivos. Correr, huir.*

Quando os paraguaios que tomavam o tereré se atentaram, os mortos que ainda faltavam ser enterrados estavam de pé andando e tinham cercado-os.

Os defuntos devoravam os soldados paraguaios que resistiam a faca e tiros. Os mortos famintos mastigavam a carne dos soldados e pareciam insaciáveis.

Os paraguaios que caíam no chão eram devorados rapidamente

pelas mandíbulas assassinas. Os mortos não tinham preferência, comiam a carne do rosto dos soldados, da nuca, barriga, costas, nádegas, os órgãos internos e até os genitais não eram poupados. Toda carne paraguaia era saboreada com prazer. Em alguns minutos os paraguaios foram devorados pela legião de mortos vivos que logo em seguida caminhavam pelo terreno pantanoso do Chaco paraguaio.

Sentiam o cheiro de carne viva a distâncias e eram guiados pela fome insaciável em direção aos soldados paraguaios que estavam acampados a um quilômetro dali. Os mortos caminhavam lentamente pela região do Chaco deixando um rastro de sangue pútrido.

Há alguns metros do acampamento paraguaio um soldado se despia de sua vestimenta. Colocou sobre o galho de um arbusto sua chiripá, sua guaiaca e sua camisa. O jovem soldado paraguaio, que aparentava ter em média quinze anos de idade, agachou-se encostando os calcanhares nas nádegas e começou a defecar.

No instante que seu ânus começou a se dilatar para dar passagem às fezes o jovem sentiu uma mordida por trás no alto de sua cabeça que arrancou-lhe metade do couro cabeludo. Em seguida recebeu outra mordida no lado direito do pescoço que provocou o rompimento da jugular. O Chafariz de sangue jorrava sobre os mortos vivos que não paravam o ataque.

A próxima mordida arrancou-lhe o mamilo esquerdo e em poucos segundos o jovem foi retalhado em muitos pedaços. Os mortos disputavam os pedaços do soldado paraguaio. Alguns mastigavam pedaços do braço, outros comiam suas tripas. Os que chegavam por último apenas lambiam os ossos das canelas onde encontravam pouca carne e respingos de sangue.

Sem perder tempo invadiram o acampamento e atacaram os soldados paraguaios desprevenidos. Os que foram devorados primeiro deram oportunidade para outros fugirem e se armar. Depois de alguns minutos os mortos vivos estavam por todo acampamento.

Os paraguaios que conseguiram se armar efetuavam disparos em direção aos mortos que nada sentiam, apenas davam um passo para trás

ao receber o impacto do projétil e continuavam a caminhada. Alguns tiros arrancavam braços e pernas dos defuntos e mesmo mutilados iam em direção aos paraguaios. Alguns soldados viram que era inútil lutar contra os mortos e fugiram embrenhando-se na mata. Os que resistiram foram devorados.

Em menos de uma hora o acampamento do exército paraguaio fora trucidado e os soldados dizimados pelo batalhão dos mortos vivos restando apenas cadáveres mutilados e sem carne pelo chão. Até mesmo os urubus que tentavam se aproximar em busca de alimento foram comidos pelos mortos vivos.

Os soldados paraguaios que eram comidos parcialmente pelos defuntos e entravam em óbito não se tornavam mortos andantes. Morriam e não mais retornavam. Apenas os soldados brasileiros tornavam-se essas criaturas abomináveis e famintas.

Depois do banquete os mortos prosseguiram a caminhada lenta, emitindo sons de gemidos como se sofressem dor, pelo chaco pantanoso em busca de mais carne viva...

Belinda aterrorizada pelo que estava lendo molhou a garganta com o tereré, virou a página e continuou:

### *Batalha de Nhu-Guaçu 16 de agosto de 1869.*

Na batalha de Nhu-Guaçu ou Campo Grande, as forças brasileiras se defrontaram contra o exército paraguaio que era formado, em sua maioria, por crianças e idosos, recrutados pelo ditador paraguaio.

Caxias, o comandante do exército brasileiro, por motivo de saúde regressou ao Brasil. Em abril de 1869, assumiu o comando geral das operações, o marechal conde d'Eu, genro de Dom Pedro II.

O desfecho da batalha foi um verdadeiro massacre das forças paraguaias pelo exército brasileiro. O Conde d'Eu que comandava as tropas brasileiras ordenou que os velhos e as crianças, sobreviventes, fossem queimados vivos. O dia 16 de agosto de 1869, ainda é bem lembrado pelos paraguaios, que comemoram o 16 de agosto com o

“dia de los niños” (ou dia das crianças) em homenagens as crianças mortas nesse dia.

As mulheres que acompanhavam o pelotão paraguaio assistiram seus filhos, maridos e pais serem queimados vivos na fogueira do exército brasileiro. As paraguaias foram estupradas antes mesmo que a fumaça fétida que exalava da fogueira dos corpos se dissipasse no ar.

Nesse dia meu amigo e eu fomos feitos prisioneiros. Meu amigo era mais velho, tinha quase sessenta anos e se chamava Felipe Perez, mais era conhecido por todos pelo sobrenome Perez que utilizava na guerra. É um senhor bonachão dos cabelos castanhos levemente ondulados. Tem um metro e oitenta e três de altura e olhos azuis.

Eu tenho quinze anos de idade e me chamo Virgílio Cardoso meus primeiros fios do bigode ainda não apontaram para fora da pele. Tenho um metro e oitenta de altura, olhos castanhos e cabelos pretos lisos.

Escapamos da fogueira e fomos feitos prisioneiros de guerra para traduzirmos textos em guarani. A língua guarani é usada normalmente pelos paraguaios e serve, sobretudo, para confundir os inimigos.

Depois da carnificina os soldados brasileiros comemoravam a vitória com aguardente e carne bovina, proveniente, provavelmente, de alguma fazenda saqueada na região.

Os oficiais descansavam em cabanas improvisadas, mais luxuosas. Bebiam champanha e desfrutavam de especiarias trazidas da capital do Império brasileiro.

Os soldados distraídos que comemoravam sobre o efeito da aguardente não perceberam que entre as matas pessoas se aproximavam. As pessoas saiam da mata e caminhando lentamente no ritmo da morte iam em direção aos soldados. Os combatentes não suspeitaram que essas pessoas pudessem ser uma ameaça, pois usavam o mesmo uniforme do exército brasileiro. Alguns soldados que estavam próximos ao fogo, onde era assada a carne, puderam enxergar melhor no escuro da noite, graças ao fogo que iluminava parcialmente ao redor da fogueira. A luz do fogo revelou os rostos dos soldados que entravam no acampamento. Tinham a pele apodrecida e feridas purulentas por

todo o corpo. Os olhos expeliam um líquido espesso e amarelo e dos ouvidos saiam sangue coagulado. Alguns tinham a pele despregando da carne, outros estavam mutilados, mas todos estavam vestidos com o uniforme do exército brasileiro.

O soldado que tomava conta da carne assada ao notar que aquelas pessoas não estavam vivas tentou fugir, mas já era tarde. O homem recebeu uma mordida no rosto que arrancou-lhe o olho da face. Tentava reagir enquanto sentia os dentes dos mortos rasgando-lhe a pele e as fibras de seus músculos. Depois de alguns segundos o homem foi ao chão sem vida. No instante que os defuntos assassinos sentiram que o coração dele parou de bombear sangue, pararam-se as mordidas. Ele já não mais servia, precisavam de carne viva. A legião de mortos vivos começou a marchar para dentro do acampamento sem problemas nenhum, pois vestiam o uniforme do exército brasileiro. O jovem soldado brasileiro que acabara de ser atacado e morto pelos defuntos famintos, levantou-se do chão e começou a segui-los. Já não estava mais morto, mas também não estava vivo, tornara-se um deles.

Despreocupados, os soldados foram cercados pelos mortos e atacados. Depois de dias sem comer, vagando pelo Chaco, sentiam novamente o gosto do sangue e da carne humana.

Os soldados que estavam armados começaram a atirar. Atiravam diretamente no coração. Mas não surtia efeito algum. Os soldados iam sendo atacados e logo após a morte retornavam a vida, só que mortos. Dessa forma a legião de mortos vivos aumentava cada vez mais. A cada minuto mais um defunto faminto juntava-se a horda assassina a procura de carne humana. Só os que não se tornavam essas criaturas eram os que foram devorados por completo antes mesmo do coração parar de bater.

Logo após todo o acampamento ser atacado, os mortos seguiram o cheiro de carne viva. Sentiam odor de carne humana viva e foram em direção as cabanas dos oficiais. Dentro das cabanas os oficiais bebiam champanhe e jogavam vários jogos. Disputavam habilidades no tabuleiro de xadrez, gamão ou numa rodada de cartas de baralho.

A jogatina, a diversão e a bebedeira tiraram a atenção dos oficiais que não perceberam que a cabana estava cercada por todos os lados.

Os defuntos assassinos movidos pela fome infinita invadiram a cabana e insanamente mordiam os oficiais. A quantidade de mortos famintos era grande em relação ao número de oficiais. Por isso as criaturas disputavam pau a pau a carne dos vivos.

Os mortos rasgavam as barrigas dos oficiais e retiravam suas vísceras. Rins, estômagos, intestinos, pulmões, coração, fígado, tudo era saboreado. Os que conseguiam abrir os crânios dos oficiais brasileiros degustavam o cérebro deles.

Em meio aos oficiais que resistiam para não serem devorados estava o Conde D'Eu. O genro do imperador foi encurralado num canto e sem mais forças para lutar gritava tentando impor respeito por sua posição de nobre.

- Afastem-se criaturas do inferno. Vocês não sabem quem eu sou? Pois fiquem sabendo que eu sou o Conde D'Eu e se tentarem algo contra mim sentirão a ira do imperador.

Os mortos vivos não se importavam com quem ele era, ou com quem era o imperador. Nobre ou escravo, não passavam de carne. E carne humana era o motivo da existência deles. E assim gritando, apavorado e encurralado foi que o genro do imperador foi devorado pelas criaturas. E não diferente dos demais se juntou ao batalhão dos mortos vivos.

Já não mais se lembrava quem era. Esquecera e abandonara seus títulos de nobreza, agora não passava de mais um defunto assassino devorador de carne humana como todos os outros a procura de saciar sua fome.

Do lado de fora da cabana os dois únicos sobreviventes da carnificina assistiam a tudo aterrorizado pelo que estavam vendo. Perez e eu, os prisioneiros do exército brasileiro, aproveitamos o ataque para escapar.

Os mortos começaram a sair da cabana e caminhar em direção a nós que estávamos escondidos entre os arbustos. Quando percebemos que éramos alvos dos defuntos canibais, embrenhamos na mata e fu-

gimos correndo sem rumo. Lentamente o batalhão dos mortos vivos começou a entrar na mata atrás de nós dos dois, os únicos sobreviventes.

Caminhavam vagarosamente pelo Chaco na escuridão da noite, deixavam para trás apenas podridão. Entre a névoa pantanosa a sinfonia de gemidos anunciava que eles estavam se aproximando...

Belinda folheou o diário e prosseguiu a leitura. Estava curiosa!

*Setembro de 1869...*

Baseando-se na posição do sol nós dois, os únicos sobreviventes do exército paraguaio, acreditávamos ser meio dia, pois o sol ardia sobre nossas cabeças.

Durante a noite, corremos rapidamente distanciando-nos dos defuntos canibais. Aproveitamos a vantagem sobre a lentidão dos mortos para ganhar alguns quilômetros de distância em relação ao batalhão canibal e momentos antes do sol surgir resolvemos tirar alguns minutos de sono.

Caímos no sono e perdemos a noção do tempo. Fomos acordados pela ardência da pele do rosto, que era queimada pelo sol. Mesmo sentindo tontura depois de acordar sobre o efeito dos raios solares podíamos ouvir os gemidos que anunciavam a proximidade dos mortos vivos.

- Perez escute. São os mortos chegando. Ouça os gemidos deles.
- Santa virgem de Caakupé. Vamos embora.

Depois de uma hora já tínhamos atravessado aproximadamente onze quilômetros através do Chaco pantanoso que se estendia pela margem direita do rio Paraguai quando avistamos um acampamento.

- Cardoso olhe. Parece um acampamento.
- Tem uma bandeira imperial brasileira. É um acampamento brasileiro.

- Vamos até lá.

Nos aproximamos lentamente do acampamento se escondendo entre os arbustos e atrás das árvores. Não vimos ninguém, o único

movimento era protagonizado pelos urubus que sobrevoavam o local. O silêncio era total.

Nós, dois soldados do exército guarani atentamente entramos no acampamento. Não vimos ninguém vivo, apenas cadáveres devorados de outros paraguaios que eram reconhecidos pelo uniforme. O que restou de carne nos corpos estava em decomposição, o que atraía os urubus.

Tínhamos os pés feridos não pelas batalhas, pois já estavam acostumados a lutar descalços. Os ferimentos foram causados pela longa caminhada a que fomos submetidos.

- Meus pés doem muito.

- Calma Cardoso. Os meus pés também doem. Essas feridas estão me matando.

- Veja quantos cadáveres. Vamos pegar a bota de algum morto.

Começamos a procurar entre os soldados mortos os que calçavam os mesmos números que os nossos. Depois de alguns minutos já estávamos calçados e andamos por todo o acampamento em busca de sobreviventes vivos.

Para onde direcionávamos os olhos, avistávamos cadáveres mutilados e com marcas de dentadas. Foram vítimas de um ataque dos mortos vivos.

- Cardoso olhe as marcas nos corpos. São dentadas.

- Os mortos passaram por aqui e fizeram um banquete.

- Pode ser que eles estejam por perto.

- Você tem razão Perez, precisamos ficar alerta.

- Você notou que os mortos que andam usam todos uniformes brasileiros.

- É verdade. Ainda não avistei nenhum morto andante com uniforme paraguaio. Entre os aliados não vi nenhuma daquelas criaturas com uniforme argentino ou uruguaio.

- Por que será que só os brasileiros se transformam em mortos vivos?

- Eu não sei.

- Ouça esse barulho. Está vindo daquele lado.

Começamos a olhar fixamente em direção nordeste. O barulho vinha de trás de uma cabana que tinha uma cruz vermelha na entrada. Provavelmente deve ter sido usada para tratamento dos feridos. Parecia uma enfermaria improvisada no meio da região pantanosa.

O barulho era estranho e se assemelhava com o ruído de alguma coisa sendo arrastada lentamente pelo chão. Nos preparávamos para correr quando a criatura saiu vagarosamente de trás da cabana da enfermaria. Inicialmente não acreditamos no que vimos. Aquilo era algo nunca imaginado. Como podia alguém se mover daquele jeito?

A criatura estava partida ao meio e tinha o dorso preso, na região da cintura, por um nervo ou tendão.

O corpo estava dividido em duas partes. A parte inferior tinha aproximadamente um metro e dez centímetros de altura, tendo início do umbigo para baixo e era composta pelas duas pernas, nádegas e genitais. A roupa estava deteriorada e não mais existia, apenas as botas estavam intactas.

A parte superior do corpo tinha cerca de oitenta centímetros e era composta pelo dorso (abdômen e tórax), cabeça e braço esquerdo. O braço direito não existia, fora arrancado do corpo ficando apenas o sinal da mutilação no ombro.

O corpo foi separado em duas partes, provavelmente por um tiro de canhão. A coluna vertebral foi quebrada e o dorso só não se separou por completo dos membros inferiores por um tendão que ainda os ligava pela região do cóccix.

As duas partes do corpo se movimentavam, era como se estivessem sobre um único comando. As pernas cambaleantes davam passos lentos e arrastava o dorso pelo chão.

Será que aquilo tudo não era um sonho? Será que essa monstruosidade era fruto da guerra? Mais a guerra era promessa de felicidade, liberdade e prosperidade, não de desgraça e morte. A guerra revelava sua verdadeira face a nós, soldados paraguaios. Mostrava-nos a monstruosidade que os seres humanos estavam se tornando.

Paralisados em estado de choque observávamos aquela criatura se aproximando devagar.

As pernas eretas pareciam fazer um esforço muito grande para caminhar, pois os joelhos quase não se dobravam. Eretas e enrijecidas, as pernas arrastavam o restante do corpo pelo chão. A costa do dorso deslizava pelo chão recebendo o atrito da terra e provocando o barulho que nós dois ouvimos e nos chamou a atenção.

As tripas não sangravam, pois foram queimadas pela pólvora. O que nos levou a concluir que o disparo do canhão foi efetuado muito próximo da criatura, cauterizando-lhes as vísceras.

A cabeça quicava sobre as ondulações do terreno e pelo impacto com as pedras. Os olhos da criatura bizarra estavam fixos na gente. A boca aberta gemia sempre no mesmo tom. Um gemido que os vivos não conseguem reproduzir. Um gemido ruidoso, provocado pelo apodrecimento das cordas vocais.

O único braço que ainda restava na criatura estava esticado em nossa direção. Parecia querer nos agarrar. A pele podre ia se desmanchando pelo chão, enfraquecida pela decomposição.

- Santa Madre!

- Cardoso vamos sair daqui. Pode haver mais dessas criaturas diabólicas.

Começamos a correr na direção contrária da criatura que foi ficando cada vez mais para trás.

Enquanto corríamos, avistávamos cadáveres no chão de soldados com uniforme do exército argentino e uruguaio. Entre os mortos reconhecíamos até mesmo cadáveres de paraguaios.

Depois que já estávamos longe da criatura, fomos gradativamente diminuindo o ritmo até começar a andar.

- Perez você notou os uniformes dos cadáveres?

- Sim.

- Entre os mortos que realmente morreram não existe um soldado sequer com uniforme brasileiro.

- Ao contrário, os únicos que morrem e voltam a viver são os brasileiros.

- Será que isso não é magia negra?

- Deixe de falar bobagens Cardoso. Claro que não.
- O exército brasileiro é formado por uma grande quantidade de escravos negros. Será que isso não é um tipo de magia africana?
- Se for magia, porque nunca usaram contra os europeus que os escravizaram em seu continente e os trouxeram para cá?
- Não sei.
- Por que não é magia. É outra coisa que esta além do nosso entendimento?
- Como assim?
- Cardoso, nós somos apenas soldados. Não vivemos para pensar ou entender alguma coisa.
- É você tem razão.

Caminhávamos lentamente, mais ainda ofegantes pela corrida em fuga que empreendemos para escapar da criatura.

Perez ofegava mais devido à diferença de idade. Caminhava e pensava na esposa e nos filhos. Sonhava com o dia em que voltaria para sua casa em Assunção. Queria sentir novamente os lábios de sua esposa e poder abraçar os filhos.

Eu também viajava pelas lembranças, dos dias que me foram roubados pela guerra. Era como se pudesse sentir em minha boca o gosto do queijo e do polvilho que minha mãe sempre preparava. Sentia falta do trabalho no campo e no fim da tarde ouvir meu velho pai tocando magistralmente a harpa.

- Perez você tem família?
- Sim. Sou casado e tenho um casal de filhos. Minha mulher e minha filha devem estar em Assunção. Meu filho tem treze anos e deve estar em algum campo de batalha nessa maldita guerra. Prefiro pensar assim a imaginar que ele pode estar morto. E você é casado?
- Não. Mais gostaria de me casar um dia. Moro com meus pais em Concepción. Minha mãe deve estar no rancho e meu pai, assim como seu filho, pode estar vivo em um desses horríveis campos de batalhas ou deve estar morto.
- Quantos anos ele tem?

- Tinha oitenta anos quando o exército de Lopes recrutou-nos para a guerra. Não o pouparam apesar da idade.

- Olhe Cardoso, aqueles canhões Witworth de trinta e dois milímetros estão soltando fumaça pela boca. Isso quer dizer que ainda estão quentes e foram usados há pouco tempo.

- Você acha que ouve uma batalha aqui.

- Não. Acho que eles foram atacados pelos mortos vivos e tentaram resistir.

Caminhamos em direção ao canhão, fomos averiguar de perto. Passamos ao lado de uma barraca de palha de campanha quando foram surpreendidos por uma criatura que saltou de trás da cabana. O ataque foi repentino e certo em direção ao pescoço do Perez, que num golpe de reflexo conseguiu esquivar, eu não tive a mesma sorte. O morto arrancou-me um pedaço de carne do pescoço, abrindo um buraco de aproximadamente cinco centímetros de raio. Por pouco o defunto não mastigou minha jugular.

Gritava enquanto sentia o morto rasgar-me a carne do pescoço. Perez se posicionou atrás da criatura e segurou o defunto pelos ombros, puxando-o para trás.

O morto caiu por cima de Perez sendo empurrado pelo movimento inercial provocado pelo arrebentar da pele do meu pescoço. A criatura rolou por cima de Perez e caiu alguns metros a sua frente.

Meu amigo Perez avistou debaixo dos destroços um mosquetão Minié. Saltou como se fosse mergulhar num rio, caindo de barriga no chão. Agarrou o mosquetão e verificou a pólvora. Estava carregado.

Eu rolava pelo chão e gritava de dor enquanto a criatura já de pé caminhava a passos lentos em direção a Perez. Ele se levantou e mirou no morto. Mirou bem no meio da cara e disparou. O tiro acertou no ombro esquerdo do defunto, arrancando-lhe o braço apodrecido. Perez praguejou em guarani, palavras que não me lembro, por ter errado o tiro. Era impossível acertar devido à tremedeira das mãos, o que dificultava a mira mesmo estando tão próximo ao morto.

O defunto já estava a um metro de Perez que não sabia mais o que fazer. Estava encurralado e sem munição. Mesmo sabendo que a munição não adiantava contra essas criaturas podia usá-las, mesmo assim, para ganhar tempo.

O morto esticou os dois braços em direção ao pescoço do meu amigo e gemendo tentou agarrá-lo. Perez numa reação extintiva, comum ao soldado, cravou a baioneta que estava presa na ponta do fuzil na testa do defunto purulento que caiu para trás se debatendo. Em alguns segundos o morto parecia realmente estar morto, já não mais se movimentava.

Perez se aproximou e certificou-se de que a criatura estava realmente morta. Pisou na cabeça do defunto e puxou o mosquetão pela coronha retirando a baioneta de dentro do crânio da criatura. Não saía sangue pelo orifício feito pela baioneta, apenas uma secreção purulenta de cor ocre era lentamente expelida.

Perez me avistou caído e gemendo de dor com as mãos no pescoço, correu até onde eu estava e levantou-me.

- Cardoso você esta bem?

- Sim. Só sinto muita dor. O sangue já esta coagulando.

- Você viu? Eu consegui matar uma daquelas criaturas.

- Mas como, se elas são resistentes até mesmo a balas de canhões?

- Não sei o que aconteceu. Mas o monstro morreu quando eu atravessei o cérebro dele com a baioneta.

- Então se atacarmos eles na cabeça, eles morrem?

- Sim. Pelo menos aquele está morto agora.

- Perez você viu o que aconteceu com os brasileiros que foram mordidos por essas criaturas? Todos acabaram ficando iguais a elas. Será que eu vou me transformar nessas criaturas demoníacas?

Perez viu o que aconteceu com os brasileiros e não quis que o amigo perdesse a esperança.

- Claro que você não vai se tornar um monstro.

- Socorro, socorro... – Uma voz fraca e cansada nos chamou a atenção.

- Ouça Cardoso. Tem mais alguém vivo por aqui. – A voz ainda chamava.

- Socorro, socorro...

Perez levantou-me passando o braço dele por cima da minha cabeça e usando o ombro como apoio foi me carregando em direção a voz.

- Perez a voz vem de trás das barracas.

Caminhávamos lentamente em direção a voz que pedia socorro. Avistamos um corpo de um homem vivo que pedia ajuda. O homem falava em guarani e vestia, apesar de todo rasgado, um uniforme do exército paraguaio.

- Veja Perez é um dos nossos companheiros de batalha.

- Estou vendo. É um soldado paraguaio.

Nos aproximamos do soldado e pudemos ver por que ele não se levantava. O homem não tinha mais as pernas.

- Socorro me ajude.

- Você é paraguaio? – Perguntei apertando o pescoço ferido.

- Sim. Travávamos uma batalha contra os macacos brasileiros quando os monstros nos atacaram. Devoraram todo mundo, não pouparam os brasileiros muito menos nós.

- Isso aconteceu hoje? – Perguntou Perez olhando com cara de espanto.

- Não. Há dois dias. Só eu sobrevivi. Os brasileiros se transformaram em mortos vivos e os meus companheiros paraguaios foram devorados, sou o único sobrevivente .

Perez sem entender o que estava acontecendo e com muitas dúvidas perguntou:

- Como você sobreviveu esses dias sem tornar-se um morto vivo?

- Os outros sobreviventes morreram um a um. Eu sobrevivi enrolando o que sobrou das minhas pernas com folhas de erva mate na tentativa de estancar o sangue. Os que não tentaram fazer isso foram morrendo aos poucos.

Nosso companheiro paraguaio mutilado observou que eu tinha um ferimento no pescoço provocado por ataque de morto vivo e me aconselhou:

- Se você não quiser morrer, como meus amigos, acho melhor tampar essa ferida com uma folha de erva mate.

O sobrevivente mutilado me deu algumas folhas e pediu que as colocasse no ferimento.

- Você está me dando todas as suas folhas? Vai ficar sem nenhuma? Você não disse que sobreviveu graças a elas?

- Sim. Mais eu quero morrer logo. Pegue-as e fujam daqui. Eu vou ficar e morrer.

No mesmo instante ouvimos os gemidos dos mortos que pouco a pouco se aproximavam.

- Vamos Cardoso precisamos sair daqui. – Disse meu amigo Perez.

- Sim! Vamos!

Os mortos se aproximavam vagarosamente. Podiam sentir o cheiro de carne viva a quilômetros. Nos despedimos do soldado paraguaio mutilado que seria devorado em breve e fugimos correndo. Perez exausto e faminto corria utilizando o pouco que lhe restava de energia. Eu apertava o pescoço com a folha de erva mate e corria atrás de meu amigo...

Belinda fechou o diário e olhava assustada para o namorado.

Dias depois o casal sentou em uma mesa da Feira Municipal e foram recepcionados por um educado garçom.

- Eu quero um sobá. Adoro sobá e você João?

- Eu vou comer um Sobá, um yakimeshi e um yakisoba.

- Uau! Está mesmo com fome. – Disse Belinda impressionada.

Os dois começaram a conversar sobre o que tinham lido do diário do estranho homem.

João ficou imóvel por um segundo assustando Belina. Seus olhos brilhavam.

- É ele, é ele. – João apontou em direção ao homem de terno preto que estava de costa. Belinda virou-se e pode comprovar que realmente era ele mesmo.

O rapaz saiu correndo em direção ao homem que percebeu a presença de João. O estranho de preto, mancando cortou por dentro de uma barraca e fugiu.

João tentou fazer o mesmo trajeto que o estranho mais foi impedido por um senhor asiático. Em poucos segundos varias pessoas tumultuavam o recinto, pois não sabiam o que estava acontecendo.

- Ei! O que está fazendo aqui? – Perguntou um rapaz também com feições orientais.

- Você não pode entrar aí, é a cozinha. Só os funcionários têm acesso.

João não se deu por vencido. Contornou a Feira Municipal pelo lado de fora. Entrou na estação ferroviária e foi na direção onde a barraca, em que o estranho desapareceu, fazia fronteira com a estação.

De longe avistou o estranho homem que caminhou até os fundos as estação e agachou em meio ao matagal desaparecendo. O rapaz correu até o local e com as mãos abria o colonião. João ficou surpreso ao ver o que tinha no chão. Era uma tampa de esgoto. O homem do terno preto entrou na rede de esgoto. Não pensou duas vezes levantou a tampa metálica e entrou.

João ainda podia ouvir os passos do homem e guiado pelo som seguiu pelo túnel escuro. O lugar tinha mau cheiro e as paredes eram úmidas. Tirou o celular do bolso e desligou. O túnel fazia com que qualquer espécie de barulho ecoasse ganhando grandes proporções. João chegou numa curva em forma de éle. Encostou a costa na parede úmida e suavemente projetou a cabeça enxergando o homem logo a frente agachado tirando os sapatos italianos e calçando botas de borracha que estavam penduradas na parede. O trecho a frente era alagadiço. O homem já com as botas nos pés começou a caminhar rapidamente cortando a água fétida. João tirou os tênis e começou a segui-lo. Andava devagar para não ser notado. Sentia os pés afundando em substâncias gosmentas e geladas e a frente via o misterioso homem se distanciando cada vez mais.

Depois de caminhado alguns metros começou a sentir o cheiro fumacento de cigarro. Duas luzes se acenderam, uma atrás e outra adiante de João. Os feixes de luzes ofuscavam a visão de João quando percebeu que eram lanternas.

- Parado aí meu camarada. – Uma voz rouca alertou João. Era o homem a sua frente. O estranho que estava atrás disse:

- É melhor não se mexer. Se não a gente manda bala. Encosta na parede. – João obedeceu com as mãos para cima.

Os dois se aproximaram de João, um empunhava uma escopeta calibre doze e o outro uma pistola automática com mira a *laser*. Mais de perto João pode ver que um vestia calça jeans e camiseta de grife importada. O outro de camisa regata e bermuda.

- O que você está fazendo aqui rapaz? – Perguntou o homem de calça jeans empunhando a escopeta em direção ao rosto de João enquanto o outro revistava os bolsos do invasor.

- Não tem nada, só um celular.

As luzes das lanternas revelavam os rostos dos homens. Tinham a pele cinza e em algumas regiões esverdeada. Pequenas feridas purulentas se esparramavam pelo corpo dos homens armados.

- O que você quer aqui? – tornou a perguntar o sujeito de calça jeans.

- Na verdade eu estou atrás de um homem que acabou de entrar aqui. Acho que o nome dele é Cardoso. Estou com o diário dele.

- Como é o seu nome?

- João.

- Não se mexa. – O homem de calça jeans levou a mão ao bolso e pegou um aparelho celular enquanto o outro ainda mantinha a pistola apontada para o rosto de João. O homem digitou uns números e começou a falar no telefone.

- Moloque! Sou eu, O Toni. Onde você está? Mama mia! – João ouvia assustado a conversa do homem no telefone com uma pistola a sua frente apontada para o rosto. E o estranho homem prosseguiu a conversa no telefone.

- Eu liguei por que aconteceu um imprevisto. Lugero e eu pegamos um maledeto bisbilhotando perto da sede. Eu sei lá o que ele quer. Veio com um papo estranho dizendo que está com seu diário. O que? O que?... Não sei por onde ele entrou. É... Isso... Isso... Falou que estava seguindo-o. Está bem... Sim... Sim...

- Como é o seu nome mesmo? Eu já esqueci. – O rapaz tremendo respondeu.

- João.

- Moloque, Moloque! Você está ouvindo? Ele disse que se chama João. – O homem novamente olhou para o rapaz e perguntou:

- João do que? Qual seu sobrenome?

- João Bela Lugosi. – O homem retornou ao telefone.

- Isso mesmo. O nome dele é esse que o senhor falou. Está aqui na minha frente... – O homem deu uma gargalhada no telefone.

- Estou ouvindo Moloque, pode falar. Sim... Sim... Sim... OK... Tá bom... Sim... Sim... Capiche, Tchau. – O homem olhou para o companheiro que apontava a pistola e disse:

- Lugero abaixa a arma. – O mesmo atendeu e João sentiu-se mais aliviado.

- Siga em frente e vire à direita. Avistará apenas uma porta. Entre nela.

João caminhou por um longo corredor, virou e chegou até uma porta metálica muito grossa. Ruidosamente a porta foi aberta e uma voz o convidou a entrar.

Entre meu amigo. Há muito espero esse momento. – Uma voz misteriosa e rouca recebeu o rapaz.

João sentiu um doce perfume. A sala era muito cheirosa. As fragrâncias de perfumes suaves se misturavam ao odor de cheirosos incensos. João caminhou até o fim do cômodo e percebeu uma passagem para outra sala.

- Entre sem medo. – Disse novamente a mesma voz.

O rapaz prosseguiu e de longe já podia avistar o homem de terno preto sentado numa cadeira.

- Venha sente-se aqui. – O homem apontava para uma cadeira vazia.

João olhava fixamente para o sujeito. Sua aparência cadavérica era assustadora. A pele enrugada lembrava uma ameixa seca e tinha cor estranha. Na cabeça poucos fios. Os cabelos ralos se revelavam depois que o homem retirou um pequeno chapéu de feltro muito parecido ao

que era usado na primeira metade do século passado. Por trás da nuca e caído sobre os dois ombros um tecido muito bonito realçava o visual do homem que parecia ser um ator daqueles filmes com gângsteres de Chicago.

- Quem é você? – Assustado perguntou João.

- Meu nome é Cardoso, mas o pessoal me chama de Moloque. Na verdade não gosto muito desse apelido, mas apelido não é a gente que escolhe. Não é?

- É você o dono do diário?

- Desculpe meu amigo, mas sou eu mesmo. Gostaria de agradecer-lhe por guardá-lo em segurança. – Cardoso disse depois de avistar o diário nas mãos do rapaz. Deitou uma jarra de água com gelos sobre uma guampa. O homem sugou a bomba deliciando-se.

- Ah! Que delícia. Quer tomar tereré?

Não obrigado. – João sentiu asco só de imaginar-se dividindo a mesma bomba com aquele homem purulento.

- Velhos hábitos são difíceis de serem abandonados é o caso do tereré. Não me imagino sem ele.

João queria interromper o homem. Não veio falar sobre tereré. Prosseguiu o rapaz.

- Por que você é, é, é, assim? - Perguntou o rapaz com medo que o homem se ofendesse.

- Já ia tocar nesse assunto, só não sabia como. É já que você facilitou as coisas, então, vamos lá.

- Você é doente, ou algo do tipo?

- Não quero assustar-lhe, mas não sou um doente.

- Então o que você tem?

- Não tenho nada. Apenas meu corpo não vive mais e ao mesmo tempo não estou morto.

- O que? Está brincando comigo. – João apertou os braços da cadeira.

- É isso mesmo. Não estou morto e também não estou vivo.

- Então o que é você?

- Um zumbi, um morto-vivo, um desmorto. Sei lá. As pessoas chamam de vários nomes. Você escolhe o que acha que eu sou.

- Um zumbi? – Os olhos de João quase saltaram do rosto. Pensou em sair correndo. Percebendo o medo no olhar do rapaz o anfitrião tratou de acalmá-lo.

- Acalme-se João. Não lhe causaremos mal algum.

- Então existe mais pessoas assim como você?

- Muitos. Você conheceu três até agora. Além de mim, os dois ítalo-brasileiros lá fora.

- O que você quer de mim?

- Apenas agradecer a gentileza de devolver meu diário. – O zumbi estendeu a Mão pedindo o diário. – Você leu o diário?

- Sim. Ele está aqui. – João devolveu o velho caderno ao zumbi que continuou:

- Infelizmente ele está incompleto.

- Por isso mesmo tenho algumas dúvidas.

- Pode perguntar que eu esclareço a você.

- Como você veio parar aqui em Campo Grande?

- Com o término da guerra Perez e eu, juntamente com outros soldados das quatro nações envolvidas no conflito, perambulamos por toda região do sul de Mato Grosso, até que chegamos numa região de confluência de dois córregos que depois ficariam conhecidos como Prosa e Segredo. Depois de algum tempo a saudade e a esperança ainda não tinham abandonado o coração de Perez que decidiu retornar a Assunção em busca da família, foi aí que nos separamos pela primeira vez depois do término da maldita guerra.

Eu permaneci aqui com os outros sobreviventes, só que conforme a situação, deixamos de ser soldados e inimigos e passamos a ser povoadores unidos. Já passado um ano, Perez retornou trazendo-me a notícia infame da morte de sua esposa e filhos, bem como também a morte de toda a minha família e de outros soldados. O pobre Perez nunca se recuperou da tragédia e cada vez mais se entregou à bebida.

- E você não foi mordido por um morto-vivo durante a guerra?  
Como sobreviveu?

- Você leu isso no diário, não foi? Foi isso mesmo que aconteceu e conforme você já tomou conhecimento através dos meus escritos, Perez e eu encontramos um soldado ainda vivo que me indicou o uso da erva mate para estancar a hemorragia do meu pescoço. Sem saber o pobre soldado indicava-me uma poderosa forma de inibir a infecção. Leigamente comecei a fazer uso das folhas de erva mate como se fossem curativos e depois de certo tempo percebemos que eram as folhas o motivo de nossas vidas. A erva possui propriedades que inibem a proliferação da infecção dentro do organismo.

- Então a erva mate era a cura?

- Não. A erva só funcionava como inibidor. Ela paralisa a infecção não deixando-a dominar todo o seu corpo, mas não a elimina.

- Por isso os soldados brasileiros foram facilmente transformados em zumbis, pois não era comum entre eles o uso de tal erva?

- Isso mesmo. A erva era utilizada de várias formas entre os paraguaios, argentinos e uruguaios. Ingeridas por uma infusão como o chá, bebida como chimarrão ou tereré e ainda mascada pelos soldados. Dessa forma os paraguaios, argentinos e uruguaios resistiram mais a infecção, o que não aconteceu com os combatentes brasileiros que não tinham o hábito de consumir a erva mate. Posso te afirmar meu amigo que após a guerra, o sul de Mato Grosso foi salvo e se reergueu graças à erva mate.

- No ano 1872 tive a grande felicidade de poder olhar nos olhos de um Grande Mineiro que chegou a essa região trazendo o espírito desbravador consigo. Era ele mesmo meu amigo, José Antonio Pereira.

O zumbi levantou-se calçando uma luva cirúrgica e em seguida estendeu a Mao para se despedir de João. Cardoso sabia que sua aparência não era cativante e podia causar repúdio nas pessoas, por isso cobriu a Mao com a luva de borracha. Assim, João não teria problema em tocá-lo. Os dois apertaram as mãos e João foi em direção a saída. Puxou a pesada porta metálica e ouviu o zumbi:

- Espero ser hoje o início de uma grande amizade. Tchau chamigo!

## **Cromoterapia**

*3º Lugar do Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL (ed. 2009)*

**(por EDUARDO GOMES ISMAEL - Campo Grande/MS)**

Escocesa. Era essa a nacionalidade de Jonathan, um dos maiores aficionados por cores que o mundo já pode conhecer. Alguns podem pensar que ele era apenas mais um no meio da imensidão de loucos que perambulam por essa estratosférica Babilônia, defendendo e seguindo suas loucuras e utopias. Mas não. Jonas, como então gostava de ser chamado, foi único e sublime, uma das grandes almas que sonhava em ver um mundo melhor e mais colorido. Traçou ainda jovem um único propósito na vida: analisar o mundo através das cores. Desenrolou em uma mesa um grande o mapa mundi, estudou os mais diferenciados países, pesquisou e se aprofundou nas mais variadas culturas e definiu seu percurso começando sua jornada pela cor branca, a mistura de todas as cores.

Aterrissou na Índia, país de origem do maior pacifista que o mundo teve a honra de conhecer: Mahatma Gandhi. Fascinado pela sua história e seu poder de persuasão que comoveu toda a nação hindu, Jonas viveu intensamente a cultura indiana por um bom tempo, saboreando todos os resquícios da paz espiritual deixadas por Gandhi.

Indo do branco ao preto, Jonas saiu com a alma renovada até pousar na África, quando um outro sentimento o inundou ao entrar em contato com um continente eternamente em luto, que possui um passado negro, cheio de muito sofrimento, exploração e pobreza. Anos e anos de exploração que resultaram em uma nação em constante guerra civil e palco da mais desoladora miséria e fome.

Jonas estava em choque. Mesmo assim, seguiu caminho para o Iraque, onde segundo seu roteiro desbravaria a cor vermelha. De cara, quando saiu do aeroporto, colheu suas amostras avistando diversos corpos destroçados no chão, jorrando sangue, apodrecendo e

se decompondo. Da esquerda para direita e de frente para trás, tudo, literalmente, se resumia à sangue.

Pouco tempo depois Jonas partiu para os Estados Unidos onde foi moleza para ele, ao avistar aquela vastidão de automóveis e fábricas jorrando fumaça, saber que este país com certeza era um dos países mais poluidores do mundo e, no entanto, associável à cor cinza.

Até então Jonas estava incrédulo. Sua composição de cores estava longe de formar algo parecido com um arco-íris. Resolveu relaxar e ir em busca da cor azul e se mandou para Cuba. Chegando na região caribenha, ficou estupefato. Céu e mar, fazendo uma incrível sintonia, irradiavam um azul que dispensava comentários. Os dias se seguiram à base de mojitos, charutos e muita curtição.

E assim foram se passando os anos para Jonas, que desbravava o mundo sedento através dos novos significados que dava às cores como em sua ida à Costa Rica que segundo uma pesquisa era a nação mais feliz do mundo e onde entrou em contato com a cor amarela, indo do outro lado do mundo ao deserto do Atacama e explorando a cor marrom daquela imensidão terrestre e depois à Holanda para explorar a cor laranja.

Quase no final de seu percurso e muito apreensivo por finalizá-lo, Jonas consultou seu roteiro e avistou a cor verde marcada no mapa e o destino: Brasil. Apreensivo e ansioso, tomou um avião e já enquanto sobrevoava a região amazônica pela janela procurava algum sinal dessa gigantesca área verde que lera tanto e o seduzira. Mirava, mirava e nada. Aterrissou, desembarcou e foi em busca de informações para conhecer a famosa região amazônica e então fora informado que já quase nada restava, tudo fora destruído, desmatado, queimado e quase toda a área havia se tornado infértil e desértica. Incrédulo e vendo todo seu árduo trabalho de anos e anos de pesquisa se evaporar, Jonas empalideceu, se sentou e viu seus olhos se encherem de lágrimas comuns e incolores, que na verdade ilustravam a sua nova visão do mundo após todas essas viagens e conhecimentos acumulados: um mundo sem cor nenhuma, vazio e transparente.

# BIOGRAFIA DOS PREMIADOS

## Concurso de Contos Ulisses Serra



### 1º Lugar

**Arlindo Fernandes de Almeida**, escritor, é formado no curso de propaganda e marketing – Escola Superior de Propaganda e Marketing

### 2º Lugar

**Arli Norberto Cardoso Ribeiro** nascido em Corumbá no ano de 1979 e domiciliado em Campo Grande nesses vinte e nove anos. Graduado a licenciatura em História pela UFMS. É funcionário municipal lotado na Secretaria Municipal de Educação, Escola Ernesto Garcia de Araújo, ocupando o cargo de Assistente de Biblioteca.

### 3º Lugar

**Eduardo Gomes Ismael** tem 21 anos, nasceu em Campo Grande em 02/08/1988.

Cursou o ensino fundamental e médio no Colégio Alexander Fleming e 06 meses de Direito na UCDB, quando resolveu morar no México durante 01 ano onde aprendeu o espanhol e inglês.

Em sua volta abandonou o Direito e descobriu sua verdadeira vocação na área de criação, passando a cursar atualmente o 1º ano de “Publicidade e Marketing” e trabalhando na área.

# RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia  
Sul-Mato-Grossense  
de Letras

(Patronos e Titulares)







## CADEIRAS

- N° 01 | Patrono: Nicolau Frageli  
Titular: **Hernani Donato**
- N° 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia  
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- N° 03 | Patrono: Ulisses Serra  
Titular: **Heliophar de Almeida Serra**
- N° 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho  
Titular: **Guimarães Rocha**
- N° 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho  
Titular: **Enilda Mougnot Pires**
- N° 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo  
Titular: **Thereza Hilcar**
- N° 07 | Patrono: José de Mesquita  
Titular: **Américo Calheiros**
- N° 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra  
Titular: **Raquel Naveira**
- N° 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Morais  
Titular: vaga

- N° 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho  
Titular: **José Manoel Fontanillas Frageli**
- N° 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães  
Titular: **José Couto Vieira Pontes**
- N° 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon  
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- N° 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça  
Titular: vaga
- N° 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós  
Titular: **Jorge Antônio Siúfi**
- N° 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras  
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- N° 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro  
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- N° 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado  
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- N° 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy  
Titular: **Abrão Razuk**
- N° 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa  
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- N° 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay  
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- N° 21 | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes  
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- N° 22 | Patrono: Vespasiano Martins  
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- N° 23 | Patrono: Sabino José da Costa  
Titular: **Rui Garcia Dias**
- N° 24 | Patrono: Lobivar de Matos  
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- N° 25 | Patrono: Arnaldo Serra  
Titular: vaga
- N° 26 | Patrono: Pedro Medeiros  
Titular: **Adair José de Aguiar**
- N° 27 | Patrono: Antônio João Ribeiro  
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- N° 28 | Patrono: Raul Machado  
Titular: **Augusto César Proença**
- N° 29 | Patrono: Elmano Soares  
Titular: **José Pedro Frazão**
- N° 30 | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti  
Titular: vaga
- N° 31 | Patrono: Henrique Cirilo Correia  
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- N° 32 | Patrono: Weimar Torres  
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- N° 33 | Patrono: Ovídeo Correia  
Titular: **Flora Egídio Thomé**
- N° 34 | Patrono: Tertuliano Meireles  
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- N° 35 | Patrono: Múcio Teixeira  
Titular: **Rubenio Marcelo**
- N° 36 | Patrono: Franklin Cassiano da Silva  
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- N° 37 | Patrono: Padre José Valentim  
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- N° 38 | Patrono: Enzo Ciantelli  
Titular: vaga
- N° 39 | Patrono: João Tessitori Júnior  
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- N° 40 | Patrono: Lima Figueiredo  
Titular: vaga



Esta obra foi composta em Georgia, impressa pela  
Gráfica Viena em papel offset para a Life Editora  
em janeiro de 2010.

